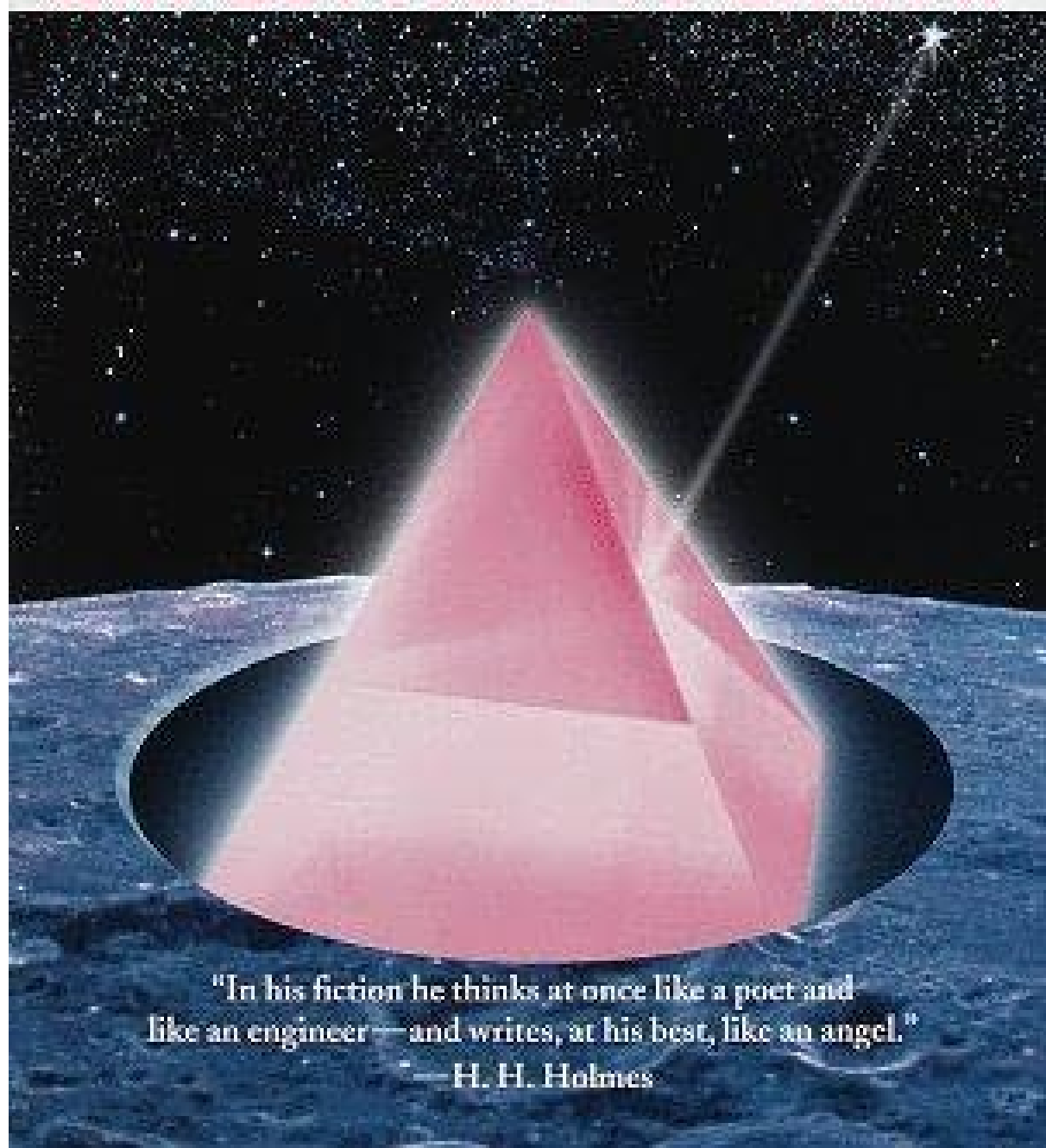


ARTHUR C. CLARKE

Author of the *New York Times* bestseller
3001: The Final Odyssey

EXPEDITION TO EARTH



"In his fiction he thinks at once like a poet and
like an engineer — and writes, at his best, like an angel."

— H. H. Holmes



EXPEDIÇÃO À TERRA

Durante séculos, os nossos artistas têm representado cenas da história do planeta morto, povoando-as com seres fantásticos de todos os gêneros, assemelhando-as, mais ou menos, a nós, embora se tenha frequentemente declarado que, pelo fato de sermos répteis, não se segue que toda a vida inteligente tenha, necessariamente, de o ser. Finalmente, após cinco mil anos de pesquisas, descobrimos a forma e a natureza exatas da vida dominante no Terceiro Planeta!

TÍTULOS ORIGINAIS

- A Segunda Aurora • Second Dawn • © 1951.
- Se eu te esquecesse, Oh Terra... • If I Forget Thee, O Earth... • © 1951.
- Tensão Extrema • Breaking Strain [«Thirty Seconds – Thirty Days»] • © 1949.
- Expedição à Terra • Expedition to Earth [«History Lesson»] • © 1949.
- Superioridade • Superiority • © 1951.
- Nêmesis • Nemesis [«Exile of the Eons»] • © 1950.
- Esconde-esconde • Hide and Seek • © 1949.
- Encontro na Aurora • Encounter at Dawn • © 1953.
- O Imprevisto • Loophole • © 1946.
- Herança • Inheritance • © 1948.
- O Sentinela • The Sentinel [«Sentinel of Eternity»] • © 1951.

*Título Original: **EXPEDITION TO EARTH.**
© 1953. By **Arthur C. Clarke***

A SEGUNDA AURORA

- Aí vêm eles. – disse Eris elevando suas patas dianteiras e virando-se para olhar ao longo do extenso vale. Pena e amargura haviam abandonado seus pensamentos por um instante, até ao ponto que inclusive Jeryl, cuja mente estava mais precisamente ajustada à sua que nenhuma outra, apenas pôde percebê-las. Havia inclusive um gosto de doçura que lhe recordava amargamente aquele Eris que havia conhecido nos dias antes da Guerra, o velho Eris que agora parecia quase tão distante e tão perdido como se estivesse com os outros, lá em baixo na planície.

Uma escura maré fluía subindo pelo vale, adiantando-se com curioso e vacilante movimento, fazendo estranhas pausas e avançando em pequenos saltos. Nos seus flancos brilhava o ouro – a delgada linha de guerreiros atelenios, tão terrivelmente escassos, comparados com a negra massa dos prisioneiros. Porém eram suficientes; na realidade eram somente necessários para guiar aquele rio sem meta em sua indecisa marcha. Contudo, à vista de tantos milhares de inimigos, Jeryl descobriu que tremia, e se achegou instintivamente ao seu companheiro, pele de prata que se apoiava contra a de ouro. Eris não deu sinais de haver compreendido nem tampouco observado o movimento.

O medo se desvaneceu quando Jeryl viu a lentidão com que a corrente escura se adiantava. Haviam-lhe dito que teria que esperar, mas na realidade era ainda pior do que havia imaginado. Ao aproximarem-se os prisioneiros, todo o ódio e a amargura se desvaneceram da sua mente, sendo substituídos por uma dolorosa compaixão. Nenhum da sua raça teria que temer, nunca mais, a horda idiota e sem objetivo que era conduzida através da passagem, até o vale do qual nunca mais sairia.

Os guardas não faziam nada mais que incentivar aos prisioneiros com gritos sem sentido porém alentadores, como babás que chamam crianças pequenas demais para compreender seus pensamentos. Por mais que se esforçasse, Jeryl não conseguia perceber vestígio algum de razão em nenhum daquelas milhares de mentes que passavam tão próximas. Aquilo fez com que se desse conta, mais vividamente que de nenhuma outra coisa, da magnitude da vitória e da derrota.

Sua mente era suficientemente sensível para detectar os primeiros pensamentos vagos das crianças que se limitavam ao limite da consciência. Os inimigos derrotados nem mesmo eram crianças, e sim bebês em corpos de adultos.

A maré passava agora a poucos palmos deles. Pela primeira vez, Jeryl se deu conta do quão maiores que sua própria gente eram os Mitraneos, e quão belamente a luz dos sóis gêmeos resplandecia sobre o cetim escuro dos seus corpos.

Uma magnífico exemplar, que excedia Eris por uma cabeça, separou-se do grupo principal e aproximou-se deles, detendo-se a poucos passos. Em seguida se abaixou como um menino perdido e assustado, movendo incertamente sua esplêndida cabe-

ça, como se procurasse não se sabia o que. Por um momento, seus olhos grandes e vazios contemplaram de frente o rosto de Jeryl. Ela sabia que era tão formosa para os Mitraneos como para sua própria raça, porém não houve nem uma centelha de emoção naquela feição sem expressão, nem pausa nos movimentos sem sentido daquela cabeça inquisitiva. E então um exasperado guarda reconduziu novamente o prisioneiro para junto dos seus companheiros.

- Vamos embora. – disse Jeryl - Não quero ver mais nenhum deles. Porque me trouxeste aqui? - Este último pensamento estava carregado de censura.

Eris começou a afastar-se andando sobre a erva da encosta, dando grandes saltos que ela não poderia esperar igualar, mas, à medida que avançava, sua mente lançou uma mensagem para ele. Os pensamentos dele ainda eram amáveis, mas a dor que havia sob eles era demasiado profunda para ser ocultada.

- Queria que todos, inclusive tu, vissem o que tivemos que fazer para ganhar a guerra. Assim, talvez, já não teremos mais guerra durante nossas vidas.

Eris estava esperando sobre a crista da colina; estava tranquilo, apesar da louca violência da sua ascensão. A corrente de prisioneiros estava agora muito abaixo deles para que pudessem apreciar os detalhes do seu penoso avanço.

Jeryl se agachou junto a Eris e começou a pastar a escassa vegetação que havia emigrado do fértil vale. Começava a recuperar-se lentamente da sua má impressão.

- Mas, que lhes ocorrerá? - perguntou afinal, perturbada ainda pela recordação daquele esplêndido gigante sem razão. Em seu futuro havia um cativo que não poderia jamais compreender.

- Podemos ensiná-los a comer. - disse Eris – No vale existe alimento para meio ano, e em seguida os deslocaremos. Será uma pesada carga para nossos recursos, mas temos uma obrigação moral, e fizemos constar isto no tratado de paz.

- Nunca mais serão curados?

- Não. Suas mentes foram completamente destruídas. Ficarão assim até que morram.

Houve um longo silêncio. Jeryl deixou que seu olhar vagasse pelas colinas, cujas ervas ondulavam suavemente até a borda do oceano. Podia vislumbrar, através de uma abertura entre as colinas, a distante linha azul que indicava o mar, o misterioso e impassível mar. Seu azul logo se fundiria com a escuridão, pois o feroz e branco sol estava se pondo e logo não haveria nada mais que o disco vermelho – centenas de vezes maior, mas que dava menos luz – do seu pálido companheiro.

- Suponho que tivemos que fazê-lo. - disse finalmente Jeryl. Estava mais pensando consigo mesma, mas deixou que escapasse o bastante dos seus pensamentos para que Eris conseguisse ouvi-la.

- Você os viu. - contestou Eris brevemente – Eram maiores e mais fortes que nós, embora fôssemos mais que eles, a partida estava igualada; No final, creio que teriam ganho. Fazendo o que fizemos, salvamos milhares deles da morte, ou da mutilação.

A amargura voltou a entrar em seus pensamentos e Jeryl não se atreveu a olhá-lo. Eris havia aberto uma janela nas profundezas da sua mente, mas Jeryl sabia que ele estava pensando no destroçado côto de marfim quebrado na sua testa. Exceto no final, a guerra havia sido feita somente com duas armas: os cascos agudos como navalhas dos pequenos e quase inúteis membros dianteiros, e os chifres, semelhantes aos dos unicórnios. Eris não poderia nunca mais lutar com um desses, e dessa perda provinha grande parte da áspera amargura que o fazia, as vezes, ferir até os que o queriam.

Eris estava esperando alguém, mas Jeryl não sabia a quem. Jeryl tinha demasiada experiência para não interromper os pensamentos do seu companheiro quando ele

estava com um humor como o de agora, de modo que permaneceu silenciosa ao seu lado, sua sombra fundindo-se com a dele, que se estendia ao longo do cume da colina.

Jeryl e Eris provinham de uma raça que havia sido mais afortunada que a maior parte das outras na loteria da natureza, mas que, contudo, havia perdido um dos prêmios mais importantes. Tinham corpos e mentes potentes e viviam em um mundo temperado e fértil. Ao olhar humano talvez parecessem estranhos, mas de modo algum repulsivos. Seus corpos esbeltos, recobertos de pelos, se estreitavam formando um só membro traseiro, gigante, que lhes permitia dar saltos de 10 metros sobre o solo. Os dois membros dianteiros eram muito menores, e serviam apenas para dar apoio e equilíbrio; terminavam em pontiagudos cascos que podiam ser mortais no combate, mas que não tinham nenhuma outra utilidade.

Tanto os Atelenios como seus primos os Mitraneos, possuíam poderes mentais que lhes haviam permitido desenvolver uma matemática e uma filosofia muito avançadas, mas careciam de domínio sobre o mundo físico. Casas, ferramentas, tecidos, - todos os tipos de artefatos - lhes eram absolutamente desconhecidos. As raças não possuíam mãos, tentáculos ou qualquer outro método de manipulação. Sua cultura talvez houvesse parecido incrivelmente limitada; mas tal era a adaptabilidade da mente e a força da sua personalidade, que poucas vezes se davam conta das suas limitações e não imaginavam outra forma de vida.

Era natural vagarem em grandes manadas sobre as férteis planícies, detendo-se onde abundava a comida e deslocando-se novamente quando esta se esgotava. Esta vida nômade lhes havia dado tempo suficiente para a filosofia e inclusive para certas artes. Seus poderes telepáticos ainda não os haviam privado das suas vozes, e haviam desenvolvido uma música vocal complexa e uma coreografia mais complexa ainda. Porém seu maior orgulho era a extensão dos seus pensamentos; por milhares de gerações haviam feito suas mentes vagarem pelo infinito nebuloso da metafísica.

Da física, assim como de todas as demais ciências da matéria, não sabiam nada, nem sequer sabiam que existiam.

- Alguem está chegando. - disse repentinamente Jeryl - Quem é?

Eris não se deu ao trabalho de olhar, mas sua resposta soou algo tensa.

- É Aretenon. Fiquei de encontrar-me com ele aqui.

- Quanto me alegro por isto. Vocês eram tão bons amigos antes. Me doeu quando brigaram.

Eris escavou nervosamente a erva, como se estivesse embaraçado ou com raiva.

- Fiquei com raiva dele quando me abandonou durante a quinta batalha da planície. Naturalmente, na ocasião eu não sabia porque ele teve que sair.

Os Olhos de Jeryl se abriram com repentino assombro e compreensão.

- Queres dizer que teve algo a ver com a loucura, e a maneira como terminou a guerra?

- Sim. Havia poucos que soubessem mais que ele sobre a mente. Não sei que papel ele desempenhou, mas deve ter sido importante. Acho que nunca poderá nos dizer muito sobre isto.

Ainda a uma distância apreciável abaixo deles, Aretenon subia a colina em zig-zag e com grandes saltos. Um pouco mais tarde os alcançou e, instintivamente, baixou a cabeça para tocar os chifres com Eris, gesto universal de saudação. E então se deteve, terrivelmente embaraçado, e houve uma pausa incomodativa, até que Jeryl salvou a situação com algumas observações convencionais.

Quando Eris falou, Jeryl se sentiu aliviada, pois se deu conta do evidente prazer que ele sentia ao encontrar-se novamente com seu amigo, pela primeira vez depois

da irritada separação no ponto culminante da guerra. Fazia ainda mais tempo que ela havia visto Aretenon pela última vez, e se surpreendeu ao observar o muito que ele havia mudado. Era bem mais jovem que Eris, mas agora ninguém diria isto. Parte da sua pele, anteriormente dourada, estava se tornando negra com a idade, e, com um rasgo do seu antigo humor, Eris falou que logo ele não poderia ser distinguido de um Mitraneio.

Aretenon sorriu.

- Isto teria sido útil durante as últimas semanas. Acabo de passar por seu país, ajudando a reunir os desgarrados. Como já era de se esperar, não somos muito populares. Se houvessem sabido quem era eu, não creio que tivesse conseguido voltar.

- Não estavas verdadeiramente encarregado da loucura, não é? - perguntou Jeryl, incapaz de reprimir sua curiosidade.

Jeryl teve a impressão de que se formava uma espessa neblina defensiva ao redor da mente de Aretenon, protegendo seus pensamentos do mundo externo. E então veio a resposta, estranhamente afogada, com uma sensação de distância que era muito rara no contato telepático.

- Não, eu não tinha o mando supremo. Mas só haviam outros dois entre eu e o mais alto de nós.

- Naturalmente. - disse Eris com certa petulância - Eu não sou mais que um simples soldado e não entendo dessas coisas. Mas gostaria de saber como fizeram. Naturalmente, - acrescentou - nem Jeryl nem eu diríamos a ninguém mais.

Novamente pareceu descer um véu sobre os pensamentos de Aretenon. Em seguida o véu levantou-se. Somente um pouco.

- Há muito pouca coisa que me seja permitido dizer-lhes. Como já sabes, Eris, sempre me interessei pela mente e seu funcionamento. Te lembras dos nossos jogos, quando eu tentava descobrir teus pensamentos e tu fazias de tudo o que podias para evitar? E como às vezes eu te fazia realizar ações contra tua vontade?

- Eu ainda acho, - disse Eris - que não poderias fazer aquilo com um estranho, e que, na realidade eu cooperava inconscientemente.

- Isto era correto na época, mas já não é. A prova está aí abaixo, no vale. - e fez um gesto para os últimos retardatários que os guardas rodeavam. - A maré escura já quase havia passado, e logo a entrada do vale seria fechada.

- À medida que fui crescendo, - continuou Aretenon - passei mais e mais tempo investigando o funcionamento da mente, tentando descobrir por que alguns de nós podemos compartilhar tão facilmente nossos pensamentos, enquanto que outros nunca conseguem e têm que permanecer sempre isolados e solitários, forçados a comunicarem-se por meio de sons e gestos. Também me fascinavam aquelas mentes que estão completamente desequilibradas, de modo que os que as possuem parecem ser menos que crianças.

«Quando a guerra começou, tive que abandonar esses estudos. Em seguida, como já sabem, me chamaram um dia durante a quinta batalha. Mesmo agora eu não estou bem certo quem fez isso. Me levaram para um lugar muito distante daqui, onde encontrei um pequeno grupo de pensadores, a muitos dos quais eu já conhecia.

«O plano era simples e tremendo. Desde o alvorecer da nossa raça, sabemos que duas ou três mentes unidas podiam ser utilizadas para controlar outra mente, se quisesse, da mesma forma que eu costumava te dominar. Desde tempos remotos empregamos esse poder para curar. Agora projetávamos utilizá-lo para destruir.

«Haviam duas dificuldades principais. Uma era relativa à curiosa limitação de nosso poder telepático normal, face ao que, exceto em raras ocasiões, somente podemos contactar à distância com alguém a quem já conhecíamos e não podíamos nos

comunicar com estranhos, a não ser em sua presença.

«O segundo e maior problema, era que se necessitaria do poder de muitas mentes, e até então nunca havia sido possível unir mais que duas ou três. A forma como conseguimos é o nosso principal segredo: como todas as coisas, agora que conseguimos, parece fácil. E uma vez que começamos, foi mais simples do que havíamos suposto. Duas mentes são mais poderosas que o dobro de uma, e três são muito mais poderosas que três vezes uma só. A relação matemática exata é interessante. Já sabes quão rapidamente aumenta o número de formas em que pode ser ordenado um grupo de objetos ao se aumentar o tamanho do grupo. Pois bem, no nosso caso se dá uma relação semelhante.

«E assim conseguimos finalmente nossa Mente Composta. A princípio era instável, e só conseguíamos mantê-la unida durante uns quatro segundos. Ainda constitui um esforço enorme para nossos recursos mentais, e somente podemos fazê-lo durante..., bem, durante o tempo suficiente.

«Como é natural, todas essas experiências foram realizadas no maior segredo. Se nós podíamos fazê-lo, os Mitraneos também poderiam, pois suas mentes são tão boas como as nossas. Tínhamos um certo número deles prisioneiros, e os empregamos como cobaias.

Por um instante, o véu que havia ocultado os pensamentos íntimos de Aretenon pareceu tremer e se dissolver, mas logo se refez.

- Essa foi a pior parte. Já era bastante terrível enviar loucura a um país distante, porém era infinitamente pior poder observar com nossos próprios olhos os efeitos do que fazíamos.

«Quando terminamos de aperfeiçoar nossa técnica, fizemos os primeiros ensaios a longa distância. Nossa vítima foi alguém tão bem conhecido de um dos nossos prisioneiros que a distância entre nós não foi obstáculo. A experiência funcionou bem, e ninguém suspeitou que nós éramos os causadores.

«Não voltamos a operar até que estivéssemos certos de que nosso ataque seria tão avassalador que terminaria a guerra. Através das mentes dos nosso prisioneiros havíamos identificado uns vinte Mitraneos, - seus amigos e parentes - com tantos detalhes que podíamos encontrá-los e destruí-los. Cada mente que caía sob nosso ataque nos permitia conhecer outras, e assim nosso poder foi aumentando. Podemos ter causado muito mais dano que o que pensamos, porque somente atingimos os machos.

- E isso foi - disse Jeryl amargamente - realmente tão misericordioso?

- Talvez não, mas temos a nosso favor o fato de que nos detivemos tão logo o inimigo pediu paz. Como somente nós sabíamos o que havia ocorrido, fomos a seu país para tentar desfazer o dano. Na verdade foi muito pouco o que pudemos fazer.

Fez-se um longo silêncio. O vale agora estava deserto e o branco sol havia se posto. Soprava um vento frio sobre as colinas, indo para onde ninguém poderia segui-lo, para fora, através do vazio, para o sulcado mar.

Eris falou então, quase sussurrando seus pensamentos na mente de Aretenon.

- Não vieste somente para dizer isto, certo? Há algo mais. - Era mais uma afirmação que uma pergunta.

- Sim. - replicou Aretenon - Tenho uma mensagem que te surpreenderá muito. É de Terodimus.

- Terodimus? Mas eu pensava que...

- Acreditavas que estava morto, ou pior ainda, que era um traidor. Não é nem uma coisa nem outra, embora ele tenha vivido em território inimigo durante os últimos vinte anos. Os Mitraneos o trataram com se fosse um deles, e lhe contaram tudo que

ele necessitava. Reconheceram sua mente pelo que era, e mesmo durante a guerra, ninguém tocou nele. Agora ele quer voltar a te ver.

Quaisquer que fossem as emoções que Eris sentiu ao receber notícias do seu antigo mestre, não as revelou. Talvez pensasse na sua juventude, recordando agora que Terodimus havia desempenhado um papel mais importante na formação da sua mente que nenhuma outra influência por si só. Porém seus pensamentos não eram acessíveis a Aretenon, e nem mesmo a Jeryl.

- O que ele andou fazendo todo esse tempo? Perguntou finalmente Eris – E por que quer me ver agora?

- É uma história longa e complicada, - disse Aretenon – mas Terodimus realizou uma descoberta tão notável como a nossa, e que talvez traga consequências ainda mais importantes.

- Descoberta? Que tipo de descoberta?

Aretenon fez uma pausa, olhando pensativo ao longo do vale. Os guardiões regressavam, deixando somente os poucos que seriam necessários para ocuparem-se de possíveis prisioneiros desgarrados.

- Tu sabes tanto da nossa história como eu sei, Eris. - começou – Acreditamos que foi necessário algo assim como um milhão de gerações para que alcançássemos nosso atual nível de desenvolvimento, e isto é um espaço de tempo tremendo. Quase todo o progresso que realizamos é devido aos nossos poderes telepáticos; sem eles seríamos pouco diferentes dos demais animais que mostram semelhanças tão desconcertantes conosco. Estamos muito orgulhosos da nossa filosofia e da nossa matemática, da nossa música e dança. Mas, já te ocorreu alguma vez, Eris, que poderiam haver outras direções de desenvolvimento cultural nas quais nem sequer pensamos? Que poderia haver outras forças no Universo, além das mentais?

- Não compreendo o que queres dizer. Disse Eris com indiferença.

- É difícil explicar e eu não vou tentar, exceto para dizer o seguinte: Te dá conta de quão lamentavelmente escasso é nosso domínio sobre o mundo exterior, e quão realmente inúteis são nossos membros? Não, não pode entender, porque não viu o que eu vi. Mas talvez isto te fará compreender

A estrutura dos pensamentos de Aretenon modularam repentinamente em um tom menor.

- Eu me lembro de haver encontrado certa vez, uma touceira de flores formosas e estranhamente complicadas. Quis saber como eram por dentro e tentei abrir uma, pegando-a com meus cascos e abrindo-a com meus dentes. Tentei uma e outra vez, e fracassei. Afinal, meio louco de raiva, pisei todas aquelas flores no pó.

Jeryl pôde perceber a perplexidade na mente de Eris, mas pôde ver também que se interessava e tinha curiosidade em saber mais.

- Eu também tenho tido sentimentos desse tipo. - admitiu – Mas que podemos fazer? E, ao fim e ao cabo, é realmente importante? Existem muitas coisas neste universo que não são exatamente como desejaríamos.

Aretenon sorriu.

- Correto. Mas Terodimus encontrou a maneira de remediar alguma coisa. Queres ir vê-lo?

- Deve ser uma longa viagem.

- Uns vinte dias daqui, e teremos que atravessar um rio.

Jeryl sentiu que Eris estremecia ligeiramente. Os atelenios odiavam a água, pela simples e excelente razão de que seus ossos eram demasiados pesados para que pudessem nadar, e se afogavam rapidamente se caíssem nela.

- É em território inimigo; não deixarão.

- Eles te respeitarão, e talvez fosse até uma boa ideia se fosses. Um gesto amistoso, por assim dizer.
- Mas necessitam de mim aqui.
- Podes acreditar na minha palavra de que o que fizeres aqui não é tão importante quando a mensagem que Terodimus tem para ti, e para todo mundo.
- Eris velou seus pensamentos durante um instante, em seguida os descobriu brevemente.
- Pensarei nisto. - disse.

* * *

Foi surpreendente como Aretenon conseguiu falar tão pouco durante os muitos dias da viagem. De vez em quando Eris atacava as defesas da sua mente com golpes meio de brincadeira, que eram sempre detidos com habilidade e sem esforço. Sobre a última arma que havia terminado com a guerra, ele não queria falar nada, mas Eris sabia que os que a haviam manejado não haviam se separado ainda e estavam em seu esconderijo secreto. Mas apesar de não querer falar do passado, Aretenon falava com frequência do futuro, com a ansiedade urgente de alguém que havia ajudado a forjá-lo e que não estava certo de ter trabalhado bem. Como outros da sua raça, estava sendo perseguido pela recordação do que havia feito, e uma sensação de culpa que às vezes lhe pesava. Frequentemente fazia observações que deixavam Eris perplexo, mas que nos anos por vir deveria recordar mais e vividamente.

- Chegamos a um ponto crucial da nossa história, Eris. Os poderes que descobrimos serão logo compartilhados com os Mitraneos, e outra guerra significaria a destruição de todos. Toda minha vida trabalhei para aumentar nosso conhecimento da mente, mas agora me pergunto se não trouxe ao mundo algo que é demasiadamente perigoso para que o manejemos. Mas é muito tarde para voltar sobre nossos passos; mais cedo ou mais tarde era necessário que nossa cultura chegasse a este ponto, e que descobrisse o que achamos.

«É um dilema terrível e não há mais que uma solução. Não podemos recuar, e se prosseguirmos adiante poderemos chegar a um desastre. Desta forma, devemos alterar a natureza da nossa civilização, e romper por completo com o milhão de gerações passadas. Não podes imaginar como é possível fazê-lo; tampouco podia eu, até que me encontrei com Terodimus, que me explicou seu sonho.

«A mente é algo maravilhoso, Eris, mas por si só ela é impotente neste universo material. Sabemos agora como multiplicar por um enorme fator o poder dos nossos cérebros; poderemos talvez resolver os grandes problemas matemáticos que têm nos desafiado durante séculos. Mas nem nossas mentes, por si só, nem a mente do grupo que criamos agora, podem alterar, o mínimo que seja, o fato que através da história vem ocasionando o conflito entres nós e os Mitraneos: o fato de que nossa produção de alimentos é limitada e que nossa população não é.

Jeryl os observava, participando pouco em seus pensamentos, enquanto discutiam sobre esses temas. A maior parte dessas discussões tinha lugar enquanto pastavam pois, como todos ruminantes ativos, tinham que passar uma parte considerável do dia procurando alimento. Por sorte, a terra através da qual passavam era extremamente fértil e, para dizer a verdade, sua fertilidade havia sido uma das causas da Guerra. Jeryl observava com satisfação que Eris voltava a ser um pouco o que havia sido antes. O sentimento de amargura frustrada que havia enchido sua mente duran-

te tantos meses não havia se desvanecido, mas não no momento, era tão dominante como havia sido.

Abandonaram a planície aberta no vigésimo segundo dia da sua viagem. Durante muito tempo estiveram se movendo através de território Mitraneio, mas os poucos ex-inimigos que haviam encontrado haviam se mostrado mais inquisitivos que hostis. Agora chegavam ao fim dos pastos e em frente a eles se apresentava a selva com todos seus primitivos terrores.

- Nesta região só existe um carnívoro, - tranquilizou-os Aretenon – e não poderá com nós três. Atravessaremos as árvores em um dia e uma noite.

- Uma noite na selva! - disse Jeryl de forma entrecortada, meio petrificada de terror ante a ideia

Aretenon estava, evidentemente, um pouco envergonhado de si mesmo.

- Não quis avisar antes, - disse desculpando-se – mas realmente não há perigo. Eu já fiz isto várias vezes. Afinal de contas, já não existe nenhum dos grandes carnívoros da antiguidade e também não será realmente escuro, nem sequer no bosque. O sol vermelho ainda estará no alto.

Jeryl estava um pouco trêmula. Descendia de uma raça que, durante milhares de gerações, havia vivido nas colinas elevadas e nas planícies abertas, e confiava em sua velocidade para escapar do perigo. A ideia de aventurar-se entre as árvores, no crepúsculo vermelho, enquanto o sol primário estava oculto, a enchia de pânico. E dos três, somente Aretenon possuía um chifre com que lutar. (não era nem muito longo nem tão agudo, pensou Jeryl, como havia sido o de Eris)

Ainda não se sentia tranquila, nem sequer após transcorrido um dia completamente sem incidentes, que eles se moviam pelo bosque. Os únicos animais que viram foram pequenas criaturas de longas caudas, que subiam e desciam nos troncos das árvores com surpreendente velocidade, tagarelando de raiva à passagem os intrusos. Era divertido observá-los. Mas Jeryl pensava que a selva não ia ser tão divertida à noite.

Seus temores pareciam ter fundamento. Quando o ardente sol branco desapareceu sob as árvores, e as sombras carmesins do gigante vermelho jaziam por toda parte, pareceu descer uma súbita transformação sobre o mundo. Um silêncio repentino varreu a selva, um silêncio quebrado abruptamente por um gemido muito distante, na direção do qual os três se voltaram imediatamente, enquanto em sua mente uivavam advertências ancestrais.

- Que foi isso? - exclamou Jeryl com foz embargada.

Aretenon respirava rapidamente, mas sua resposta foi tranquila.

- Não importa. - disse – Foi muito distante. Não sei o que foi.

E Jeryl compreendeu que ele mentia.

Formaram turnos para vigiar, mas a longa noite foi passando lentamente. De vez em quando Jeryl despertava dos sonhos perturbadores para a realidade de pesadelo das estranhas e torcidas árvores que se agrupavam de forma ameaçadora ao seu redor. Uma vez, enquanto estava de guarda, ouviu o ruído de um corpo pesado que se movia ao longe através do bosque, mas que não se aproximou. Por isto ela não perturbou os outros. Até que finalmente o desejado brilho do sol branco começou a inundar o céu; o dia havia chegado novamente.

Jeryl percebeu que Aretenon se sentia, provavelmente, mais aliviado do que aparentava. Parecia até rejuvenescido, e brincava à luz da manhã, lançando de vez em quando uma mordida nas folhas de alguns ramos coleantes.

- Já não falta mais que meio dia de viagem. - disse alegremente – Teremos saído da selva ao meio-dia.

Havia um certo tom travesso em seus pensamentos que desconcertava Jeryl. Parecia como se Aretenon ainda guardasse outro segredo e Jeryl se perguntava que outros obstáculos teria que vencer. Era meio-dia, ela sabia, pois o caminho estava cortado por um grande rio que fluía lentamente junto deles, como se não tivesse pressa de chegar ao mar.

Eris o olhou com certo desgosto, medindo-o com olhar de perito.

- É demasiado fundo para vadeá-lo aqui. Teremos que subir muito o curso antes de podermos atravessá-lo

Aretenon sorriu.

- Ao contrário, - disse alegremente – vamos descer seu curso.

Eris e Jeryl olharam para ele com assombro.

- Estás louco? - gritou Eris.

- Já não falta muito, vocês verão; chegaram até aqui com minha orientação e bem que podem continuar a confiar em mim durante o resto da viagem.

Imediatamente o rio se alargou e se fez mais fundo. Se antes era impossível de ser atravessado, agora o era em dobro. Eris sabia que às vezes se chega a um arroio sobre o qual caiu uma árvore, de modo que é possível passar caminhando sobre o tronco, se bem que é um risco. Mas aquele rio tinha a largura de vários troncos e não estava se estreitando.

- Estamos quase chegando. - disse por fim Aretenon. - Estou reconhecendo o local. Alguem sairá daquele bosque a qualquer momento. - Fez um gesto com seu chi-fre apontando as árvores do lado oposto do rio e, quase ao mesmo tempo, três figuras saíram do bosque para a margem, dando saltos. Jeryl viu que dois deles eram atelenios, o terceiro era um Mitraneio

Aproximava-se agora de uma grande árvore que se alçava à borda d'água, para a qual Jeryl não deu muita atenção, pois estava demasiado interessada nas figuras na distante margem, perguntando-se o que iriam fazer. De modo que quando o assombro de Eris explodiu como um trovão nas profundezas da sua própria mente, estava no momento demasiado confusa para compreender o motivo. E então voltou-se para a árvore e viu o que Eris havia visto.

Para certas mentes e certas raças, poucas coisas podiam ter sido mais naturais ou mais ordinárias que uma grossa corda atada ao redor do tronco de uma árvore e que flutuava através da água de um rio até outra árvore na margem oposta. Entretanto, encheu Eris e Jeryl com o terror do desconhecido e, por um terrível instante, Jeryl pensou que uma serpente gigantesca estava saindo da água, mas em seguida viu que não estava viva, mas seu terror persistiu, pois era o primeiro objeto artificial que via na sua vida.

- Não se preocupem com o que é nem como foi posto aí. - aconselhou Aretenon – Vai transportá-los para o outro lado e isso é tudo o que importa no momento. Olhem, alguém está vindo para cá agora.

Uma das figuras da margem distante havia descido para a água e avançava com seus membros dianteiros pela corda. Ao aproximar-se, - era um Mitraneio, uma fêmea – Jeryl viu que ela levava uma segunda corda muito menor enrolada ao redor da parte superior do seu corpo.

Com a habilidade de uma longa prática, a estrangeira avançou através do cabo flutuante e emergiu, gotejando, do rio. Parecia conhecer Aretenon, mas Jeryl não pôde interceptar seus pensamentos.

- Posso atravessar sem ajuda alguma, - disse Aretenon – mas vou ensiná-los a ma-

neira mais fácil de fazê-lo. Passou o laço sobre seus ombros e, deixando-se cair na água, enganchou seus membros dianteiros sobre o cabo fixo. Um momento mais tarde, os outros dois da margem oposta o arrastavam a grande velocidade até o outro lado, onde, depois de muito nervosismo, Eris e Jeryl também se reuniram a eles.

Não era o tipo de ponte que alguém poderia esperar de uma raça capaz de tratar facilmente com a matemática de um arco de cimento armado, isso se a possibilidade de tal objeto pudesse ocorrer-lhes. Mas servia para seu objetivo e uma vez que havia sido construído, podia ser facilmente utilizado.

Havia sido construído. Mas, quem o havia construído?

Quando seus gotejantes guias se uniram a eles, Aretenon fez uma advertência aos seus amigos.

- Temo que terão muitas surpresas enquanto estiverem aqui. Verão muitas coisas estranhas, mas quando as compreenderem deixarão de se surpreender. Para dizer a verdade, logo as aceitarão como coisa corriqueira.

Um dos estranhos, cujos pensamentos nem Eris nem Jeryl puderam interceptar, estava lhe comunicando uma mensagem.

- Terodimus está nos esperando. - disse Aretenon – Está muito ansioso para vê-los.

- Venho tentando estabelecer contato com ele, - lamentou-se Eris – mas não tive sucesso.

- Notarão que ele mudou. - disse - Afinal vocês não se têm visto há muitos anos. Talvez passe algum tempo antes que possam restabelecer novamente um contato completo.

O caminho serpenteava através da selva e, de vez em quando, umas curiosas picadas estreitas se ramificavam em diversas direções. Terodimus, pensou Eris, deve na verdade ter mudado muito para haver-se instalado e viver permanentemente entre as árvores. Logo o caminho se abriu formando uma ampla clareira semi-circular com um penhasco baixo e branco ao redor do seu diâmetro. Ao pé do penhasco haviam vários buracos de distintos tamanhos, evidentemente entradas de cavernas.

Era a primeira vez que Eris ou Jeryl entrariam em uma caverna, e não lhes agradava muito a experiência. Sentiram-se aliviados quando Aretenon lhes disse para esperar fora dos orifícios e se dirigiu-se só em direção à enigmática luz amarela pulsante na profundidade. Um momento mais tarde, vagas recordações começaram a pulsar na mente de Eris, e ele soube que seu velho mestre ia sair, embora não pudesse compartilhar completamente seus pensamentos.

Algo moveu-se na escuridão, e Terodimus saiu à luz do sol. Ao vê-lo, Jeryl deu um grito e escondeu a cabeça nos cabelos de Eris, mas Eris se manteve firme, apesar de tremer como nunca tinha acontecido antes, mesmo na batalha. Terodimus resplandecia com uma magnificência que nenhum da sua raça tinha conhecido desde os princípios da história. Em volta do seu pescoço pendia um monte de objetos resplandecentes que captavam e refletiam a luz do sol em miríades de cores, enquanto que seu corpo estava coberto de uma capa de material grosso de muitas cores, que rangia suavemente ao andar. E o seu chifre já não era de um amarelo marfim; alguma magia o havia transformado no mais maravilhoso púrpura que Jeryl jamais tinha visto.

Terodimus permaneceu imóvel por um instante, saboreando ao máximo seu assombro. Em seguida, sua ressoante risada despertou um eco em suas mentes e ele se elevou sobre seu membro traseiro. O vestuário colorido caiu ao solo sussurrando, e com um movimento de cabeça, tirou o brilhante colar, o qual, formando um arco-íris, foi parar em um canto qualquer da caverna. Mas o chifre púrpura permaneceu inalterado.

Eris parecia encontrar-se à borda de um grande abismo, enquanto Terodimus no lado oposto lhe fazia sinais para que ele se aproximasse. Seus pensamentos lutaram para formar uma ponte, mas não pôde estabelecer contacto. Entre eles se encontrava o vazio de meia vida e de muitas batalhas, de um miríade de experiências não compartilhadas, dos anos de Terodimus nessa terra estranha, da sua própria união com Jeryl e da recordação dos seus filhos perdidos. Apesar de se acharem frente a frente, a poucos passos de distância, seus pensamentos já não poderiam encontrar-se nunca mais.

E então Aretenon, com todo o poder e autoridade de sua habilidade insuperável, fez algo em sua mente, que depois Eris não pôde lembrar nunca. Somente soube que os anos pareciam haver sido obliterados, e que era uma vez mais o ansioso e veemente aluno e que podia falar novamente com Terodimus.

* * *

Dormir sob a terra era estranho, porém menos desagradável que passar a noite entre os terrores desconhecidos da selva. Enquanto observava como as sombras carmesim escureciam além da entrada da pequena caverna, Jeryl tratou de juntar seus pensamentos dispersos. Só havia compreendido uma pequena parte do que havia se passado entre Eris e Terodimus, mas sabia que estava acontecendo uma coisa incrível. A evidência dos seus próprios olhos era o suficiente para prová-lo: havia visto coisas para as quais não existiam palavras na sua linguagem.

E tinha ouvido coisas também. Ao passar diante de uma das entradas das cavernas, havia percebido um zumbido rítmico que procedia dali, diferente do que faria qualquer animal conhecido. Era constante, sem pausa nem interrupção, durante todo o tempo em que pôde ouvir, e inclusive agora, seu ritmo calmo continuava na sua mente. Achava que Aretenon também o havia ouvido, mas sem mostrar surpresa alguma.

Eris tinha estado demasiado ocupado com Terodimus. O velho filósofo havia lhe falado muito pouco, dizendo que preferia mostrar-lhes seu império quando houvessem descansado toda uma noite. Quase toda sua conversa havia se referido aos acontecimentos do seu próprio país durante os últimos anos. Jeryl tinha achado aborrecido. Somente uma coisa lhe havia interessado e não tinha olhos para quase nada mais. E isto era a maravilhosa cadeia de cristais coloridos que Terodimus tinha carregado ao redor do pescoço. O que era ou como havia sido criada, não poderia imaginar, mas a cobiçava. Ao adormecer pensava vagamente, mas um pouco a sério, na sensação que causaria se voltasse para sua gente com uma tal maravilha resplandecendo sobre sua própria pele. Cairia muito melhor nela do que sobre o velho Terodimus.

Aretenon e Terodimus se reuniram na caverna pouco após a aurora. O filósofo havia prescindido dos seus adornos – que evidentemente só havia usado para impressionar seus hóspedes – e seu corpo tinha voltado ao amarelo habitual. Isto era algo que Jeryl podia compreender, pois havia visto frutos cujos sucos produziam mudanças de cor semelhantes.

Terodimus instalou-se na entrada da caverna. Começou sua narrativa sem preliminares e Eris adivinhou que devia tê-la contado antes, muitas vezes, a visitantes anteriores.

- Cheguei a este lugar, Eris, uns cinco anos atrás depois de sair do nosso país. Como sabes, sempre me havia interessado pelos países estrangeiros. A respeito dos Mitraneos, eu havia ouvido rumores que me haviam intrigado muito. Como consegui segui-los até sua origem, é uma história que agora pouco importa. Em um verão, cruzei o rio muito no alto, quando a água estava muito baixa. Não há mais que um lugar onde se possa fazê-lo e ainda assim, somente nos anos mais secos. Mais acima o rio se perde nas montanhas, e não creio que haja nenhum caminho através delas. De modo que isto é virtualmente uma ilha, quase completamente isolada, do terreno Mitraneo

«É uma ilha, mas não está desabitada. A gente que vive aqui se chama Filenios, e têm uma cultura muito notável, inteiramente diferente da nossa. Vocês já viram alguns dos produtos desta cultura.

«Como já sabem, em nosso mundo há muitas raças diferentes, e bastantes delas têm uma certa inteligência. Porém há um grande abismo entre nós e todas as demais criaturas. Pelo que sabemos, nós somos os únicos seres capazes de pensamento abstrato e de processos lógicos complexos.

«Os Filenios são uma raça muito mais jovem que a nossa e constituem um intermediário entre nós e os demais animais. Têm vivido aqui, nesta ilha, que é bastante grande, durante vários milhares de gerações, mas sua velocidade de desenvolvimento tem sido muitas, muitíssimas vezes maior que a nossa. Não possuem nem compreendem nossos poderes telepáticos, mas têm algo que nós bem poderíamos invejar, algo que é a causa de toda sua civilização e do seu progresso incrivelmente rápido.

Terodimus fez uma pausa e levantou-se lentamente.

- Sigam-me. Disse – Eu os levarei para ver os Filenios

Conduziu-os de volta às cavernas, das quais haviam saído a noite anterior, detendo-se frente à entrada onde Jeryl havia ouvido aquele sussurro estranho e rítmico. Agora o ruído estava mais claro e mais forte e Jeryl observou como Eris se sobressaltou, como se o estivesse escutando agora, pela primeira vez.

Terodimus emitiu um agudo assobio e imediatamente o zumbido foi se debilitando, baixando oitava por oitava, até desvanecer-se no silêncio. Um momento depois algo saiu da escuridão dirigindo-se até eles.

Era uma pequena criatura, com somente metade da sua própria altura, e não saltava, e sim caminhava sobre dois membros unidos que pareciam delgados e débeis. Sua grande cabeça esférica era dominada por dois enormes olhos, situados a bastante distância entre eles, e capazes de movimento independente. Mesmo com a maior boa vontade do mundo, Jeryl não o achou muito atraente.

Então Terodimus assoviou novamente e a criatura levantou para eles seus membros dianteiros.

- Olhem bem, - disse Terodimus suavemente – e verão a resposta a muitas das suas perguntas.

Pela primeira vez Jeryl viu que os membros dianteiros daquela criatura não terminavam em cascos, nem, para dizer a verdade, em forma de nenhum outro animal que conhecesse. Em lugar disso, dividiam-se em pelo menos uma dúzia de tentáculos flexíveis e delgados, e em duas garras em forma de ganchos.

- Aproxima-te dele, Jeryl. - ordenou Terodimus – Tem algo para ti.

Em dúvida, Jeryl se adiantou. Observou que o corpo da criatura estava cruzado de faixas de metal escuro, às quais estavam presos uma série de objetos não identificáveis. O Filenio levou um membro dianteiro a um desses objetos e uma tampa se abriu, revelando uma cavidade dentro da qual algo resplandecia. Em seguida os pe-

quenos tentáculos pegaram aquele maravilhoso colar de cristal e, com um movimento tão rápido e tão hábil que Jeryl mal pôde seguir, o Filenio adiantou-se e prendeu-o ao redor do seu pescoço.

Terodimus mentalmente afastou sua confusão e recusou sua gratidão, mas sua velha e astuta mente ficou bem satisfeita. Agora Jeryl seria sua aliada em tudo que ele projetasse. Porém as emoções de Eris talvez não seriam tão facilmente influenciadas e, naquela questão, a lógica por si só não era suficiente. Seu antigo aluno havia mudado tanto, havia sido ferido tão profundamente no passado, que Terodimus não podia estar certo do êxito. Contudo tinha um plano que poderia mudar aquelas dificuldades a seu favor.

Deu outro assovio e o Filenio fez um curioso cumprimento com a mão e desapareceu na caverna. Um momento mais tarde o curioso zumbido saltou novamente do silêncio; mas a curiosidade de Jeryl estava agora completamente dominada pelo deleite que lhe produzia sua nova posse.

- Iremos através dos bosques, - disse Terodimus - ao estabelecimento mais próximo; está muito perto daqui. Os Filenios não vivem ao ar livre como nós. Na realidade, diferem de nós em quase todos os aspectos possíveis. Inclusive eu temo, - acrescentou pensativamente - que seu caráter é muito melhor que o nosso, e creio que um dia serão inteligentes. Mas primeiro deixe que lhe explique o que aprendi sobre eles, do modo que possa compreender o que planejo fazer.

* * *

A evolução mental de qualquer raça está condicionada, inclusive dominada, por fatores físicos que aquela raça quase invariavelmente aceita como parte da ordem natural das coisas. As mãos maravilhosamente sensíveis dos Filenios lhes haviam permitido encontrar, por experimentação e por testes, coisas que a outra única espécie inteligente do planeta havia demorado mil vezes mais tempo em descobrir por pura dedução. Muito rapidamente, no curso da sua história, os Filenios haviam inventado simples ferramentas. Destas, haviam passado aos tecidos, à cerâmica e ao uso do fogo. Quando Terodimus os descobriu, já haviam inventado a roda de oleiro, e estavam a ponto de entrar na sua primeira Idade do Metal, com tudo que isto significava.

No aspecto puramente intelectual, seu progresso havia sido menos rápido. Eram inteligentes e hábeis, mas não gostavam do pensamento abstrato e sua matemática era puramente empírica.

Sabiam, por exemplo, que um triângulo com os lados em relação três:quatro:cinco era retângulo, mas ainda não haviam nem suspeitado que este era somente um caso de uma lei muito mais geral. Seus conhecimentos estavam cheios de grandes lacunas deste tipo, e não pareciam ter pressa em preenchê-las, apesar da ajuda de Terodimus e da sua dúzia de discípulos.

Adoravam Terodimus como a um deus, e durante duas gerações inteiras da sua raça de vida curta lhe haviam obedecido em tudo, dando-lhe os produtos da sua habilidade que ele necessitava e fazendo, por orientação sua, as novas ferramentas e dispositivos que lhe ocorressem.. Essa associação havia sido extraordinariamente fértil, pois era como se ambas as raças houvessem repentinamente se libertado das suas cadeias. Uma grande habilidade manual e um grande poder intelectual se haviam fundido em uma frutífera união, provavelmente única em todo o universo, e um grande progresso, que normalmente teria requerido milênios, havia sido alcançado

em menos de uma década.

Tal como Aretenon lhes havia prometido, embora Eris e Jeryl vissem muitas maravilhas, não encontraram nada que não pudessem compreender, uma vez que viram os pequenos artífices Filenios trabalhar e observavam com que arte mágica suas mãos moldavam os produtos materiais dando-lhes formas úteis e formosas. Também suas minúsculas cidades e primitivas granjas logo deixaram de ser maravilhas e passaram a ser parte da ordem natural das coisas.

Terodimus os deixou contemplar à vontade, até que vissem todos os aspectos daquela sutil cultura da Idade da Pedra. Como não haviam visto coisa semelhante antes, não lhes pareceu nada incongruente ver um oleiro Filenio - que apenas sabia contar até dez - formar uma série de superfícies algébricas complexas sob a direção de um jovem matemático Mitraneio. À semelhança de todos da sua raça, Eris possuía um tremendo poder de visualização mental, mas se deu conta de quão mais fácil seria a geometria se alguém pudesse realmente ver as formas que considerava. Desse princípio (embora ele não pudesse adivinhar), evoluiria algum dia a ideia de uma linguagem escrita.

De todas as coisas, o que mais fascinava Jeryl era ver como as pequenas mulheres Filenias teciam em seus primitivos teares. Poderia permanecer sentada por horas, contemplando as voadoras lançadeiras e desejando poder usá-las. Uma vez tendo visto fazer, parecia tão simples e óbvio, e tão completamente fora do alcance dos brutos e inúteis membros da sua própria gente.

Chegaram a apreciar muito os Filenios, os quais pareciam ansiosos em agradá-los e infantilmente orgulhosos de todas suas habilidades manuais.

Neste ambiente novo e original, e vendo a cada dia novas maravilhas, Eris parecia ir se recuperando de algumas das cicatrizes que a guerra havia deixado na sua mente. Mas Jeryl sabia que ainda restava muito dano por reparar. Às vezes, e antes que ele pudesse ocultá-las, encontrava abertas e amargas feridas nas profundezas da mente de Eris e temia que muitas delas – como seu chifre quebrado – não se curariam nunca. Eris havia odiado a guerra, e a forma como esta havia terminado ainda o oprimia. Mas, além disso, Jeryl sabia, torturava-o o medo de que pudesse acontecer de novo.

Frequentemente discutia essas dificuldades com Terodimus, a quem agora apreciava muito. Não podia ainda compreender totalmente porque ele lhes tinha feito ir ali, ou quais eram seus planos e os dos seus discípulos. Terodimus não tinha pressa em explicar suas ações, pois desejava, na medida do possível, que Eris e Jeryl fizessem suas próprias deduções. Mas finalmente, cinco dias depois da sua chegada, ele os chamou à sua caverna.

- Agora já viram – começou – a maior parte das coisas que podemos mostrar-lhes aqui. Sabem o que os Filenios podem fazer e talvez tenham pensado que muito das nossas vidas se enriquecerão, uma vez que possamos utilizar os produtos da sua habilidade. Isto foi o que primeiro pensei quando cheguei aqui há muitos anos.

«Era uma ideia óbvia mas bem infantil, porém me levou a uma outra muito mais importante. À medida que fui conhecendo os Filenios e observei rapidamente que suas mentes haviam avançado em tão curto tempo, me dei conta da tremenda desvantagem que nossa raça sempre havia sofrido. Comecei a me perguntar quanto mais haveríamos avançado se tivéssemos tido o domínio dos Filenios sobre o mundo físico. Não é simplesmente uma questão de comodidade, nem da possibilidade de fabricar coisas bonitas como este teu colar, Jeryl, e sim de algo mais profundo. É a diferença entre a ignorância e o conhecimento, entre a debilidade e o poder.

«Temos desenvolvido nossas mentes, e somente nossas mentes, até o ponto em

que já não podemos avançar mais. Como Aretenon falou, chegamos agora a um perigo que ameaça toda nossa raça. Estamos sob a sombra da arma irresistível, contra a qual não há defesa.

«A solução está literalmente nas mãos dos Filenios Temos que utilizar nossa habilidade para transformar nosso mundo e eliminar assim a causa de todas nossas guerras. Temos que voltar ao princípio e estabelecer novamente os fundamentos da nossa cultura. E não será somente nossa cultura, pois a compartilharemos com os Filenios Eles serão as mãos e nós os cérebros. Oh! Eu tenho sonhado num mundo futuro, que pode chegar dentro de séculos, quando mesmo as maravilhas que agora vêm ao seu redor serão consideradas brincadeiras infantis. Mas nem todos são filósofos, e necessitam de argumentos mais substanciais que puros sonhos. E acredito ter encontrado este argumento definitivo, embora não tenha certeza.

«Te pedi que viesses aqui, Eris, em parte porque queria renovar nossa antiga amizade e em parte porque tua palavra agora terá muito mais influência que a minha. És um herói entre teu próprio povo, e os Mitraneos também te ouvirão. Quero que regresSES, levando contigo alguns Filenios e seus produtos. Mostra-os ao teu povo e pede-lhes que enviem seus jovens para cá, para ajudar-nos em nosso trabalho.

Fez-se uma pausa, durante a qual Jeryl não conseguiu inteirar-se completamente dos pensamentos de Eris. E então, este replicou um pouco vacilante:

- Mas ainda não compreendo. Estas coisas que os Filenios fazem são muito bonitas e algumas delas nos podem ser úteis. Mas, como podem transformar-nos tão profundamente como você parece acreditar?

Terodimus suspirou. Eris não podia ver além do presente, no futuro que não existia ainda. Não havia captado, como Terodimus, a promessa que se encontrava atrás das atarefadas mãos e ferramentas dos Filenios, as primeiras e vagas imitações da Máquina. Talvez não pudesse nunca compreender, mas ainda podia ser convencido.

Velando seus pensamentos mais profundos, Terodimus disse:

- Talvez algumas dessas coisas sejam brinquedos, Eris, mas poderão ser mais poderosas do que te parecem. Sei que causaria grande pesar a Jeryl ter que prescindir da sua..., e talvez possa encontrar uma que te convença também.

Eris parecia cético e Jeryl dava-se conta que ele estava em um dos seus tenebrosos humores.

- Duvido muito. - disse – Bem, podemos tentar.

Terodimus assoviou e um dos Filenios se aproximou correndo. Houve uma breve troca de palavras.

- Podes vir comigo, Eris? Demoraremos pouco.

Eris o seguiu, enquanto os outros, por indicação de Terodimus, ficaram. Saíram da grande caverna e se dirigiram para a fileira das cavernas menores, que os Filenios utilizavam para suas diversas indústrias.

O estranho zumbido estava ressoando mais fortemente nos ouvidos de Eris, mas no momento ele não pôde ver sua origem, pois a luz das grosseiras lâmpadas de azeite era muito fraca para seus olhos. Em seguida notou um dos Filenios inclinado sobre uma mesa de madeira, em cima da qual algo girava rapidamente, movido por uma correia unida a um pedal que outra das pequenas criaturas operava. Tinha visto que os Alfarenos utilizavam um dispositivo semelhante, mas este era diferente. Estava moldando madeira, e não argila. Os dedos do operário haviam sido substituídos por uma afiada folha de metal da qual saíam longos e delgados arames que se enrolavam em forma de fascinantes espirais. Com seus grandes olhos, os Filenios, que não gostavam da luz do sol, podiam ver perfeitamente na penumbra, mas passou algum tempo antes que Eris pudesse compreender o que estava acontecendo. Mas em

seguida, repentinamente, compreendeu.

* * *

- Aretenon, - disse Jeryl, quando os outros os deixaram – porque os Filenios tem que fazer todas essas coisas para nós? Sem dúvida já são felizes tal como são, não?

Aretenon pensou que tal pergunta era característica de Jeryl e que Eris nunca a haveria feito.

- Farão tudo que lhes dissermos, - respondeu – mas, além disso, há também muita coisa que nós podemos dar-lhes. Quando dedicamos nossas mentes a seus problemas, podemos ver formas de resolvê-los, o que nunca aconteceria com eles. Têm muito interesse em aprender e já devemos ter feito sua cultura avançar em centenas de gerações. E também fisicamente; são muito débeis. Apesar de não possuírem sua destreza, nossa força torna possível tarefas que eles não poderiam nem tentar.

Estavam passeando na margem do rio e se detiveram um momento contemplando as tranquilas águas que deslizavam para o mar. Jeryl voltou-se para subir seu curso, mas Aretenon a deteve.

- Terodimus não quer que andemos por ali, ainda. - explicou – Não é senão outro dos seus pequenos segredos. Ele nunca gosta de revelar seus planos até que estejam no ponto.

Um pouco aborrecida e francamente curiosa, Jeryl deu a volta obedientemente. Naturalmente iria lá, tão logo não houvesse alguém nos arredores.

Era muito tranquilo ali, sob a quente luz do sol, entre lacunas de calor rodeadas de árvores. Jeryl quase já havia perdido seu medo da selva, apesar de saber que nunca seria verdadeiramente feliz nela.

Aretenon parecia muito abstraído, e Jeryl se dava conta de que ele queria dizer algo e estava pondo seus pensamentos em ordem. E logo ele começou a falar, com a liberdade que somente é possível entre duas pessoas que se apreciam, mas que não têm laços sentimentais entre elas.

- É muito penoso, Jeryl, - começou – voltar as costas ao trabalho de toda uma vida. Há um tempo atrás eu tinha esperanças que as grandes novas forças que descobrimos pudessem ser empregadas impunemente, mas agora já sei que é impossível, pelo menos por muitos anos. Terodimus tinha razão, já não podemos progredir somente com nossas mentes. Nossa cultura tem sido excessivamente unilateral, apesar de que não temos culpa disto. Não podemos resolver o problema fundamental da paz e da guerra sem ter um domínio sobre o mundo físico, como têm os Filenios, e que nós esperamos aprender deles.

«Talvez haverão aqui outras grandes aventuras para nossas mentes, que nos façam esquecer o que teremos que abandonar. Por fim, podemos aprender algo da natureza; qual é a diferença entre o fogo e a água, entre a madeira e a pedra, o que são os sois, que são aqueles milhões de débeis luzes que vemos no céu quando os dois sois se põem. Talvez as respostas a todas essas perguntas se encontrem no final do novo caminho ao longo do qual temos que seguir.

Fez uma pausa.

- Novos conhecimentos, nova sabedoria, em reinos que nunca havíamos antes sonhado. Talvez nos afaste dos perigos em que temos entrado; pois com certeza, *nada do que possamos aprender da natureza constituirá perigo tão grande como o que*

descobrimos em nossas próprias mentes.

O curso dos pensamentos de Aretenon se viu repentinamente interrompido, e então disse:

- Creio que Eris quer lhe ver.

Jeryl se perguntou porque Eris não havia enviado a mensagem diretamente para ela; se perguntou também a que se devia o tom vagamente divertido – ou talvez fosse outra coisa? - na mente de Aretenon.

Não se via nem rastro de Eris quando ela se acercou das cavernas, mas ele a estava esperando e se aproximou dando saltos à luz do sol, antes que ela pudesse chegar à entrada. E então Jeryl deu um grito involuntário, e recuou um passo ou dois, enquanto seu companheiro se aproximava dela. Eris estava inteiro novamente. O chifre quebrado havia desaparecido, sendo substituído por um chifre novo e resplandecente, não menos esplêndido que o que havia perdido.

Com um gesto um pouco tardio de saudação, Eris tocou chifres com Aretenon. E desapareceu na selva dando grandes e alegres saltos, porém não sem que antes sua mente tivesse encontrado a de Jeryl como poucas vezes havia feito antes, desde os dias de antes da guerra.

- Deixe-o ir. - disse suavemente Terodimus – Preferirá ficar só. Quando regressar, creio que o achará diferente. - riu-se um pouco – Os Filenios são espertos, não é verdade? Talvez agora Eris aprecie mais os brinquedos deles.

- Já sei que sou impaciente, - disse Terodimus – mas sou velho, e queria ver o começo das transformações durante minha própria vida. Por esta razão estou começando tantos projetos ao mesmo tempo, com a esperança de que pelo menos alguns deles tenham êxito. Porém, entre todos, este é aquele no qual pus mais fé.

Por um instante se perdeu em seus pensamentos. Apenas um entre cem dos da sua própria raça poderia compartilhar completamente seu sonho. Inclusive Eris, apesar de que agora acreditava nele, mas era mais com o coração que com a mente. Talvez Aretenon, o brilhante e sutil Aretenon, tão desesperadamente ansioso por neutralizar os poderes que havia trazido ao mundo, poderia ter vislumbrado a realidade. Mas, de todas as mentes, a sua era a mais impenetrável, exceto quando ele desejava o contrário.

- Tu sabes tão bem como eu, - continuou Terodimus, enquanto subiam a corrente – que nossas guerras se devem somente a uma razão: comida. Nós e os Mitraneos nos encontramos prisioneiros neste continente com seus recursos limitados, e nada podemos fazer para aumentá-los. Contra nós sempre se levanta o pesadelo da inanição e, apesar da inteligência de que tanto nos orgulhamos, não há nada que possamos fazer para evitá-lo. Oh, sim, conseguimos escavar laboriosamente alguns canais de irrigação, mas quão pequeno foi o resultado!

«O Filenios descobriram como cultivar colheitas que aumentam em muitas vezes a fertilidade do solo. Eu creio que nós podemos fazer o mesmo, uma vez que tenhamos adaptado suas ferramentas para nosso próprio uso. Esta é nossa primeira e mais importante tarefa, mas não é aquela à qual me dedico com mais afã. A solução final do nosso problema, Eris, deve ser o descobrimento de novas terras virgens, para as quais nosso povo possa emigrar.

Sorriu ante o assombro do outro.

- Não, não pense que estou louco. Tais terras existem, estou certo disto. Uma vez me encontrava à borda do oceano e observei um bando de pássaros que vinham para a terra, desde os confins do mar. Também os vi voar para mar fora com tal determinação, que estou certo que eles iam a algum outro país. E eu os segui com meus pensamentos.

- Mesmo se sua teoria estiver certa, e provavelmente está, - disse Eris – de que nos pode servir isto? - assinalou com um gesto ao rio que fluía junto deles – Nós nos afogamos na água, e não podemos construir uma corda que nos suporte... - seus pensamentos se desvaneceram repentinamente em um caos de ideias

Terodimus sorriu.

- Já vi que adivinhaste o que tenciono fazer. Bem, agora poderás ver se tens razão.

Haviam chegado a um local plano da margem, onde um grupo de Filenios trabalhava afanosamente sob a supervisão de alguns dos ajudantes de Terodimus. Junto à borda d'água, havia um estranho objeto que, segundo concluiu Eris, consistia em muitos troncos de árvores unidos por meio de cordas.

Continuaram observando fascinados até que o organizado tumulto chegou ao seu ponto culminante.

Houve muito estirar e empurrar, até que a balsa entrou pesadamente na água, produzindo uma grande chuvarada de pingos. Apenas haviam cessados os salpicos, e um jovem Mitraneio saltou da margem e começou a dançar alegremente sobre os troncos que agora se soltavam de suas amarras, como se ansiosos para se desprender e seguir o curso do rio até o mar. Um momento mais tarde outros se haviam unido a ele, regozijando-se do domínio de um novo elemento. Os pequenos Filenios, incapazes de saltar, permaneceram de pé contemplando pacientemente, da margem, como se divertiam seus amos.

A cena era tão alegre, que nenhum dos presentes podia deixar de percebê-lo, se bem que poucos entre eles se davam conta de que se encontravam em um ponto crucial da história. Somente Terodimus se manteve um pouco afastado dos demais, perdido em seus próprios pensamentos. Sabia que aquela primitiva balsa não era mais que um começo. O trabalho demandaria anos, e não era provável que ele pudesse ver os primeiros viajantes em seu regresso daqueles países fabulosos cuja existência não passava ainda de uma hipótese. Mas o que ele havia começado, outros terminariam.

Sobre sua cabeça, um bando de pássaros passava através da selva. Terodimus os contemplou passando, invejando sua liberdade de moverem-se à vontade sobre a terra e o mar. Havia começado a conquista da água para sua raça, mas os céus também poderiam ser seus algum dia, estava ainda além da sua imaginação.

Aretenon, Jeryl e o resto da expedição já haviam cruzado o rio quando Eris se despediu de Terodimus. Desta vez tinham atravessado sem que nenhuma só gota de água tocassem seus corpos, pois a jangada havia descido a corrente e prestava valioso serviço como balsa. Estavam construindo um modelo muito melhorado, pois era evidente que o protótipo não era precisamente muito navegável. Essas dificuldades iniciais foram rapidamente superadas por desenhistas que, apesar de serem forçados a empregar ferramentas da idade da pedra, sabiam manejar sem dificuldade a matemática de metacentros, flutuações e hidrodinâmica avançada.

- Teu trabalho não será simples, - disse Terodimus – pois não poderás mostrar ao teu povo todas as coisas que viste aqui. A princípio terás que te contentar em lançar a semente, em despertar o interesse e a curiosidade, especialmente entre os jovens, que virão aqui para aprender mais. Talvez encontres oposição; isso é esperado. Mas a cada vez que voltares para cá, teremos novas coisas para ensinar-te e que reforçarão teus argumentos.

Tocaram-se os chifres e Eris se foi, levando consigo o conhecimento a respeito do que ia mudar o mundo – muito lentamente a princípio e em seguida cada vez mais

rapidamente. - Uma vez caídas as barreiras, uma vez que houvessem dado aos Mitraneos e aos atelenios, as simples ferramentas que pudessem adaptar a seus membros dianteiros, e usá-las sem outra ajuda, o progresso seria rápido.

Porém no momento tinham que confiar nos Filenios para tudo, e eles eram muito poucos. Terodimus estava satisfeito. Somente de um ponto de vista estava decepcionado: tinha tido a esperança que Eris, que sempre havia sido seu favorito, fosse também seu sucessor. O Eris que agora regressava ao seu próprio povo já não estava ansioso nem amargo, pois tinha uma missão e esperança no futuro. Mas carecia da visão aguçada e de longo alcance que aqui era necessário: seria Aretenon quem deveria terminar o que ele havia começado. Mas enfim, isso tinha solução, e não era ainda necessário pensar nessas coisas. Terodimus era muito velho, mas sabia que ainda se encontraria muitas vezes com Eris, aqui junto ao rio, na entrada do seu país.

* * *

Naquele momento a balsa havia desaparecido e, embora Eris já o esperasse, ficou assombrado ante o grande arco da ponte, que oscilava ligeiramente na brisa. A execução não se igualava ao desenho, – na suspensão parabólica havia sido empregado muita matemática – mas continuava sendo a primeira grande obra de engenharia da história. Apesar de ter sido construída inteiramente de madeira e cordas, precedia a forma dos grandes gigantes metálicos do futuro.

Eris se deteve no meio da corrente. Podia ver o fumo que se levantava dos estaleiros em frente ao oceano e lhe pareceu vislumbrar os mastros de algum dos novos baixeis que se estava construindo para o comércio de cabotagem. Era difícil acreditar que quando havia atravessado aquele rio pela primeira vez, o haviam arrastado pendurado em uma corda.

Aretenon os estava esperando na outra margem. Agora se movia bem mais lentamente, mas seus olhos ainda brilhavam com a antiga e esperta inteligência. Recebeu Eris calorosamente.

- Estou contente de que tenham vindo; chegaram justamente a tempo.

Eris sabia que isso só podia significar uma coisa.

- Os barcos voltaram?

- Quase; nós os vislumbramos no horizonte, faz uma hora. Estão para chegar a qualquer momento e então, finalmente, saberemos a verdade depois de tantos anos. Se pelo menos... Seus pensamentos se desvaneceram, mas Eris podia segui-los.

Haviam chegado à grande pirâmide de pedras sob a qual jazia Terodimus Terodimus, cujo cérebro estava por trás de tudo que via, mas que agora não podia saber se seu sonho mais querido era ou não era certo.

Estava se formando uma tormenta no mar, e eles se apressaram ao longo da nova estrada que bordeava a margem do rio. Pequenos botes, de um tipo que Eris não havia visto antes, passavam de vez em quando por eles, movidos pelos atelenios ou Mitraneos

Eris sempre tinha grande prazer em ver essas novas conquistas, como novas libertações do seu povo de suas cadeias seculares. E contudo, às vezes eles lhe lembravam crianças a quem se liberta repentinamente em um novo mundo maravilhoso, cheio de coisas estimulantes e interessantes para fazer, fossem úteis ou não.

Na última década, Eris havia descoberto que a inteligência pura às vezes não era suficiente; haviam certas habilidades que nenhum esforço mental era suficiente para

adquiri-las. Embora seu povo tivesse, em grande parte, superado seu medo da água, ainda eram muito incompetentes no oceano e portanto os Filenios haviam-se convertido nos primeiros navegantes do mundo.

Jeryl olhou nervosamente ao seu redor quando retumbou o primeiro trovão, que vinha da direção do mar. Ainda levava o colar com que Terodimus a havia presenteado há tanto tempo, mas não era nem de longe o único ornamento que agora levava.

- Espero que os barcos estejam a salvo. - disse ansiosamente.

- Não tem muito vento e já houveram temporais muito piores que este – disse Aretenon tranquilizando-a, enquanto entravam em sua caverna. Eris e Jeryl olharam ao redor com ávido interesse, para ver que novas maravilhas os Filenios haviam feito durante sua ausência. Mas se havia alguma, estava escondida, como de costume, até que Aretenon pudesse explicá-la a eles. Era um pouco infantil sua fixação nessas pequenas surpresas e mistérios.

A reunião tinha um ar descontraído que teria deixado perplexo a um observador que ignorasse sua causa. Enquanto Eris falava de todas as alterações do mundo externo, do êxito dos novos estabelecimentos Filenios, do contínuo desenvolvimento da agricultura entre seu povo, Aretenon escutava somente com a metade da sua mente. Seus pensamentos, e os dos seus amigos, estavam longe, mar adentro, e iam de encontro aos barcos que regressavam e que talvez traziam a maior notícia que o mundo teria recebido.

Quando Eris terminou seu informe, Aretenon levantou-se e começou a mover-se inquieto ao redor da sala.

- Estão mais adiantados do que nos teríamos atrevido esperar a princípio. Pelo menos não tem havido guerra durante uma geração e nossa produção de alimentos vai adiante da população, pela primeira vez na história, graças às nossas novas técnicas agrícolas e de criação.

Aretenon deu uma olhada aos objetos da sua sala, recordando com esforço o fato de que em sua própria juventude quase tudo que via teria parecido impossível ou sem sentido. Naquele tempo não existia nem a mais simples das ferramentas; pelo menos seu povo não havia conhecido nenhuma. Agora haviam barcos, casas e pontes e isto não era senão o começo.

- Estou satisfeito. - disse – Tal como havíamos projetado, desviamos a corrente da nossa cultura, afastando-a dos perigos que apareciam em seu caminho. Os poderes que tornaram possível a loucura, logo serão esquecidos; somente um punhado de nós os conhece e levaremos conosco nosso segredo. Talvez, quando nossos descendentes os descobrirem novamente, serão sensatos o suficiente para utilizá-los adequadamente. Porém temos descoberto tantas maravilhas, que talvez transcorram gerações antes que voltemos a contemplar nossas próprias mentes e a perturbar as forças encerradas nelas.

Um relâmpago iluminou repentinamente a boca da caverna. A tormenta se aproximava, embora ainda estivesse a alguns quilômetros. A chuva começava a cair de um céu de chumbo, em grandes e tenebrosas gotas.

- Enquanto esperamos os barcos, - disse Aretenon muito abruptamente – vão à caverna ao lado e verão algumas coisas novas que podemos mostrar-lhes e que foram feitas depois da sua última visita.

Era uma estranha coleção. Umas a seguir outras, sobre a mesma mesa, havia ferramentas e invenções que em outras culturas haviam estado separadas entre si por milhares de anos. A idade da Pedra havia passado e haviam chegado à do bronze e do ferro; tinham sido construídos os primeiros instrumentos científicos rudimentares, destinados a experiências que estavam fazendo retroceder as fronteiras do desco-

nhecido Uma retorta primitiva significava os princípios da química, e ao seu lado estavam as primeiras lentes que o mundo havia visto, esperando revelar os insuspeitados universos do infinitamente pequeno e do infinitamente grande.

A tormenta estava sobre eles, quando a descrição que Aretenon estava fazendo daquelas novas maravilhas chegou ao fim. De vez em quando, ele lançava uma olhada nervosa à boca da caverna, como se esperasse um mensageiro do porto, mas ninguém os tinha perturbado, exceto o estampido de um ou outro trovão.

- Ensinei a vocês tudo que era importante, - disse – mas aqui há algo que talvez os divirta enquanto esperam. Como eu já disse, temos enviado expedições por todas as partes para recolher e classificar todas as rochas possíveis, na esperança de encontrar minerais úteis. Uma das expedições voltou com isto.

Apagou as luzes e a caverna ficou em completa escuridão.

- Demorará um tempo antes que seus olhos fiquem sensíveis o suficiente para ver. - advertiu-os Aretenon – Olhem para aquele canto.

Eris esforçou seus olhos na escuridão. A princípio não pôde ver nada, em seguida, lentamente, se fez visível uma fraca luz azul. Era tão vaga e tão difusa, que não era possível focar os olhos sobre ela. Ele, automaticamente, se aproximou.

- Eu não me aproximaria muito. - aconselhou Aretenon – parece ser um mineral perfeitamente comum, mas os Filenios, que o encontraram e o trouxeram, sofreram umas queimaduras muito estranhas em consequência do manejo. Entretanto ela parece fria ao tato. Algum dia conheceremos seu segredo, *mas não creio que seja nada importante.*

A enorme cortina de um relâmpago difuso dividiu o firmamento e, por um instante, o reflexo do seu esplendor iluminou a caverna, fixando estranhas sombras nas paredes. Naquele mesmo instante, um do Filenios entrou, tropeçando, na caverna e disse algo a Aretenon com sua voz fina e partida. Este deu um grande grito de triunfo, como um dos seus antepassados teria dado em algum antigo campo de batalha, e seus pensamentos colidiram na mente de Eris.

- Terra! Encontraram terra! Todo um continente nos espera!

Eris sentiu a sensação de triunfo e de vitória no mais profundo do seu ser, como água brotando de um manancial. Orientada para o futuro, abria-se agora a nova e gloriosa rota ao longo da qual avançariam seus filhos, dominando, em seu avanço, ao mundo e todos seus segredos. E a visão de Terodimus se fez, por fim, distinta e brilhante antes seus olhos.

Procurou a mente de Jeryl, para compartilhar com ela sua alegria, mas a encontrou fechada para ele. Inclinando-se para ela na escuridão, percebeu que ela ainda estava contemplando as profundezas da caverna, como se não tivesse ouvido a maravilhosa notícia e não pudesse afastar seus olhos daquele enigmático resplendor.

Das entranhas da noite saltou o rugido de um trovão tardio em sua corrida através do céu Eris sentiu que Jeryl tremia ao seu lado e enviou pensamentos consoladores para ela.

- Não sei. - contestou Jeryl – Tenho medo, mas não é do trovão. Oh Eris, o que temos feito é maravilhoso, e queria que Terodimus estivesse aqui para poder ver. Mas aonde nos conduzirá este nosso novo caminho?

As palavras que Aretenon havia dito a pouco tempo, se levantavam agora do passado e a obcecavam. Recordava seu passeio há muito tempo atrás, junto ao rio, quando ele havia falado das suas esperanças, e que lhe havia dito: «*Certamente, nada que possamos aprender da natureza nunca será uma ameaça tão grande como o perigo que descobrimos em nossas próprias mentes*» E agora, aquelas palavras pareciam debochar dela e projetar uma sombra sobre o dourado futuro. Mas por que?

Ela não saberia dizer.

Único, talvez, entre todas as raças do universo, seu povo havia chegado à segunda encruzilhada sem nunca haver passado pela primeira. Agora teriam que percorrer o caminho que antes haviam deixado de lado e teriam que enfrentar o desafio que se encontrava no seu final, o desafio do qual não poderiam, desta vez, escapar.

Na escuridão, o vago resplendor dos átomos que morriam, ardia imperturbável na rocha. E prosseguiria ardendo ali, apenas enfraquecido, quando Jeryl e Eris já tivessem se transformado em pó após vários séculos. Seria somente um pouco mais fraca, quando a civilização que estavam construindo tivesse revelado seus segredos.

SE EU TE ESQUECESSE, OH TERRA...

Quando Marvin tinha dez anos de idade, seu pai o conduziu pelos longos corredores cheios de eco que atravessavam os departamentos de Governo e Administração, até que atingiram, por fim, os mais elevados de todos os níveis e se acharam entre a vegetação em rápido crescimento das Fazendas. Marvin gostava daquilo: era divertido ver essas plantas grandes, esguias, escorregando numa avidez quase visível para a luz do Sol, que se filtrava através das cúpulas de vidro para encontrá-las. O cheiro de vida estava por toda a parte, despertando anseios inexprimíveis em seu coração: ele não estava mais respirando o ar seco e frio dos níveis residenciais, purgados de todos os odores, a não ser um fraco mas penetrante cheiro de ozônio. Queira permanecer ali por algum tempo, mas o pai não o deixaria. Seguiram adiante, até que alcançaram a entrada do Observatório, que ele nunca visitara. Mas também não se detiveram ali, e com uma sensação de crescente entusiasmo Marvin percebeu que apenas uma meta ainda podia estar faltando. Pela primeira vez em sua vida ele estava indo para o "Lado de Fora".

Havia uma dúzia de veículos de superfície, com grandes pneumáticos e cabines pressurizadas, todos na ampla câmara de manutenção. Seu pai devia estar sendo aguardado, pois imediatamente foram conduzidos para um pequeno carro de exploração que os esperava junto da enorme porta circular de uma câmara de compressão. Tenso de expectativa, Marvin instalou-se na estreita cabine, enquanto o pai ligava o motor e checava os controles. A porta interna da câmara deslizou, se abriu, e em seguida fechou-se atrás deles: ele ouviu o barulho das grandes bombas de ar sumindo lentamente, enquanto a pressão caía a zero. Depois, o sinal "Vácuo" lampejou na sua frente, a porta externa fendeu-se em duas partes deixando-os passar. Ante Marvin se estendeu a Terra na qual ele nunca pisara. Ele a vira em fotos, evidentemente: contemplara uma centena de vezes sua imagem nos vídeos de tevê. Mas agora ela se achava por toda a parte à sua volta, queimando sob o Sol escaldante que se arrastava tão lentamente pelo céu negro retinto. Voltou os olhos para o poente, longe do esplendor ofuscante do Sol... e havia as estrelas, assim como lhe tinham contado, mas ele nunca acreditara de todo. Contemplou-as atentamente para um longo tempo, maravilhado de que nada pudesse ser tão brilhante e, contudo, tão pequeno. Eram pontos intensamente cintilantes e de súbito lembrou-se de uns versos que lera uma vez num dos livros do pai:

*Pisca, pisca, estrelinha,
Como eu queria saber o que és.*

Bem, ele sabia o que eram as estrelas. Quem quer que tenha feito aquela pergunta devia ter sido muito estúpido. E o que pretendia dizer com "piscar"? Pode-se ver num relance que todas as estrelas brilham com a mesma luz, firme, invariável. Ele abandonou o problema e voltou a atenção para a paisagem ao redor.

Corriam através de uma planície a quase cem milhas por hora, os grandes pneumáticos soltando pequenos jatos de poeira. Não havia sinal da Colônia: nos poucos minutos em que estivera observando as estrelas, suas cúpulas e torres de rádio tinham caído além do horizonte. Havia contudo outras indicações da presença do homem, pois cerca de uma milha à sua frente Marvin podia ver umas estruturas de forma curiosa, agrupadas em volta da entrada da galeria de uma mina. De vez em quando, um jato de vapor surgia de uma chaminé atarracada e logo se dispersava.

Num instante já tinham ultrapassado a mina: o pai dirigia com perícia nervosa e descuidada, como se (era um estranho pensamento para a mente de uma criança) estivesse tentando escapar de alguma coisa. Alcançaram em alguns minutos a orla do platô em que a Colônia fora construída. Ali, o solo caía abruptamente numa encosta em vertiginosa descida, cujos declives mais longínquos se perdiam na sombra. Mais à frente, tão longe quanto a vista podia alcançar, havia um pedregoso e agreste deserto de crateras, cadeias de montanhas e ravinas. Os cumes das montanhas, captando o Sol baixo, ardiam como ilhas de fogo num mar de escuridão. E acima delas as estrelas brilhavam, inalteráveis como sempre.

Não era possível que ainda houvesse caminho adiante. E contudo havia. Marvin cerrou as mãos quando o carro enfiou pela encosta e começou a longa descida. Então percebeu a trilha pouco visível, que se prolongava para baixo costeando as montanhas, e relaxou um pouco. Outros homens, assim parecia, já tinham seguido antes por aquele caminho.

A noite caiu de forma impressionantemente abrupta quando cruzaram a linha de sombra e o Sol ficou abaixo do topo do platô. O par de faróis foi ativado, lançando tiras azuis e brancas nas rochas em frente, de modo que quase não foi preciso moderar a velocidade. Durante horas eles atravessaram vales e passaram por sopés de montanhas cujos picos pareciam chegar às estrelas. Emergiam às vezes, por um momento, em plena luz do Sol, sempre que escalavam áreas mais altas.

Agora havia uma planície acidentada e poeirenta à direita, enquanto à esquerda, plataformas e planaltos, numa fileira de milhas e milhas que se erguia em direção aos céus, formavam um paredão de montanhas marchando distância afora, até que seus picos sumissem de vista debaixo do horizonte do mundo. A princípio não houve vestígios de que os homens já tivessem explorado essa região, mas logo em seguida passaram pela carcaça de um foguete espatifado e perto dele um túmulo de pedras encimado por uma cruz de metal.

A Marvin parecia que as montanhas se estendiam eternamente; mas por fim, muitas horas mais tarde, a cordilheira terminou num promontório muito alto e escarpado, que se elevava asperamente de um grupo de pequenas colinas. Desceram até um vale pouco profundo, encerrado na curva de um grande arco, voltado para o lado oposto das montanhas - e enquanto isso, Marvin lentamente percebia que algo muito estranho estava acontecendo na região à frente.

Agora o Sol estava baixo atrás das colinas, no lado direito: o vale adiante deles devia estar em total escuridão. Estava contudo inundado por uma radiância branca, gélida, que se aproximava derramando-se pelos penhascos sob os quais iam rodando. Então, subitamente, alcançaram a planura aberta e a fonte da luminosidade

surgiu em todo o esplendor.

Estava muito tranquilo no interior da pequena cabine, agora que os motores tinham parado. O único som vinha do sussurrar fraco do mecanismo que os supria de oxigênio e de um ocasional crepitar metálico quando as paredes externas do veículo irradiavam calor. Mas absolutamente nenhum calor vinha da grande meia-lua prateada que flutuava baixo por sobre o horizonte e cuja superfície era toda inundada com luz em profusão. Era tão brilhante que se passaram minutos antes que Marvin fosse capaz de aceitar o desafio e olhar com firmeza para o seu clarão, mas por fim pôde discernir os perfis dos continentes, a orla enevoadada da atmosfera e as ilhas brancas de nuvem. E mesmo a essa distância pôde ver a cintilação da luz do Sol sobre o gelo polar.

Era bonito, era um apelo que lhe chegava ao coração através do abismo do espaço. Lá, naquela brilhante meia-lua, estavam todas as maravilhas que nunca conhecera: as tonalidades dos céus ao crepúsculo, a bulha do mar em praias de seixos, o rufar de chuva caindo, a bênção serena da neve. Estas coisas e mil outras deviam ter sido sua legítima herança, mas conhecia-as somente dos livros e teipes antigos, por isso o pensamento o enchia da angústia do exílio.

Por que eles não podiam voltar? Parecia ser tão pacífico sob aqueles contornos de nuvens em movimento! Marvin, então, a vista não mais ofuscada pelo brilho, viu que a parte do disco que devia estar na escuridão reluzia debilmente numa fosforescência maligna: e ele lembrou-se. Estava contemplando a pira funerária de um mundo - as consequências radioativas de Armagedom Pelo espaço de um quarto de um milhão de milhas, a incandescência de átomos mortíferos ainda era visível, lembrança perene do passado ruinoso. Ainda demoraria séculos para que o fulgor mortal desaparecesse das rochas e a vida pudesse voltar outra vez para ocupar este mundo vazio e silencioso.

E então o pai começou a falar, contando a Marvin a história que, para ele, até aquele momento, não tivera maior significado do que os contos de fada que lhe eram contados antigamente. Houve muitas coisas que não pôde compreender: era impossível imaginar o resplandecente e multicolorido padrão de vida sobre o planeta. Nem poderia entender as forças que afinal o destruíram, deixando a Colônia, preservada por seu isolamento, como único sobrevivente. Pôde, entretanto, compartilhar a agonia daqueles últimos dias, quando finalmente a Colônia tomara consciência de que nunca mais as naves de abastecimento viriam chamejando por entre as estrelas, com presentes do lar terrestre. Uma a uma as estações de rádio deixaram de chamar, no globo ensombrecido as luzes das cidades foram se obscurecendo e morreram. Por fim, eles ficaram sozinhos, como jamais no passado os homens ficaram sozinhos, conduzindo nas mãos o futuro da espécie.

Depois se tinham seguido os anos de desespero, e a longa batalha onde a vitória durante muito tempo fora duvidosa: sobreviver neste mundo ameaçador, hostil. Essa batalha fora ganha, embora parcialmente: o pequeno oásis de vida estava a salvo dos piores efeitos de uma natureza inclemente. Mas a não ser que houvesse uma meta, um futuro pelo qual pudessem trabalhar, a Colônia perderia a vontade de viver e nem máquinas, engenhosidade ou ciência seriam capazes de salvá-la.

Finalmente, então, Marvin entendeu a finalidade desta peregrinação. Ele nunca caminharia ao lado dos rios, daquele mundo perdido e lendário, nem ouviria o trovão rugindo sobre suas colinas de contornos suaves. Um dia, contudo - quanto tempo à frente? -, os filhos de seus filhos voltariam a reclamar sua herança. Os ventos e as chuvas expulsariam o veneno das terras calcinadas e o carregariam para o mar, e nas profundezas do mar ele perderia seu caráter tóxico até que não mais pudesse causar

males às coisas vivas. Então as grandes naves que ainda estavam à espera, ali, naquelas planícies silenciosas e poeirentas, poderiam erguer-se mais uma vez no espaço, ao longo da rota que levava para casa.

Este era o sonho: um dia - Marvin compreendeu num súbito lampejo de discernimento - ele o transmitiria a seu próprio filho, aqui, neste mesmo ponto, com as montanhas atrás de si e a luz prateada do céu fluindo para o rosto.

Não olhou para trás quando começaram a viagem de regresso.. Não poderia suportar a visão do gélido esplendor da Terra em meia-lua, desaparecendo por entre as rochas à sua volta, enquanto ele ia se reunir de novo ao seu povo, no longo exílio.

TENSÃO EXTREMA

Grant estava escrevendo no livro de bordo da Rainha Estelar, quando ouviu que a porta da cabine se abria atrás dele. Não se preocupou em virar-se para olhar. - já que era desnecessário, pois a bordo da nave só havia mais outro homem – Mas quando não aconteceu nada, e quando McNeil não falou nem entrou na sala, o longo silêncio despertou finalmente a curiosidade de Grant, que então fez girar seu assento sobre os suportes, voltando-se

McNeil estava de pé junto à porta e, a julgar por seu aspecto, parecia que havia visto um fantasma. Esta velha metáfora apresentou-se imediatamente na mente de Grant que, após um instante, não soube o quão perto estava da realidade. De certo modo, McNeil realmente havia visto um fantasma, – e, o mais espantoso de tudo – o seu próprio.

- Que aconteceu? - disse Grant irritado – Estás doente, ou o que?

O engenheiro negou com a cabeça. Grant observou as pequenas gotas de suor que se desprendiam da sua fronte e se espalhavam através da sala, seguindo trajetórias perfeitamente retilíneas. Os músculos da sua garganta se moveram, mas por um breve momento não saiu som algum. Parecia estar a ponto de chorar.

- Estamos perdidos. - murmurou afinal – Estamos sem oxigênio.

E então chorou de verdade. Parecia um pulso que se dobrasse lentamente sobre si mesmo. Não podia cair, porque não havia gravidade, de modo que simplesmente dobrou-se no ar.

Grant não disse nada. Inconscientemente amassou no cinzeiro o fumegante resto do seu charuto, movendo-o ferozmente até que a última faísca tivesse se apagado. Já lhe parecia como se o ar estivesse ficando espesso ao seu redor, enquanto o terror das antigas naves espaciais lhe oprimia a garganta.

Soltou-se lentamente das cintas elásticas, que enquanto estava sentado davam uma certa impressão de peso, e com habilidade automática, lançou-se através da porta. McNeil não se ofereceu para acompanhá-lo

Grant pensou que, mesmo levando em conta a má notícia que havia recebido, ele estava se comportando muito mal. Sacudiu, irritado, o engenheiro, ao passar e disse-lhe para se comportar como homem.

O porão era uma grande câmara hemisférica que tinha no seu centro uma grossa coluna, pela qual passavam os comandos e os cabos à outra metade da nave especial, e que estava a uns cem metros de distância; no conjunto, a nave tinha a forma de um altere de ginástica. Estava cheia de caixões e caixas dispostas com um surrealismo tridimensional, de forma que fazia bem poucas concessões à gravidade.

Mas, se todo o carregamento houvesse desaparecido, Grant não o teria notado. Somente lhe interessava o grande tanque de oxigênio, que era mais alto que ele,

e que estava aparafusado na parede, perto da porta interior da eclusa.

Estava tal como o havia visto na última vez, resplandecendo sob sua capa de pintura de alumínio e suas paredes metálicas ainda davam ao tato aquela sensação de frieza, que era a única indicação do seu conteúdo. Todo o encanamento parecia em perfeito estado. Não havia sinal algum indicando que algo estivesse correndo mal, salvo por um pequeno detalhe: a agulha do manômetro indicador do conteúdo jazia parada junto ao número zero.

Grant contemplou aquele silencioso símbolo como um homem da antiga Londres, ao regressar à noite para sua casa, durante a Peste, contemplaria uma grosseira cruz recentemente marcada na porta. Em seguida bateu no vidro meia dúzia de vezes, na fútil esperança de que a agulha houvesse emperrado, embora na realidade não duvidasse da sua mensagem. Uma notícia que é suficiente má, leva consigo, por qualquer razão, a garantia da sua autenticidade. Somente para as boas notícias é necessária confirmação.

* * *

Quando Grant voltou à sala de comando, McNeil já tinha voltado a ser ele mesmo. Uma olhada à garrafa aberta, mostrava a razão da rápida recuperação do engenheiro. Ele tentou até demonstrar um pouco de humor.

- Foi um meteoro. - disse – Dizem que uma nave deste tamanho só é atingida uma vez a cada cem anos. Parece que nós nos adiantamos em noventa e cinco anos.

- Mas, e os alarmes? A pressão do ar é normal. Como podemos ter sido perfurados?

- Não fomos. - replicou McNeil – Já sabes que o oxigênio circula pelo lado noturno, através de resfriadores, para manter-se líquido. O meteoro deve tê-los arreventado e o líquido simplesmente se evaporou completamente.

Grant permaneceu silencioso, pensando. O que havia ocorrido era sério, muitíssimo sério, mas não tinha que ser necessariamente fatal. Afinal já tinham feito as três quartas partes da viagem.

- Mas não é certo que o regenerador pode manter o ar respirável, mesmo que este chegue a rarefazer-se bastante? - perguntou esperançoso.

McNeil negou com a cabeça.

- Não calculei em detalhes, mas conheço a resposta. Quando se absorve anidrido carbônico e se faz circular novamente o oxigênio, há uma perda de uns dez por cento. E é por esta razão que devemos levar uma reserva.

- Os trajes espaciais! - gritou Grant, repentinamente animado – E seus tanques?

Havia falado sem pensar. E ao dar-se conta do seu erro, sentiu-se ainda pior que antes.

- Não podemos conservar oxigênio neles, ferveria em poucos dias. Há suficiente ar comprimido para uns trinta minutos, o suficiente para permitir chegar ao tanque principal em caso de uma emergência.

-Tem que haver uma solução. Mesmo se tivermos de nos livrar do carregamento para escapar. Deixemos de adivinhações e vejamos exatamente qual é a nossa situação.

Grant estava mais furioso que assustado. Estava irritado com McNeil por sua fraqueza moral. Estava furioso com os desenhistas da nave, porque não haviam previsto este caso e sabe Deus quantos milhões mais. O prazo final poderia estar a uns

quinze dias e até lá poderiam acontecer muitas coisas. Esta ideia o ajudou a manter seus temores a certa distância. Sem dúvida alguma, tratava-se de uma emergência, mas era uma daquelas emergências a longo prazo que só pareciam ocorrer no espaço. Havia muito tempo pra pensar, talvez tempo demais.

Grant se amarrou ao seu assento de piloto e tirou um bloco de papel.

- Esclareçamos os fatos. - disse com calma artificial – Temos o ar que está circulando pela nave e perdemos uns dez por cento de oxigênio cada vez que este passa através do regenerador. Podes jogar o manual? Nunca consigo lembrar quantos metros cúbicos utilizamos diariamente.

Ao dizer que a Rainha Estelar somente poderia esperar ser atingida por um meteoro uma vez a cada cem anos, McNeil havia inevitável e grosseiramente simplificado o problema. A resposta dependia de tantos fatores, que três gerações de estatísticos não haviam feito mais que estabelecer umas leis tão vagas, que as companhias de seguro ainda tremiam de apreensão quando as grandes chuvas de meteoros varriam, como uma tempestade, as órbitas dos mundos exteriores.

Naturalmente, tudo dependia do que se entendesse pela palavra meteoro. Cada fragmento de material meteórico que alcança a superfície da Terra tem um milhão de irmãos menores que perecem naquela terra de ninguém, onde a atmosfera ainda não terminou e o espaço ainda não começou, aquela região espectral onde às vezes aparece à noite a estranha Aurora. São as conhecidas estrelas cadentes, raras vezes maiores que uma cabeça de alfinete. Por sua vez há um número, milhões de vezes maior, de partículas demasiado pequenas para deixar algum traço visível da sua morte na sua passagem pelo espaço. Todas elas: as inumeráveis partículas de pó, as escassas pedrinhas e, inclusive, as montanhas errantes que atingem a Terra a talvez cada milhão de anos, todos são meteoros.

Pelo que se refere às viagens espaciais, um meteoro só é de interesse se, ao penetrar o casco de uma nave, deixa um orifício suficientemente grande para ser perigoso. Trata-se de uma questão de velocidades relativas além de tamanhos. Foram preparadas tabelas que indicam os tempos aproximados de colisão para diversas partes do Sistema Solar e para meteoros de diversos tamanhos, até para os menores, de massas de uns poucos miligramas.

O que havia atingido a Rainha Estelar, havia sido um gigante, de aproximadamente um centímetro de largura e de uns dez gramas de peso. Segundo as tabelas, o tempo que se esperaria um choque com semelhante monstro era da ordem de dez elevado a nove dias. - Aproximadamente uns três milhões de anos – A certeza virtual a respeito de que tal fato não voltaria a ocorrer durante o transcurso de toda a história humana, não consolava muito a McNeil e Grant. Contudo poderia ter sido pior. A Rainha Estelar estava a 115 dias em sua órbita e restavam apenas outros trinta de viagem. Viajava, como todos os cargueiros, pela longa elipse tangencial que roçava as órbitas da Terra e de Vênus, em lados opostos do Sol. As rápidas naves de passageiros podiam cruzar de uma planeta a outro a uma velocidade três vezes maior, - mas aquela avançava por sua rota pré-determinada, como um bonde, e demorava aproximadamente 145 dias em cada viagem.

Teria sido difícil de imaginar algo menos parecido com a ideia de uma nave espacial dos princípios do século vinte que a Rainha Estelar. Consistia de duas esferas, uma de cinquenta e outra de vinte metros de diâmetro, unidos por um cilindro de uns cem metros de comprimento. No conjunto, a estrutura se assemelhava a um modelo de bolas e palitos que representasse um átomo de hidrogênio. A tripulação, o

carregamento e os comandos se encontravam na esfera maior, enquanto a menor continha os motores atômicos, e era zona proibida para todo ser vivente.

A Rainha Estelar havia sido construída no espaço e nunca teria podido elevar-se de uma superfície para o espaço, mesmo da superfície da Lua. A toda potência, seu motor iônico podia produzir uma aceleração que era de um vigésimo da gravidade, a qual, em uma hora, fornecia-lhe toda a velocidade necessária para converter-se em um satélite da Terra ou em um de Vênus.

Transportar os carregamentos a partir dos planetas era trabalho para os pequenos porém poderosos foguetes químicos. Dentro de um mês, subiriam ao seu encontro os rebocadores de Vênus, mas a Rainha Estelar não se deteria, pois não haveria ninguém nos comandos. Continuará cegamente em sua órbita, passando Vênus a vários quilômetros por segundo e, cinco meses mais tarde, voltaria a estar de volta à órbita da Terra, se bem que também a Terra estaria então muito distante.

* * *

É curioso o tempo que se gasta em fazer uma simples soma, quando a vida de alguém depende do resultado. Grant percorreu meia dúzia de vezes a curta coluna de números antes de abandonar finalmente a esperança de que o total fosse diferente. Em seguida ficou sentado manuseando o banco plástico da sala do piloto.

- Fazendo todas as economias possíveis – disse – poderemos durar uns vinte dias. Isto quer dizer que estaremos a uns dez dias de distância de Vênus quando... - sua voz foi se desvanecendo até terminar por silenciar.

Dez dias não pareciam muito. - mas seria o mesmo se fossem dez anos - Grant pensou sardonicamente em todos os escritores baratos que haviam usado precisamente esta situação em suas histórias nos livros e no rádio. Em tais circunstâncias, segundo os experts de mesa de café, - poucos deles tinham ido além da Lua – poderiam ocorrer três coisas:

A solução adequada – que quase havia se tornado um clichê – consistia em converter a nave em uma estufa de luxo, ou jardim hidropônico, e deixar que a fotossíntese fizesse o resto. Ou se podiam realizar prodígios de engenharia química ou atômica – explicados com bastantes detalhes técnicos – e construir uma máquina que produzisse oxigênio, que, não somente salvava a vida de alguém, e naturalmente da heroína também, como também o convertia no proprietário de patentes realmente valiosas. A terceira solução, *deus ex machina*, consistia na chegada oportuna de uma nave que, dada a casualidade, igualava exatamente seu próprio rumo e velocidade.

Mas isso era ficção, as coisas são diferentes na vida real. Embora a primeira daquelas ideias fosse correta, em teoria, não havia nem um só pacote de sementes de plantas a bordo a Rainha Estelar. E no que se refere a proezas de engenharia inventiva dos homens – por muito brilhantes que fossem ou desesperados que estivessem – não era fácil fazer, em poucos dias, melhoras no trabalho que fizeram dezenas de organizações de investigação industrial durante todo um século. A nave espacial que, «graças à casualidade, passava por ali» era, quase por definição, impossível. Mesmo se houvessem outros cargueiros viajando na mesma rota elíptica, – e Grant sabia que não havia nenhum – precisamente pelas mesmas leis que determinavam seus movimentos, manteriam sempre sua distância original. Não era de todo impossível que uma nave de passageiros, movendo-se por sua órbita hiperbólica, passasse a algumas centenas de milhares de quilômetros deles, mas a uma velocidade tão gran-

de, que seria tão impossível como Plutão.

- Se alijássemos o carregamento, - disse finalmente McNeil – teríamos alguma possibilidade de alterar nossa órbita?

Grant moveu a cabeça.

- Também já pensei nisso, - respondeu – mas não adiantaria. Poderíamos chegar a Vênus dentro de uma semana, se quiséssemos, mas ficaríamos sem combustível para a frenagem, e nada no planeta poderia alcançar-nos.

- Nem sequer uma nave de passageiros?

- Segundo o Registro do Loyd, atualmente Vênus tem somente um par de cargueiros. Em todo caso, seria uma manobra praticamente impossível. Mesmo se conseguisse igualar nossa velocidade, como a nave de salvamento poderia regressar? Para completar a operação necessitariam de uns cinquenta quilômetros por segundo.

- Se nós não podemos encontrar uma solução, - disse McNeil – talvez alguém em Vênus possa fazê-lo. Falemos com eles.

- Vou fazer isto – replicou Grant – tão logo haja decidido o que vou dizer a eles. Vai e prepara o transmissor, certo?

Contemplou como McNeil saia flutuando da sala. Provavelmente o engenheiro daria trabalho nos dias que se acercavam. Até agora haviam se entendido bastante bem. Como todos os homens gordos, McNeil era pessoa de caráter fácil e pacífico. Mas agora Grant se dava conta de que lhe faltava têmpera. À força de viver tanto tempo no espaço, havia se tornado aleijado, tanto física como moralmente.

* * *

Um zumbido ressoou no painel do transmissor. A antena parabólica do casco estava orientada para a brilhante luz de arco de Vênus, que estava somente a dez milhões de quilômetros de distância e que se movia em uma trajetória quase paralela. As ondas de três milímetros do transmissor da nave fariam a viagem em pouco mais de meio minuto. Era amargo dar-se conta que estavam a somente trinta segundos da salvação.

O monitor automático de Vênus deu seu sinal impessoal de “Prossiga”, e Grant começou a falar pausadamente e, assim esperava, desapassionadamente. Forneceu uma análise cuidadosa da situação e terminou com uma solicitação de sugestões. Nada disse dos seus temores com relação a McNeil. Entre outras razões, sabia que o engenheiro estaria escutando no transmissor. Até aquele momento ninguém em Vênus havia ainda ouvido a mensagem, apesar de já haver passado o tempo de atraso do transmissor. Ainda estava sendo gravada nos carretéis, mas dentro de poucos minutos chegaria uma inocente oficial de sinalização e o faria soar.

Não tinha nem ideia da bomba que ia explodir, despertando ondas de simpatia em todos os mundos habitados, uma vez que a televisão e os jornais se apoderassem da notícia. Um acidente no espaço tem um tal apelo, que varre dos títulos todas as demais notícias.

Até então, Grant estava demasiado preocupado com sua própria segurança para ter pensado no carregamento que lhe haviam confiado. Um capitão de navio do século passado, cujo primeiro pensamento era para seu barco, poderia talvez haver se escandalizado de tal atitude. No entanto, a razão estava, neste caso, ao lado de Grant. A Rainha Estelar nunca poderia afundar, nunca poderia se chocar com rochas que não figuravam nos mapas, nem desaparecer silenciosamente para sempre, como

tantos barcos haviam desaparecido no mundo dos homens. A nave estava a salvo, ocorresse o que ocorresse à sua tripulação. Se não fosse perturbada, continuaria seguindo sua órbita com tal precisão, que os homens poderiam acertar seus calendários por ela, durante os séculos vindouros.

Grant lembrou imediatamente que o carregamento estava segurado em vinte milhões de dólares. Não havia muitas coisas que fossem suficientemente valiosas para serem transportadas de um mundo para outro, e a maioria dos caixões que estavam no porão valiam mais que seu peso – ou melhor, sua massa – em ouro. Talvez alguns dos artigos fosse útil na presente emergência e Grant se dirigiu ao caixa forte para tirar a lista de embarque. Estava separando as delgadas e resistentes folhas quando McNeil entrou novamente na cabine.

- Reduzi a pressão do ar. - disse – Há alguma perda pelo casco, que em condições normais não fariam diferença.

Grant assentiu distraidamente e passou um maço de folhas a McNeil.

- Esta é nossa lista de embarque. Proponho que a olhemos, para o caso em que haja algo no carregamento que possa nos ser útil. E poderia ter acrescentado que pelo menos serviria para ocupá-los com algo.

Ao olhar ao longo das extensas colunas de lançamentos, um mostruário completo do comércio interplanetário, Grant não deixou de se perguntar que haveria por trás destes símbolos inanimados:

Lançamento 347 – 1 livro – 4 quilos bruto.

Deixou escapar um assobio, ao notar que estava marcado com um asterisco e assegurado em cem mil dólares e repentinamente lembrou-se de ter ouvido pelo rádio que o Museu Hespérico acabara de comprar uma primeira edição de “Os Sete Pilares do Conhecimento.”

Algumas folhas mais adiante havia outro lançamento que contrastava com aquele:

Vários Livros – 25 quilos – sem valor intrínseco.

Havia custado uma pequena fortuna enviar aqueles livros a Vênus e, entretanto, «careciam de valor intrínseco». Grant deixou vagar sua imaginação. Talvez alguém que deixava a Terra para sempre levava consigo, a um novo mundo, suas posses mais apreciadas, aquela dezena de livros que mais haviam contribuído para formar sua mente.

Lançamento 564 – 21 bobinas de filmes.

Esta seria, naturalmente, o super-épico de Nero, Enquanto Roma Queima, que havia saído da Terra antes da censura. Vênus a esperava com considerável impaciência.

Equipamentos médicos – 50 quilos.

Caixa de cigarros – 1 quilo

Instrumentos de precisão – 75 quilos

E assim prosseguia a lista. Cada lançamento era algo raro, algo que a indústria e a ciência de uma civilização mais jovem ainda não podia produzir.

O carregamento estava claramente dividido em duas classes: Luxo puro e necessidade imperiosa. Havia poucas coisas intermediárias. E não havia nada, absolutamente nada, que desse a Grant a menor esperança. Não via como poderia ter sido de outra maneira, mas isso não impediu que sentisse uma decepção pouco razoável.

Quando a resposta de Vênus finalmente chegou, demorou quase uma hora para ser gravada. Era um questionário tão detalhado que Grant se perguntou, mal humorado, se viveria o bastante para respondê-lo. A maior parte das perguntas eram técnicas e se referiam à nave. Os experts dos dois planetas uniam seus cérebros em um esforço para salvar a Rainha Estelar e seu carregamento.

- Então, que te parece? - perguntou Grant a McNeil quando o outro terminou de

ler a mensagem. Observava o engenheiro cuidadosamente, procurando alguma nova mostra de tensão.

Houve uma longa pausa antes que McNeil falasse. E então encolheu os ombros, e suas primeiras palavras foram um eco dos próprios pensamentos de Grant.

- Evidentemente, isto nos manterá ocupados por um tempo. Não poderei fazer todas essas experiências em menos de um dia. Posso entender o que procuram na maior parte delas, mas algumas das perguntas são simplesmente disparatadas.

Grant já havia suspeitado, mas nada disse enquanto o outro continuava.

- Velocidade de perda do casco (isto é compreensível) mas, para que eles querem saber a eficiência da nossa proteção contra radiação? Acho que tentam conservar nosso moral, fingindo que têm algumas ideias luminosas, ou então querem manter-nos muito ocupados para que não nos preocupemos.

A calma de McNeil aliviou e ao mesmo tempo chateou Grant. – aliviou porque temia que ele fizesse outra cena, chateou porque McNeil não parecia se encaixar claramente na categoria mental que ele havia pensado. - O desmaio do primeiro momento era algo característico naquele homem, ou era algo que pudesse ter ocorrido a qualquer um?

Para Grant, para quem o mundo era com certeza um lugar de luzes e sombras, irritava não poder se decidir se McNeil era covarde ou valente. Que podia ser as duas coisas ao mesmo tempo era uma possibilidade que não lhe teria ocorrido

* * *

Nos voos espaciais se perde a noção do tempo de uma maneira inigualada por qualquer experiência humana. Mesmo na Lua há sombras que se movem lentamente de rocha em rocha, seguindo a lenta marcha do sol através do céu Na direção da Terra há sempre o grande relógio do globo giratório que marca as horas, com os continentes como ponteiros. Mas em uma longa viagem em uma nave giro-estabilizada, as mesmas sombras se desenham imóveis sobre as paredes e o solo, enquanto o cronômetro vai debulhando horas e dias sem sentido.

Grant e McNeil haviam aprendido há muito tempo a regular suas vidas de acordo com as circunstâncias. Nas profundezas do espaço, moviam-se e pensavam com calma, que desaparecia rapidamente quando a viagem se aproximava do seu termo e chegava a hora das manobras de frenagem. Apesar de agora se encontrarem sob sentença de morte, continuaram movendo-se com a inércia de costume.

Todo dia Grant escrevia cuidadosamente o diário, comprovava a posição da nave e cumpria com seus deveres de rotina. McNeil também parecia comportar-se normalmente, se bem que Grant suspeitava que parte do trabalho técnico de manutenção vinha sendo feito com certa negligência.

Já faziam três dias desde que o meteorito os havia atingido. Durante as últimas vinte e quatro horas, a Terra e Vênus tinham estado conferenciando. Grant se perguntava quando saberia o resultado das suas deliberações. Não acreditava que mesmo os cérebros mais privilegiados do Sistema Solar poderiam salvá-los agora, mas era difícil abandonar a esperança quando tudo ainda parecia tão normal e o ar continuava puro e fresco.

No quarto dia Vênus falou novamente. Desprovida da parte técnica, a mensagem não era mais nem mais nem menos que uma oração fúnebre. Descartavam Grant e McNeil, mas proporcionavam instruções detalhadas para assegurar o salvamento do carregamento.

Lá na Terra os astrônomos estavam calculando todas as órbitas de salvamento possíveis que pudessem estabelecer contato com a Rainha Estelar nos curso dos próximos anos. Existia inclusive a possibilidade de que pudessem alcançá-la, a partir da Terra, ao cabo de seis ou sete meses, quando estivesse novamente no afélio, mas tal manobra só poderia ser executada com uma nave rápida e sem carga. E custaria uma fortuna em combustível.

* * *

McNeil desapareceu tão logo a mensagem chegou. A princípio Grant sentiu-se aliviado. Se McNeil preferia ficar sozinho isso era com ele. Mesmo porque tinha que escrever algumas cartas..., se bem que o testamento e as últimas disposições ainda pudessem esperar.

Correspondia a McNeil preparar a ceia, ocupação que lhe satisfazia, pois sempre tinha cuidado do seu estômago. Quando Grant notou que não se ouviam os ruídos costumeiros na cozinha, saiu em busca da sua tripulação.

Encontrou McNeil deitado na sua cama, em paz com o universo. Flutuando no ar junto a ele via-se uma grande caixa de metal que havia sido violentamente aberta. Grant não precisou examiná-la de perto para adivinhar seu conteúdo. Bastou dar uma olhada em McNeil.

- É uma vergonha – disse o engenheiro sem o menor embaraço – ter que beber chupando em um tubo. Não poderias por um pouco de “g” para que pudéssemos beber como se deve?

Grant olhou para ele com irritado desprezo, mas McNeil devolveu o olhar despreocupadamente.

- Oh, não sejas um estraga festa! Toma um pouco também. Que importa?

Jogou a garrafa que Grant pegou destramente na passagem. Era um vinho fabulosamente caro – agora lembrava o lançamento – e o conteúdo daquela pequena caixa deveria valer muitos milhares.

- Não me parece que haja necessidade - disse Grant severamente – de portar-se como um porco, nem mesmo na presente circunstância.

McNeil ainda não estava bêbado. Havia somente chegado à brilhantemente iluminada ante-sala da bebedeira e não havia perdido por completo o contato com o prosaico mundo exterior.

- Estou pronto – disse em tom solene – a escutar qualquer bom argumento contra minha presente atitude, atitude que a mim me parece eminentemente cordata. Mas procura convencer-me logo enquanto ainda estou acessível à razão.

Espremeu novamente a bisnaga de plástico, e um jorro de cor púrpura saltou, introduzindo-se em sua boca.

- Pondo de lado o fato de que estás roubando propriedade da Companhia, que será certamente resgatada mais cedo ou mais tarde, não vais conseguir permanecer bêbado durante várias semanas.

- Isso – disse McNeil pensativamente – é o que vamos ver.

- Não creio. - replicou Grant. E apoiando-se contra a parede, deu um violento empurrão na caixa que saiu voando através da porta aberta. Voou atrás da caixa e, enquanto fechava a porta com um golpe, pôde ouvir Michel que gritava.

- Brincadeira estúpida!

O engenheiro ainda demoraria algum tempo, especialmente devido ao seu presen-

te estado, em soltar-se e segui-lo. Grant conduziu a caixa para o porão e fechou a porta a chave. Como a nave estava no espaço e nunca havia necessidade de fechar o porão, McNeil não tinha uma chave e seria fácil para Grant ocultar a duplicata que guardava na cabine de comando.

Quando Grant, um momento mais tarde, passou junto à sala de McNeil, este estava cantando. Tinha ainda a companhia de um par de garrafas e gritava:

*Não nos importa aonde vá o oxigênio,
Desde que não caia no vinho...*

Grant, cuja educação havia sido estritamente técnica, não soube como aconteceu. Ao deter-se para escutar, sentiu-se movido por uma emoção que, para ser justo, teve que admitir que não reconheceu no momento. Passou tão rapidamente como havia chegado, deixando-o tonto e trêmulo. Pela primeira vez se deu conta de que seu antagonismo por McNeil estava lentamente se transformando em ódio.

* * *

É uma regra fundamental nos voos espaciais que, por razões psicológicas, a tripulação mínima para uma viagem de longa duração deve ter pelo menos três homens. Mas as regras foram feitas pra serem quebradas. Os proprietários da Rainha Estelar haviam obtido plena autorização do Conselho de Controle Espacial e das companhias seguradoras, quando o cargueiro partiu para Vênus sem seu capitão habitual. Havia adoecido à última hora e não havia substituto para ele. Como os planetas não estão dispostos a servir ao homem e aos seus assuntos, se não zarpasse a tempo, já não teria podido zarpar. Estavam em jogo milhões de dólares, de modo que zarparou.

Grant e McNeil eram ambos muito aptos, e não tiveram objeção alguma em ganhar pagamento em dobro à custa de muito pouco trabalho extra. Apesar das diferenças fundamentais de caráter, em circunstâncias ordinárias se entendiam muito bem. E não era culpa de ninguém se as circunstâncias agora eram o contrário de ordinárias.

Dizem que três dias sem comida são mais que suficientes para eliminar todas as diferenças entre um homem civilizado e um selvagem. Grant e McNeil ainda não sentiam incômodos físicos, mas suas imaginações eram demasiado ativas e agora se assemelhavam, mais do que queriam admitir, a um par de insulares famintos do Pacífico, em uma canoa perdida e sem alimentos.

Havia um aspecto da situação, o mais importante de todos, quase nunca havia sido mencionado. Mesmo depois de conferir e voltar a conferir os números de Grant no seu bloco de notas, os cálculos não haviam ficado completos. Instantaneamente, cada um dos homens havia dado o passo seguinte, e haviam chegado simultaneamente ao mesmo resultado não expressado. Era de uma simplicidade terrível..., uma paródia macabra daqueles problemas de aritmética do primeiro ano que começavam:

«Se seis homens demoram dois dias para montar dois helicópteros, quanto....?»

O oxigênio duraria vinte dias para dois homens e faltavam trinta para chegarem a Vênus. Não era necessário ser um prodígio em cálculo para entender que ainda era possível a sobrevivência de um homem, e somente um, o bastante para poder caminhar pelas ruas metálicas de Porto Hesperus

A data final admitida estava a vinte dias de distância, mas a não mencionada esta-

va a somente 10 dias. Até aquela data ainda haveria ar suficiente para dois homens, dali em diante só haveria para um homem, até o final da viagem. Para um observador suficientemente desinteressado, a situação teria sido muito interessante. Era evidente que a conspiração do silêncio já não poderia durar muito tempo mais. Mas não era simples decidir amistosamente qual deles deveria suicidar-se. E ainda mais difícil quando essas duas pessoas não se falavam.

Grant desejava ser perfeitamente justo. Logo, a única coisa que podia fazer era esperar que McNeil ficasse sóbrio e lhe apresentasse o problema. Pensava melhor quando estava em sua sala, de modo que foi à cabine de comando e prendeu-se na cadeira do piloto. Durante um momento contemplou pensativamente o vazio. Por fim decidiu que o melhor seria abordar a questão por correspondência, especialmente com as relações diplomáticas no estado em que se encontravam. Prendeu uma folha de papel sobre a prancheta e começou:

«Estimado McNeil...»

Rasgou o papel e começou novamente:

«McNeil...»

Demorou quase três horas, e ainda assim não ficou completamente satisfeito. Certas coisas eram tão difíceis de por em preto no branco! Mas afinal conseguiu terminar. Fechou a carta e guardou-a na caixa forte. Podia esperar um ou dois dias.

Poucos, entre os milhões que esperavam na Terra e em Vênus, podiam ter a mínima ideia das tensões que iam se formando lentamente a bordo da Rainha Estelar. Durante muitos dias, a imprensa e o rádio tinham estado cheios de fantásticos projetos de salvamento. Em três mundos não havia outro tema de conversa. Mas somente um débil eco do tumulto de três mundos chegava aos dois homens que eram a causa deste.

A estação de Vênus sempre podia falar com a Rainha Estelar, mas havia pouca coisa a dizer. Não era decentemente possível enviar palavras de estímulo a homens que estavam na cela dos condenados, embora houvesse incerteza quanto à data da execução. De modo que Vênus se contentava em enviar mensagens de rotina todo dia e a deter a continua corrente de pedidos e ofertas de jornais que chegavam ininterruptamente da Terra. Em consequência disto, algumas companhias de rádio particulares da Terra realizaram tentativas frenéticas para estabelecer contato diretamente com a Rainha Estelar, mas fracassaram, simplesmente porque Grant ou McNeil nunca tentaram focalizar seu receptor em nenhuma outra direção que não fosse Vênus, que agora estava tentadoramente próximo.

Quando afinal McNeil saiu da sua cabine, houve um período embaraçoso, mas, embora as relações não fossem particularmente cordiais, a vida a bordo da Rainha Estelar continuava sendo pouco mais ou menos como antes.

Grant passava a maior parte do tempo no posto do piloto, calculando manobras de aproximação e escrevendo intermináveis cartas à sua mulher. Se quisesse teria podido falar com ela, mas a ideia de todos aqueles milhões de ouvintes que estavam à espera o haviam impedido. Os circuitos de conversação interplanetário eram teoricamente particulares, mas havia muita gente interessada, especialmente naquele.

Grant prometeu a si mesmo que ao cabo de dois dias entregaria a carta a McNeil e então poderiam decidir o que se haveria de fazer. Esta demora daria uma oportunidade a McNeil para que fosse ele mesmo que levantasse o assunto. Que tivesse outras razões para vacilar, era algo que a mente consciente de Grant ainda se negava a admitir.

Com frequência, Grant se perguntava como McNeil passava o tempo. O engenheiro tinha uma extensa biblioteca de microfilmes, ele lia muito e o campo dos seus interesses era muito extenso. Grant sabia que seu livro favorito era Jürgen e, talvez, naquele mesmo instante estaria tratando de esquecer seu fatal destino perdendo-se na estranha magia do livro. Outros livros de McNeil eram menos respeitáveis e não poucos deles pertenciam à classe dos curiosamente descritos como «curiosos».

A verdade era que McNeil era uma personalidade demasiado sutil e complicada para que Grant pudesse compreender. Era um hedonista e desfrutava dos prazeres da vida, tanto mais por estar separado deles durante meses inteiros. Entretanto, ele não era o ser moralmente débil e sem imaginação que o quase puritano Grant havia suposto. Era certo que havia desabado completamente sob o impacto inicial e que o seu comportamento com o vinho havia sido – julgando-se pelos princípios de Grant – repreensível. Mas McNeil havia sofrido um colapso e havia se recuperado; estava aí precisamente a diferença entre ele e o duro, porém quebradiço, Grant.

Se bem que, por mútuo consentimento, se havia restabelecido a rotina normal das obrigações, isto pouco servia para reduzir a sensação de tensão. Grant e McNeil evitavam, sempre que possível, se encontrarem, exceto quando as refeições os reunia. E quando se encontravam portavam-se com uma cortesia exagerada, como se ambos se esforçassem por ser perfeitamente normais e falhassem, de uma maneira inexplícita.

Grant confiava que fosse o próprio McNeil quem abordaria o assunto do suicídio, evitando-lhe assim um penoso dever. Porém quando o engenheiro se negou obstinadamente a fazê-lo, aumentaram o desprezo e o ressentimento de Grant. E, para piorar as coisas, agora tinha pesadelos e dormia mal. O pesadelo era sempre o mesmo.

Quando era um menino, acontecia frequentemente, ao ir para a cama, dele estar lendo uma história demasiado excitante para que o final fosse deixado para o dia seguinte. Para evitar que descobrissem que ele não estava dormindo, continuava lendo o livro sob as cobertas, à luz de uma lanterna elétrica, enrolado como uma crisálida entre as paredes brancas. Aproximadamente cada dez minutos, o ar ficava sufocante. Era precisamente a deliciosa sensação do ar fresco, ao descobrir a cabeça, uma das melhores sensações da diversão. E agora, trinta anos mais tarde, aquelas horas inocentes da infância haviam voltado para perturbá-lo. Sonhava que não podia escapar das sufocantes cobertas, enquanto o ar ia se rarefazendo constante e despidosamente, ao seu redor.

Havia tido a intenção de entregar a carta a McNeil após dois dias, mas o caso foi que não o fez. Tal prorrogação não parecia própria de Grant, mas ele tentava de se convencer que isto era algo perfeitamente razoável. Estava dando a McNeil a oportunidade de redimir-se, apresentando ele mesmo o problema. O fato de que McNeil poderia estar esperando que fosse ele quem fizesse exatamente a mesma coisa, era algo que nunca ocorreu a Grant.

A data fatal estava somente a cinco dias, quando, pela primeira vez se passou a ideia de assassinato na mente de Grant. Tinha estado sentado depois da «ceia», descansando, enquanto McNeil trabalhava na cozinha fazendo um barulho que a Grant parecia excessivo.

Que utilidade, perguntou a si mesmo, tinha o engenheiro para o mundo? Não tinha responsabilidades nem família, ninguém sofreria com sua morte. Grant, por outro lado, tinha mulher e três filhos, dos quais gostava com moderação, e eles corresponderiam, por alguma razão, com pouco mais que o afeto devido. Nenhum juiz imparcial teria dificuldade alguma em decidir qual dos dois deveria sobreviver. Se em McNeil tivesse restado um mínimo de decência, ele teria chegado à mesma conclusão. Mas

como não dava sinais de ter feito nem coisa parecida, já havia perdido todos seus direitos de continuar sendo levado em consideração.

Tal era a lógica elementar da mente subconsciente de Grant, que já a alguns dias havia chegado a esta resposta, mas que somente agora havia conseguido atrair sua atenção para o que tinha estado a clamar. Ideia que, seja dito em seu favor, Grant rechaçou imediatamente, com horror. Ele era uma pessoa reta e honrada, com um código de conduta muito estrito. Mesmo os pensamentos homicidas que erroneamente recebe o homem «normal», raras vezes agitavam sua mente. Mas nos dias que restavam – poucos dias – voltariam mais frequentemente.

O ar agora estava notavelmente mais viciado. Embora não houvesse ainda dificuldade alguma em respirar, lembrava o que viria a seguir. Grant descobriu que não conseguia dormir. Isto não era simplesmente uma desvantagem, pois ajudava a quebrar a força dos seus pesadelos, mas ele estava se desgastando fisicamente. Sua têmpera ia decaindo rapidamente, situação acentuada pelo fato de que McNeil parecia se comportar com uma calma inesperada e irritante. Grant se deu conta de que havia chegado ao ponto em que seria perigoso demorar mais a por as cartas sobre a mesa.

McNeil estava, como de costume, em sua sala, quando Grant subiu à cabine de comando para pegar a carta que havia fechado na caixa-forte (parecia ter sido há séculos atrás). Perguntou-se se deveria acrescentar mais alguma coisa, mas logo se deu conta de que isto seria mais outra razão para atrasar ainda mais. Resolutamente dirigiu-se para a cabine de McNeil.

Um só nêutron inicia uma reação em cadeia que pode destruir, em um instante, um milhão de vidas e o trabalho de gerações. Igualmente insignificantes e carentes de importância são os fatos determinantes que às vezes alteram o curso de ação de um homem e modificam assim toda a estrutura do seu futuro.

Uma coisa insignificante, que em condições ordinárias ele talvez nem tivesse notado, foi o que fez com que Grant se detivesse no corredor, junto à porta de McNeil: o cheiro de fumaça de tabaco. Somente a ideia de que o solitário engenheiro tinha tão pouco domínio de si que estava gastando de tal forma os últimos e preciosos litros e oxigênio, encheu Grant de uma fúria cega. Ficou paralisado por um instante, devido à intensidade da emoção. Em seguida, amassou lentamente a carta em sua mão.

A ideia, que a princípio havia sido um intruso não desejado, e em seguida uma especulação casual, foi finalmente, plenamente aceita. McNeil tinha tido sua oportunidade e havia se mostrado, devido ao seu incrível egoísmo, indigno dela. Poderia muito bem morrer.

A velocidade com que Grant chegou a tal conclusão não teria enganado a nenhum psicólogo. Foi uma sensação de alívio, tanto como de ódio, a que o afastou da sala de McNeil. Tinha querido convencer a si mesmo que não precisava fazê-lo com honra, sugerir qualquer aposta que desse a ambos a mesma probabilidade de vida. Esta era a desculpa que necessitava. E agarrou-se a ela para aplacar sua consciência. Pois se alguém poderia planejar e também levar a cabo um assassinato, Grant era o tipo de pessoa que teria que fazê-lo, segundo seu próprio código moral.

Na verdade – e não era pela primeira vez – estava fazendo juízo equivocado de McNeil. O engenheiro era um grande fumante e o tabaco era essencial para o seu bem estar mental, mesmo em circunstâncias normais. E quanto mais essencial era agora! Grant, que fumava somente de vez em quando e sem desfrutar muito, não poderia nunca entender.

McNeil havia chegado à conclusão, após cuidadoso cálculo, que quatro cigarros por dia não representavam diferença mensurável alguma no consumo do oxigênio da

nave, mas influiriam definitivamente sobre seus próprios nervos e, portanto, indiretamente sobre os de Grant. Mas não serviria de nada explicar isto a Grant. E assim estava fumando escondido, e com um tal domínio de si próprio que lhe trazia satisfação. Era até voluptuosamente surpreendente. Tinha sido pura má sorte o fato de que Grant houvesse descoberto um dos quatro cigarros ao dia.

Por tratar-se de uma pessoa que só recentemente havia se decidido pelo assassinato, as ações de Grant eram notavelmente metódicas. Sem vacilar, apressou-se a ir à sala de comando e abriu o estojo com compartimentos devidamente etiquetados, destinados a quase todas emergências que poderiam ocorrer no espaço. Era inclusive levada em consideração a contingência final, pois ali, em baixo de fitas elásticas, estava a pequena garrafa que procurava, e cuja imagem havia estado escondida todos aqueles dias nas profundezas desconhecidas da sua mente. Tinha uma etiqueta branca com a caveira e os ossos cruzados e, embaixo, as palavras: "Aprox. meio grama ocasionará uma morte indolor e quase instantânea."

O veneno era indolor e instantâneo, o que era bom. Mas o mais importante ainda era o que a etiqueta não mencionava. Também não tinha gosto.

* * *

O contraste entre as refeições preparadas por Grant e as organizadas com considerável habilidade e cuidado por McNeil, era notável. Qualquer um que se interessasse por comida e passasse grande parte da sua vida no espaço, geralmente aprendia, em defesa própria, a arte de cozinhar. McNeil fazia isto a muito tempo. Para Grant, ao contrário, comer era uma dessas tarefas necessárias, porém irritantes, que tinham que ser realizadas o mais rapidamente possível. E sua cozinha refletia esta opinião.

McNeil havia parado de lamentar-se por ele, mas talvez tivesse lhe interessado muito o cuidado com que Grant fazia esta refeição em particular. Se observou um crescente nervosismo por parte de Grant à medida que a refeição avançava, nada disse. Comeram quase em silêncio, mas isto não tinha nada de extraordinário, pois fazia muito tempo que haviam-se esgotado as possibilidades de uma conversa.

Quando foram retirados os últimos pratos – vasilhas profundas com bordas curvadas para dentro, para evitar que o conteúdo escapasse – Grant se dirigiu à cozinha para preparar o café. Demorou bastante, pois à última hora ocorreu-lhe algo enfurecedor e ridículo ao mesmo tempo: recordou repentinamente de um dos filmes clássicos do século anterior, no qual o fabuloso Charles Chaplin tentava envenenar uma esposa não desejada e, em seguida, acidentalmente, trocava os copos.

Nenhuma recordação poderia ter sido mais desagradável, pois o deixou arrasado com uma explosão de histeria silenciosa. O Duende Perverso, de Poe, aquele demônio que se diverte desafiando os cuidadosos cânones da defesa própria, havia entrado em ação. Passou-se um bom tempo antes que Grant recuperasse o domínio sobre si próprio.

Estava certo que, ao menos externamente, parecia completamente tranquilo, enquanto levava os dois recipientes plásticos e seus tubos de beber. Não havia perigo de confundi-los, pois o do engenheiro tinha as letras MAC pintadas claramente no lado. Ao pensar naquilo, Grant quase deu uma daquelas risadas histéricas, mas conseguiu controlar-se com a sombria reflexão de que seus nervos deviam estar em pior estado do que havia pensado.

Observou fascinado, embora sem aparentar, como McNeil brincava com o copo. O

engenheiro não parecia ter muita pressa e olhava distraído para o vazio. Finalmente, levou-o aos lábios o tubo de beber e sorveu o conteúdo. Um instante mais tarde arrotou ligeiramente e uma mão gelada pareceu apertar o coração de Grant e oprimi-lo fortemente. Em seguida, McNeil virou-se para ele e disse comedidamente:

- Finalmente conseguiste fazer um bom café, mas está muito quente.

Lentamente, o coração de Grant voltou a trabalhar. Não se atreveu a falar para não se trair, mas conseguiu fazer um sinal ambíguo com a cabeça.

McNeil aproximou cuidadosamente o copo no ar, a poucos centímetros do seu rosto. Parecia muito pensativo, como se pesando as palavras para alguma observação importante. Grant se maldizia por haver preparado a bebida tão quente; era precisamente este o tipo de detalhe que servia para enforçar assassinos. Se McNeil demorasse demais seu nervosismo o atraíria.

- Suponho, - disse McNeil em tom de conversa – que já lhe ocorreu que há ar suficiente para apenas um de nós chegar até Vênus.

Grant conseguiu dominar seus nervos agitados e afastar seus olhos da taça que o hipnotizava. Sua garganta estava muito seca quando respondeu:

- Isto nem tinha passado pela minha cabeça.

McNeil tocou na sua taça, e como ainda estava muito quente, prosseguiu pensativamente:

- Então, não seria mais razoável se um de nós decidisse sair por uma das eclusas, por exemplo, ou tomar um pouco de veneno dali? - E com o polegar fez um gesto em direção ao estojo que podia ser visto de onde eles estavam sentados.

Grant assentiu com a cabeça.

- Naturalmente, a única dificuldade – acrescentou o engenheiro – está em decidir qual de nós dois tem que ser o desafortunado. Suponho que teria que ser escolhendo uma carta, ou de qualquer outro modo arbitrário.

Grant contemplou McNeil com uma fascinação que quase superava o seu crescente nervosismo. Nunca tinha podido acreditar que o engenheiro fosse capaz de discutir o assunto com tanta tranquilidade. Grant estava certo de que ele não suspeitava de nada. Era evidente que os pensamentos de McNeil haviam decorrido em paralelo aos seus próprios e era apenas uma coincidência que ele houvesse escolhido este momento, entre tantos outros, para abordar a questão.

McNeil observava-o fixamente, como se julgando suas reações.

- Tem razão – ouviu-se dizendo Grant – Temos que falar disto.

- Sim. - disse McNeil imperturbável – Temos que falar – E tomando novamente sua taça, pôs o tubo em seus lábios e sorveu lentamente.

Grant não pôde esperar até que tudo houvesse terminado. Notou com surpresa que o alívio que havia esperado sentir não chegou. Sentiu até uma pontada de sentimento, mas não era remorso. Agora já era um pouco tarde para pensar naquilo, mas lembrou repentinamente que ficaria só na Rainha Estelar, perseguido por seus pensamentos, durante mais de três semanas, antes que o auxílio chegasse.

Não queria ver McNeil morrer e sentiu-se enjoado. Sem se voltar para olhar sua vítima, lançou-se para a saída.

* * *

Imutavelmente fixo, o feroz sol e as estáticas estrelas contemplavam a Rainha Estelar, que parecia tão fixa como eles. Não havia maneira de saber que a pequena

nave, em forma de um peso de ginástica, havia agora quase alcançado sua velocidade máxima e que em sua pequena esfera havia milhões de cavalos vapor prisioneiros, esperando o momento da sua liberação. Para dizer a verdade, não havia modo de saber se levava algum tipo de vida.

Abriu-se uma eclusa do lado da noite, permitindo que uma luz brilhante escapasse do interior. O resplandecente círculo tinha um estranho aspecto, suspenso ali na escuridão. Em seguida foi abruptamente eclipsado, quando duas figuras saíram flutuando da nave. Uma era muito maior que a outra, por uma razão muito importante: levava um traje espacial. Existem certas roupas que podem usadas, ou não, ao gosto de cada um, sem maiores efeitos prejudiciais que a possível perda de certo prestígio social; mas os trajes espaciais não se encontram entre elas.

Na escuridão estava acontecendo algo que não era fácil de se ver. A figura menor começou a mover-se, lentamente a princípio, mas com velocidade rapidamente crescente. Deixou a sombra da nave, saindo à plena luz do sol, e então foi possível ver atada às suas costas, uma pequena garrafa da qual saía uma fina névoa que desaparecia quase instantaneamente no espaço. Era um foguete primitivo, mas eficaz. Não havia perigo de que a minúscula força gravitacional da nave voltasse a atrair o corpo.

Girando um pouco, o cadáver foi diminuindo à distância, rumo às estrelas, e desapareceu de vista em menos de um minuto. Completamente imóvel, a figura da eclusa contemplava. Em seguida, a porta externa se fechou, o círculo brilhante desapareceu e somente a pálida luz da Terra continuou brilhando sobre o lado escuro da nave.

Absolutamente mais nada ocorreu durante vinte e três dias.

* * *

O capitão do Hércules voltou-se para seu segundo em comando com um suspiro de alívio.

- Eu achava que não conseguiria. Deve ter sido um esforço enorme partir da sua órbita por si só, sem ajuda e com o ar tão viciado como deve estar agora. Quanto falta ainda para chegarmos?

- Aproximadamente uma hora. Ainda tem rota excêntrica, mas isso nós poderemos corrigir.

- Bom. Avisa à Leviatã e à Titã que conseguimos estabelecer contato e pede que decolem, pode fazer isto? Mas eu não diria nada a teus amigos correspondentes até que tenhamos terminado a manobra a salvo.

O segundo teve a gentileza de ruborizar-se.

- Não tinha nenhuma intenção. - disse com voz ligeiramente ressentida, enquanto tocava de leve as teclas da sua calculadora.

A resposta que apareceu instantaneamente na tela pareceu desagradá-lo.

- Valeria mais que abordássemos nós mesmos a Rainha e a levássemos em velocidade circular antes de chamar os outros rebocadores - disse - ou então gastaremos muito combustível. Tem ainda um excesso de velocidade de cerca de um quilômetro por segundo.

- Boa ideia Diz à Leviatã e à Titã que fiquem preparados, mas que não acelerem até que lhes informemos a nova rota.

Enquanto a mensagem descia através dos ininterruptos bancos de nuvens que cobriam meio céu lá embaixo, o segundo observou pensativamente;

- O que ele deve estar sentindo agora?

- Posso te dizer: está tão contente de estar vivo que tudo o mais não lhe importa um pepino que seja.
 - Mas.. enfim, não estou certo de que eu gostaria de ter deixado meu companheiro de navegação no espaço para poder regressar.
 - Não é uma coisa de que ninguém poderia gostar. Mas ouviste o rádio: eles discutiram com calma e o que perdeu foi para a eclusa. Era a única coisa razoável a se fazer.
 - Razoável talvez, mas é uma coisa horrível deixar que outro se sacrifique assim a sangue frio.
 - Não sejas tão sentimental. Aposto que se sucedesse conosco, tu me darias um empurrão antes que eu tivesse tempo de dizer minhas orações.
 - A menos que tu não me fizesse ir antes. Mas, enfim, não creio que seja provável que isso aconteça nunca ao Hércules. Nunca estivemos a mais de cinco dias de distância do porto, não é verdade? E ainda falam da poesia dos caminhos do espaço!
- O capitão não respondeu. Estava olhando através da ocular do telescópio de navegação, pois a Rainha Estelar deveria estar agora ao alcance ótico. Houve uma pausa enquanto ajustava os parafusos vernier, em seguida deu um suspiro de satisfação.
- Ali está ela. A uns novecentos quilômetros de distância. Diz à tripulação que estejam preparados e envia uma mensagem para animá-lo. Diz que chegaremos dentro de trinta minutos, embora não estejamos certo de todo.

* * *

As cordas de náilon de mil metros de comprimento cedera lentamente sob a tensão, enquanto absorviam o impulso relativo de ambas as naves e se distenderam novamente quando a Rainha Estelar e o Hércules saltaram aproximando-se um do outro. Os guinchos elétricos começaram a girar e, à semelhança de uma aranha que se arrasta ao longo do seu fio, o Hércules chegou ao lado do cargueiro.

Homens em trajes espaciais suavam, manipulando unidades de reação – trabalho delicado este – até que as eclusas encaixaram e puderam ser reunidas. As portas externas correram e o ar das eclusas se misturou, o fresco com o viciado. Enquanto o segundo do Hércules esperava, – tubo de oxigênio na mão – perguntava-se em que estado estaria o sobrevivente. Finalmente, a porta interna da Rainha Estelar se abriu.

Durante um instante os dois homens se olharam através da curta passagem que agora conectava as duas eclusas. O segundo se surpreendeu e ficou um pouco decepcionado ao descobrir que não sentia nenhuma sensação especial de drama. Havia acontecido tanta coisa para fazer possível aquele instante, que ao acontecer na realidade não impressionava, mesmo no momento em que ele deslizava pelo passado. Teria desejado – pois era um romântico incurável – ter podido pensar em algo memorável que passasse para a história.

Mas o que disse foi apenas:

- Bem McNeil, estou contente em te ver.

Apesar de estar muito delgado e emagrecido, McNeil havia suportado bem a prova. Respirou agradecido o jorro de oxigênio e rechaçou a ideia de que gostaria de deitar-se e dormir. Como explicou, durante a última semana quase não havia feito nada mais que dormir para conservar o ar.

O segundo se sentiu aliviado, pois temia ter de esperar para escutar a história.

Estavam transferindo o carregamento. Os outros rebocadores estavam subindo a

partir do cegante crescente de Vênus, enquanto McNeil voltava-se sobre os fatos das últimas semanas. O segundo tomava notas sub-repticiamente

Falou tranquila e impessoalmente, como se estivesse relatando uma aventura que tivesse acontecido com outra pessoa ou, para dizer a verdade, que nunca tivesse acontecido. O que era, até certo ponto, certo, embora que não seria justo sugerir que McNeil estivesse dizendo mentiras. Não inventou nada, mas omitiu muito. Tinha tido três semanas para preparar sua história e não acreditava que ela tivesse algum ponto fraco.

* * *

Grant havia chegado à porta, quando McNeil o chamou suavemente:

- Que pressa é essa? Pensei que tínhamos algo para discutir.

Grant agarrou-se à porta para deter sua fuga retilínea. Voltou-se lentamente e contemplou o engenheiro com incredulidade. McNeil já deveria estar morto e, ao contrário, ali estava ele, sentado comodamente, contemplando-o com uma expressão peculiar.

- Senta. - disse secamente.

Naquele momento, pareceu de repente que toda autoridade havia passado para ele. Grant assim o fez, por completa falta de vontade. Algo havia saído mal, mas não podia compreender o que. O silêncio na sala de comando pareceu durar uma eternidade. Em seguida McNeil disse tristemente:

- Eu esperava algo melhor de ti, Grant.

Pro fim, Grant recuperou a voz, embora quase não pudesse reconhecê-la.

- Que queres dizer? - murmurou.

- O que achas que estou querendo dizer? - replicou McNeil, com o que pareceu ligeiramente irritado – Esta tua pequena tentativa de envenenar-me, naturalmente.

O mundo cambaleante de Grant caiu por fim, mas já nada mais lhe importava muito.

McNeil começou a examinar com certa atenção suas unhas bem cuidadas.

- Só por curiosidade, - disse no mesmo tom com que teria perguntado as horas – quando decidiste matar-me?

A sensação de irrealidade era tão avassaladora, que Grant sentiu que estava desempenhando um papel que nada tinha a ver com a vida real.

- Somente esta manhã.

- Hummm, - observou McNeil, evidentemente sem muita convicção. Levantou-se e dirigiu-se para o estojo. Os olhos de Grant o seguiam enquanto ele procurava pelo compartimento e voltava com a pequena garrafa de veneno. Parecia estar ainda cheia. Grant havia tido o cuidado de que assim fosse.

- Suponho que eu deveria ficar enfurecido. - continuou McNeil, em tom de conversa, segurando a garrafa entre o polegar e o indicador – mas, pelo que seja, não o faço. Talvez seja porque nunca tive muitas ilusões sobre a natureza humana. E eu já previa isso há muito tempo.

Somente a última frase alcançou a consciência de Grant.

- O que? Já previas?

- Mas é claro, meu Deus! És demasiado transparente para ser um bom criminoso. E agora que teu pequeno plano falhou, nos deixa em uma situação embaraçosa, não é verdade?

Parecia não haver resposta para uma manifestação feita com tal maestria.

- O lógico seria – continuou o engenheiro pensativamente – que eu agora me enfurecesse, chamasse a Central de Vênus e te denunciasses às autoridades. Mas seria uma coisa sem sentido algum, e além disso eu nunca consigo enfurecer-me. Naturalmente, tu dirias que é porque sou muito preguiçoso, mas não creio que seja por isto. E deu um sorriso torcido para Grant.

- Oh, eu sei muito bem o que pensas de mim. Me tens perfeitamente classificado nesta tua mente ordenada, não é verdade? Sou mole e muito acomodado, não tenho moral, nem tampouco sentido algum de moral e não ligo para ninguém a não ser para mim mesmo. Pois bem, está errado. Talvez esteja correto em noventa por cento. Mas os outros dez por cento são muito importantes, Grant!

Grant não se sentia em condições de entrar em discussões psicológicas. Tampouco aquele momento parecia propício a isto. Além disso, estava obcecado com o problema do seu fracasso e pelo mistério da continuação da existência de McNeil, que – ele sabia perfeitamente – não parecia ter pressa em satisfazer sua curiosidade.

- Bem, e que pensa em fazer agora? - perguntou Grant, ansioso para encerrar o assunto.

- Queria – disse McNeil com calma – continuar nossa conversa no ponto em que foi interrompida pelo café.

- Não estás querendo dizer...

- Claro. Como se nada tivesse acontecido.

- Isto não tem sentido algum. Estás tramando alguma coisa! - gritou Grant.

McNeil suspirou. Soltou a garrafa de veneno e olhou fixamente para Grant.

- Logo tu, não estás precisamente em condições de acusar-me de tramar nada. Repetindo minhas observações anteriores, proponho que decidamos qual de nós tem que tomar o veneno. Só que desta vez não queremos mais decisões unilaterais. E também – e voltou a pegar a garrafa – desta vez será para valer. O que tem aqui dentro não faz mais nada além de deixar um mau gosto na boca.

Começava a fazer-se luz na mente de Grant.

- Tu trocaste o veneno!

- Naturalmente. Podes achar que és um bom ator, Grant, mas francamente, da galeria a representação me pareceu péssima. Sabia que estavas tramando alguma coisa, provavelmente antes que tu mesmo soubesses. Durante estes dias estive examinando a nave muito a fundo. Pensar em todas as maneiras em que podias liquidar-me era bastante divertido e ajudava a passar o tempo. O veneno era tão óbvio, que foi o que resolvi primeiro. Mas quase me excedi nos sinais de perigo, e quase me atraí ao tomar o primeiro gole. O sal não combina bem com o café.

E sorriu novamente daquela maneira estranha.

- E também eu havia esperado algo mais sutil. Até agora encontrei quinze maneiras infalíveis de assassinar alguém a bordo de uma nave espacial. Mas não tenho a intenção de descrevê-las agora.

Isso era verdadeiramente fantástico, pensou Grant. Estava sendo tratado, não como um criminoso, e sim como um escolar, dos bem estúpidos, que não havia feito corretamente seus deveres de casa.

- E contudo estás disposto – disse Grant incredulamente – a começar de novo e tomar o veneno se perderes?

McNeil permaneceu em silêncio por um longo tempo. Em seguida começou lentamente:

- Estou vendo que ainda não me acreditas. Não encaixa bem na tua bonita e ordenada compreensão, não é verdade? Mas talvez eu possa fazer-te compreender. Na

realidade é muito simples.

«Eu desfrutei a vida, Grant, sem muitos escrúpulos nem remorsos. Mas a melhor parte já passou e eu não me agarro ao que resta tão desesperadamente como possas supor. Mas enquanto ainda estou vivo, sou bastante exigente sobre certas coisas. Pode te surpreender que eu tenha alguns ideais. Mas eu tenho, Grant. Sempre tentei fazer as coisas como um ser racional e civilizado. Nem sempre consegui, mas quando fracassei tratei de me redimir.

Fez uma pausa, e quando voltou a falar parecia como se fosse ele, e não Grant, quem estava na defensiva.

- Sei que nunca gostaste de mim, Grant. Mas, com frequência, eu te admirava. E é por isto que lamento que tenhamos chegado onde chegamos. Te admirei mais do que nunca no dia em que a nave foi perfurada.

Pela primeira vez, McNeil parecia ter uma certa dificuldade em escolher suas palavras. E quando falou novamente, evitou encontrar os olhos de Grant.

- Não me comportei muito bem. Aconteceu algo que eu havia julgado impossível. Sempre tinha estado seguro de que nunca descontrolaria meus nervos, mas... bem, foi tão repentino que desmoronei.

Tentou ocultar sua perturbação com um rasgo de humor.

- Ocorreu uma coisa semelhante em minha primeira viagem. Eu estava certo de que nunca enjoaria no espaço. O resultado foi que fiquei pior do que se não houvesse tido tal excesso de confiança. Mas superei então, e também desta vez. Foi uma das maiores surpresas da minha vida, Grant, quando vi que você, logo você, começava a desmoronar.

«Oh sim! A história do vinho! Já compreendi que está pensando naquilo. Pois bem, isto é algo que não lamento. Já te disse que eu sempre agi como um homem civilizado, e um homem civilizado deve sempre saber quando é chegada a hora de embriagar-se. Mas talvez não possas compreender isso.

Embora pareça estranho, era isso precisamente o que Grant estava começando a fazer. Havia captado a primeira visão real da complicada e tortuosa personalidade de McNeil e concluiu que se havia equivocado completamente ao julgá-lo. Não, não era que seu julgamento estivesse sido completamente errado. Em muitos aspectos, estava correto. Mas somente havia tocado a superfície, nunca havia suspeitado da profundezas que se ocultavam abaixo dela.

Em um momento de clarividência, que nunca havia tido antes, e que, devido à natureza das coisas, não teria nunca mais, Grant compreendeu as razões da ação de McNeil. Isto não era uma coisa simples, como um covarde que tenta retratar-se aos olhos do mundo, pois ninguém precisava saber nunca o que havia acontecido a bordo da Rainha Estelar. Em todo caso, a opinião do mundo provavelmente não importava a McNeil, graças àquela suave satisfação de si mesmo que tão frequentemente havia irritado Grant. Mas aquela mesma satisfação de si mesmo significava que, a todo custo, devia conservar sua boa opinião própria. Sem ela, a vida não valeria a pena de ser vivida. E McNeil nunca aceitaria a vida se não fosse sob suas próprias condições.

O engenheiro o observava atentamente, e deve ter adivinhado que Grant estava se aproximando da verdade, pois repentinamente mudou de tom, como se lamentasse ter revelado tanto do seu caráter.

- Não creia que sinto um prazer quixotesco em oferecer a outra face. - disse - Considera simplesmente do ponto de vista da lógica pura. Afinal, não temos outro remédio a não ser chegar a um acordo.

«Não te ocorreu que se apenas um de nós sobreviver, sem que tenha uma mensa-

gem do outro que o cubra, passará momentos desagradáveis tendo que explicar exatamente o que ocorreu?

Em sua fúria cega, Grant havia esquecido disso completamente. Mas não acreditava que fosse tão importante para McNeil.

- Sim. - disse – Acho que tens razão.

Agora se sentia melhor: todo o ódio o havia abandonado e estava em paz. Conhecia a verdade e a aceitara. O fato era tão diferente do que havia suposto que agora já não importava mais.

- Bem. Concluamos. - disse desapassionadamente – Por ai dever haver um baralho novo.

- Creio que será melhor que ambos falemos primeiro com Vênus. - respondeu McNeil com especial ênfase – Precisamos que fiquem sabendo do acordo, para o caso de que alguém faça perguntas depois.

Grant assentiu distraidamente. Agora já não lhe importava muito o que acontecesse. E inclusive sorriu, dez minutos mais tarde, quando tirou sua carta do baralho e a pôs junto à de McNeil.

* * *

- De modo que essa é toda a historia. - disse o segundo, perguntando-se quando poderia dirigir-se decentemente ao transmissor.

- Sim, - disse McNeil serenamente – isto é tudo o que há.

O segundo mordeu o lápis, enquanto formulava a pergunta seguinte:

- E suponho que Grant tomou o veneno calmamente.

O capitão deu-lhe uma olhada, que ele evitou, e McNeil olhou-o tão friamente como se pudesse ver os títulos sensacionalistas que se delineavam atrás dele. Levantou-se e se dirigiu ao deque de observação.

- Você ouviu a transmissão, não é verdade? Aquilo não foi sereno o bastante?

O segundo suspirou. Ainda lhe parecia difícil crer que em tais circunstâncias dois homens pudessem se comportar de uma maneira tão razoável e tão desapassionada. Podia imaginar todo tipo de possibilidades dramáticas. - ataques repentinos de loucura, até assassinatos – E, no entanto, segundo McNeil, não tinha ocorrido nada. Era uma decepção.

McNeil voltou a falar, como se o fizesse consigo mesmo.

- Sim, Grant se portou muito bem, na verdade, muito bem mesmo. Foi uma grande lástima.

E então, pareceu se perder no esplendor incomparável e sempre novo do planeta que se aproximava. Não longe, por debaixo deles, e aproximando-se a quilômetros por segundo, os braços da névea branca do crescente de Vênus abarcavam mais de meio céu. Lá em baixo havia vida, civilização e ar. O futuro que, não fazia muito tempo, havia parecido se contrair até um ponto, se havia novamente aberto com todas suas maravilhas e possibilidades desconhecidas.

Mas McNeil podia sentir por trás dele os olhos dos seus salvadores, investigando, interrogando e, sim, também condenando. Por toda sua vida ouviria murmúrios. Vozes que diriam às suas costas: «Não é este o homem que...?»

Não importava. Pelo menos uma vez na sua vida havia feito algo de não não teria de que se envergonhar. Talvez algum dia sua desapiedada análise de si mesmo descobrisse os motivos por trás das suas ações e murmuraria ao seu ouvido: «Altruís-

mo? Não sejas néscio. Fizeste para manter tua boa opinião de si mesmo, mais importante que a de todos os demais!»

Porém, as perversas e enlouquecedoras vozes, que toda sua vida haviam feito parecer que nada valia a pena, estavam caladas no momento. E se sentia satisfeito. Havia alcançado a calma do centro do furacão. Enquanto durasse, desfrutaria plenamente dela.

EXPEDIÇÃO À TERRA

Ninguém podia recordar quando a tribo havia começado sua longa vigem. O país das grandes planícies ondulantes que havia sido seu primeiro lar, já não era mais que um sonho semi-esquecido. Durante muitos anos, Shann e seu povo haviam estado fugindo através de um país de baixas colinas e resplandecentes lagos. E agora enfrentavam montanhas. Aquele verão teriam que cruzar as terras do sol, e tinham pouco tempo a perder.

O branco terror que tinha descido dos polos, pulverizando continentes e mesmo congelando o ar adiante dele, estava a menos de um dia de marcha atrás deles. Shann se perguntava se os glaciares poderiam subir as montanhas à frente. E atrevia-se a acender em seu coração uma pequena chama de esperança. Poderiam talvez constituir uma barreira, frente à qual mesmo o desapiedado gelo golpeasse em vão. Nas terras do sul, das quais falavam as lendas, seu povo talvez encontrasse afinal um refúgio.

Demoraram muitas semanas para descobrir uma passagem através da qual pudessem avançar a tribo e seus animais. A meio verão haviam acampado em um solitário vale onde o ar era tênue e as estrelas brilhavam com um resplendor que ninguém nunca havia visto antes. O verão ia se distanciando, quando Shann e seus dois filhos saíram para explorar o caminho. Subiram durante três dias, e durante três noites dormiram o melhor que puderam sobre as pedras geladas. Na quarta manhã não havia mais nada à frente deles senão uma suave descida até um montículo de pedras cinzentas elevadas por outros viajantes, fazia séculos.

Shann sentiu que tremia, e não era de frio, enquanto caminhavam para a pequena pirâmide de pedras. Seus filhos ficaram para trás e ninguém falava, pois era muito o que se jogava. Dentro em pouco saberiam se todas suas esperanças haviam sido atraídas.

A Leste e a Oeste, a parede de montanhas se curvava, como que abraçando as terras do planalto. Abaixo jaziam intermináveis quilômetros de planície ondulante, e um grande rio serpenteava através dela, formando enormes laços. Era terra fértil, terra na qual sua tribo poderia trabalhar em seus cultivos, sabendo que não seria necessário fugir antes da colheita.

Então Shann levantou seus olhos para o sul e viu a ruína de todas suas esperanças. Pois ali, na borda do mundo, resplandecia a luz mortal que tantas vezes havia visto no norte: o brilho do gelo, abaixo do horizonte.

Não podiam seguir em frente. Durante todos os anos da fuga, os glaciares do sul haviam estado avançando ao seu encontro. Logo seriam esmagados entre as duas movediças paredes de gelo...

Os glaciares do sul não chegaram às montanhas até uma geração mais tarde. Naquele último verão, os filhos de Shann levaram os sagrados tesouros da tribo ao solitário montículo de pedras que dominava a planície. O gelo, que antes havia resplandecido abaixo do horizonte, agora estava quase a seus pés. Na primavera estaria estilhaçando-se contra as paredes da montanha.

Atualmente ninguém entendia o que eram os tesouros: pertenciam a um passado demasiado distante para a compreensão de algum homem. Suas origens se perdiam nas névoas que rodeavam a Idade de Ouro. Como haviam passado finalmente ao poder desta tribo migrante, era uma história que agora nunca seria contada. Pois era a história de uma civilização que havia acontecido muito além de toda recordação. Por algum tempo aquelas melancólicas relíquias haviam sido guardadas como um tesouro por alguma boa razão e, em seguida, haviam sido convertidas em sagradas, mas seu significado havia sido perdido.

As letras dos velhos livros haviam quase desaparecido havia séculos, mas ainda eram legíveis, isto se houvesse alguém para lê-los. Mas já haviam se passado muitas gerações desde que alguém havia sabido utilizar uma tábua de logaritmos de sete algarismos, um atlas do mundo e a partitura da Sétima Sinfonia de Sibelius, impressa, segundo constava na capa, por H. K. Chu e Filhos, na cidade de Pequim, no ano de 2021 D.C.

Colocaram reverentemente os livros na pequena cripta que havia sido construída para recebê-los. Em seguida uma colcha de retalhos de uma coleção de fragmentos: moedas de ouro e platina, uma teleobjetiva fotográfica quebrada, um relógio, uma lâmpada de luz fria, um microfone, a lâmina de uma máquina de barbear elétrica, algumas minúsculas válvulas de rádio. A escória que havia restado quando a grande maré da civilização morreu para sempre. Tudo isto foi cuidadosamente guardado em seu lugar de repouso. Em seguida vinham mais três relíquias, as mais sagradas de todas, por serem as menos compreendidas.

A primeira era uma peça de metal de uma forma estranha, resultado de um calor intenso. De certo modo era o mais melancólico de todos aqueles símbolos do passado, pois falava da maior façanha do Homem, e do futuro que poderia ter conhecido. O pedestal de mogno sobre o qual estava colocado, tinha uma placa de prata com a inscrição:

«Acendedor auxiliar do jato de estibordo da nave espacial Estrela Matutina. Terra-Lua, 1985 D.C.

Em seguida vinha outro milagre da ciência antiga: uma esfera de plástico transparente com peças de metal de formas raras incrustadas no seu interior. No centro havia uma pequena cápsula de um elemento radioativo sintético, rodeado das telas de conversão que mudava sua radiação até a parte baixa do espectro. Enquanto o material permanecesse ativo, a esfera seria uma pequena estação transmissora de rádio que emitia em todas as direções. Somente foram construídas poucas dessas esferas, destinadas a serem faróis perpétuos nas órbitas dos asteroides. Mas o homem nunca alcançou os asteroides e os faróis nunca foram utilizados.

Finalmente, havia uma lata circular plana, muito larga em relação à sua profundidade. Estava muito bem selada e, quando era agitada, emitia um ruído. A tradição da tribo previa um desastre se ela fosse aberta e ninguém sabia o que continha uma das maiores obras de arte de cerca de mil anos.

O trabalho havia terminado. Os dois homens rolaram as pedras colocando-as em

seu lugar, e começaram lentamente a descer a montanha. Mesmo no fim, o Homem havia pensado no futuro, e havia tratado de conservar algo para a posteridade.

Naquele inverno, as grandes ondas de gelo começaram seu primeiro assalto às montanhas, atacando pelo norte e pelo sul. Os pés das colinas foram esmagados no primeiro embate e os glaciares as pulverizaram. Mas as montanhas se mantiveram firmes. E quando chegou o verão, o gelo se retirou por um tempo. E assim, inverno após inverno, continuou a batalha. O rugido dos desmoronamentos, o rangido das rochas e as explosões do gelo estilhaçado, encheram de fragor o ar. Nenhuma das guerras do Homem havia sido tão feroz, nem haviam submergido o globo mais completamente que esta. Até que afinal as ondas da maré de gelo começaram a abater-se e a descer lentamente ao longo das ladeiras das montanhas que nunca haviam dominado de todo, apesar das passagens e dos vales ainda estarem firmemente em seu poder. A luta não havia sido decidida, pois os glaciares haviam encontrado um rival à altura. Porém sua derrota havia chegado demasiado tarde para ser de alguma utilidade para o homem.

Assim foram transcorrendo os séculos, até que ocorreu algo que, por força, tem que suceder ao menos uma vez na história de cada um dos mundos do universo, por mais remotos e solitários que sejam.

* * *

A nave de Vênus chegou cinco mil anos depois e demasiado tarde. Mas sua tripulação nada sabia disto. De muitos milhões de quilômetros de distância, os telescópios haviam visto o grande sudário de gelo que fazia da Terra o objeto mais brilhante do céu, depois do próprio Sol. Aqui e ali a deslumbrante savana se via manchada por negras moitas que revelavam a presença de montanhas quase enterradas. Isto era tudo. Os oceanos, as planícies e os bosques, os desertos e os lagos, tudo que havia sido o mundo do homem, estava selado sob o gelo, talvez para sempre.

A nave aproximou-se da Terra e estabeleceu uma órbita a uns mil quilômetros de distância. Durante cinco dias circundou o planeta, enquanto as câmeras fotografavam tudo que estava à vista. E cem instrumentos recolhiam informações que dariam anos de trabalho aos cientistas venusianos. Não tinham intenção de aterrisar, pois não havia razão para isto. Porém, ao sexto dia, o quadro mudou. Um avisador eletrônico, no limite da sua amplificação, detectou a agonizante radiação do velho farol de cinco mil anos. Através dos séculos havia enviado seus sinais, com força cada vez menor, à medida que seu coração radioativo ia constantemente se debilitando.

O avisador sintonizou a frequência do farol. Na sala de comando, uma campainha pediu atenção. Um pouco mais tarde, a nave venusiana saiu da sua órbita e desceu, inclinando-se para a Terra, em direção a uma cordilheira que, orgulhosa, ainda emergia do gelo. E para um montículo de pedras cinzentas que os anos apenas haviam tocado.

* * *

O grande disco do sol ardia ferozmente em um céu que já não estava velado pelas nuvens, pois as nuvens que outrora ocultavam Vênus haviam se desvanecido por completo. A força que havia ocasionado a mudança na radiação solar, havia condenado uma civilização, porém deu a vida a outra. Fazia menos de cinco mil anos que as pessoas semi-selvagens de Vênus haviam visto o sol e as estrelas pela primeira vez. A ciência da Terra havia começado com a astronomia, o mesmo havia ocorrido com a de Vênus. E naquele mundo quente e rico que o Homem nunca tinha visto, o progresso havia sido incrivelmente rápido. Talvez os venusianos tenham sido afortunados. Nunca conheceram a Idade do Obscurantismo que havia mantido o homem encadeado durante mil anos. Evitaram o longo caminho indireto através da química e da mecânica e chegaram imediatamente às leis mais fundamentais da física da radiação. O tempo que o homem havia demorado em passar das pirâmides às astronaves propulsionadas por foguetes, os venusianos haviam passado do descobrimento da agricultura para a anti-gravitação, o segredo final que o Homem nunca havia aprendido.

O pequeno oceano, que ainda continha a maior parte da vida do cáldo planeta, projetava languidamente suas ondas contra a praia arenosa. Tão novo era aquele continente, que as areias ainda eram grossas e agudas; o mar ainda não tinha tido tempo de suavizá-las.

Os cientistas estavam calados, submersos até o meio do corpo na água. Seus formosos corpos de reptéis brilhavam à luz do sol. As melhores mentes de Vênus haviam se congregado naquela margem vindo de todas as ilhas do planeta. Ainda não sabiam o que iam ouvir, exceto que se referia ao Terceiro Mundo e à raça misteriosa que o havia povoado antes da chegada do gelo.

O historiador estava sobre a terra, pois os instrumentos que ia utilizar não gostavam da água. Ao seu lado havia uma grande máquina que atraiu muitas curiosas olhadelas dos seus colegas. Estava, evidentemente, relacionada com a ótica, pois tinha um sistema de lentes apontado para uma tela de material branco situada a uma dúzia de metros.

O historiador começou a falar. Recapitulou brevemente o pouco que havia descoberto referente ao Terceiro Planeta e sua gente. Mencionou os séculos de investigação infrutuosa, que haviam fracassado, na investigação de um só dos escritos da Terra. Aquele planeta havia sido habitado por uma raça de grande habilidade técnica. Isso pelo menos ficava demonstrado pelas escassas peças de maquinaria que haviam sido achadas sob o monte de pedras da montanha.

- Não sabemos porque uma civilização tão avançada se extinguiu. Quase com certeza sabiam o suficiente para sobreviver a um Período Glacial. Deve ter havido algum outro fator do qual nada sabemos. Talvez tenha sido por culpa de alguma doença ou de uma degeneração racial. Tem sido sugerido, inclusive, que os conflitos de tribo, endêmicos em nossa própria espécie nos tempos pré-históricos, podem ter continuado no Terceiro Planeta mesmo depois da introdução da tecnologia. Alguns filósofos afirmam que os conhecimentos de maquinaria não implicam necessariamente em um elevado grau de civilização e que é teoricamente possível que haja guerras em uma sociedade que possua força mecânica, navegação aérea e, inclusive, rádio. Tal concepção é estranha às nossas ideias, mas devemos admitir sua possibilidade. Evidentemente isto explicaria a perda daquela raça.

«Sempre supomos que nunca saberíamos algo a respeito da forma física das cria-

turas que habitaram o Terceiro Planeta. Durante séculos, nossos artistas têm representado cenas da história daquele mundo morto, povoando-o de todo tipo de seres fantásticos. A maior parte de tais criações os faziam semelhantes a nós, apesar de que se há indicado, com frequência, que apenas pelo fato de nós sermos reptéis não significa que toda vida inteligente deva ser, necessariamente, réptil. Agora conhecemos a resposta a um dos problemas mais desconcertantes da história. Afinal, depois de quinhentos anos de investigação, conseguimos descobrir a forma exata da natureza da vida líder do Terceiro Planeta.

Dos cientistas ali reunidos elevou-se um murmúrio de assombro. Alguns foram tomados tão de surpresa que desapareceram por um momento na comodidade do oceano, como costumavam fazer todos os venusianos em momentos de tensão.

O historiador esperou até que seus colegas reaparecessem sobre o elemento que tão pouco lhe agradava. Ele mesmo se sentia bem, graças aos pequenos salpicos que chegavam continuamente ao seu corpo. Devido a eles, podia viver muitas horas sobre a terra, sem ter que retornar ao oceano.

A agitação se acalmou lentamente e o conferencista prosseguiu:

- Um dos objetos mais desconcertantes entre os achados no Terceiro Planeta, era um recipiente metálico, plano, que continha uma grande fita de material plástico transparente, perfurado nas bordas e enrolado apertadamente formando um carretel. Esta fita transparente pareceu, a princípio, estar desprovida de características específicas, mas, ao ser examinada com o novo microscópio sub-eletrônico, viu-se que não era assim. Ao longo da superfície do material, invisíveis aos nossos olhos, mas perfeitamente definidas sob uma radiação adequada, há literalmente milhares de pequenas imagens. Acreditamos que foram impressas sobre o material por algum processo químico e que foram se apagando no decorrer do tempo.

«Tais imagens formam, ao que parece, um documento da vida tal como ela era sobre o Terceiro Planeta no apogeu da sua civilização. Não são independentes. São imagens consecutivas quase idênticas entre si, diferenciando-se somente em detalhes de movimento. O objetivo da gravação é óbvio: somente é preciso projetar as cenas em rápida sucessão para criar a ilusão de um movimento contínuo. Nós construímos uma máquina para fazer isto. Eu tenho aqui uma reprodução exata da série de imagens.

«As cenas que agora vão contemplar, nos transportam a muitos milhares de anos atrás, aos grandes dias do planeta irmão. Apresentam uma civilização muito complexa, da qual muitas atividades só compreendemos muito vagamente. A vida parece ter sido muito violenta e muito enérgica e muito do que verão é bastante desconcertante.

«É evidente que o Terceiro Planeta era habitado por um certo número de espécies, nenhuma das quais era réptil. Isto é um golpe para nosso orgulho, mas a conclusão é inevitável. O tipo de vida dominante parece ter sido um bípede de dois braços, que caminhava ereto e cobria seu corpo com uma espécie de material flexível, com certeza para resguardar-se do frio, já que mesmo antes da Idade do Gelo aquele planeta estava a uma temperatura muito inferior à do nosso próprio mundo.

«Mas não quero abusar mais da vossa paciência. Agora verão a gravação da qual lhe falei.

Uma luz brilhante saiu do projetor. Ouviu-se um suave zumbido e apareceram sobre a tela centenas de estranhos seres que se moviam um tanto rigidamente de um lado para outro. A imagem se aproximou para destacar uma daquelas criaturas e os cientistas puderam comprovar que a descrição do Historiador havia sido correta. A criatura possuía dois olhos, colocados bastantes juntos, mas os demais adornos fa-

ciais eram um pouco confusos. Havia um grande orifício na parte inferior da cabeça que estava continuamente se abrindo e se fechando e que possivelmente estava de certo modo relacionado com a respiração da criatura.

Os cientistas contemplaram fascinados como aqueles estranhos seres se viam implicados em um série de aventuras fantásticas. Havia uma luta incrivelmente violenta com outra criatura um pouco diferente. Parecia certo que ambos seriam mortos, mas não; ao terminar a luta, nenhum dos dois parecia haver sofrido nada. Em seguida vinha uma furiosa corrida, sobre quilômetros de campo, de um artefato mecânico de quatro rodas, capaz de extraordinárias façanhas de locomoção. A corrida terminava em uma cidade cheia de outros veículos que se moviam em todas as direções e a velocidades espantosas. Ninguém se surpreendeu ao ver que duas das máquinas se chocavam de frente, com resultado devastador.

Depois daquilo, os acontecimentos ficaram ainda mais complicados. Era evidente que seriam necessários muitos anos de investigação para analisar tudo que ali acontecia. Compreendia-se também, claramente, que aquela era uma obra de arte algo estilizada ao invés de uma reprodução exata da vida, tal como havia sido sobre o Terceiro Planeta.

Quando terminou a sucessão de imagens, a maior parte dos cientistas estava aturdida.

Havia uma rajada final de movimento, durante a qual a criatura, que havia sido o centro das atenções, se viu envolta em uma catástrofe tremenda, porém incompreensível. A imagem se contraiu até ficar reduzida a um círculo, centrado na cabeça daquela criatura. A última cena era a imagem ampliada do seu rosto, que evidentemente expressava alguma forte emoção, sem que se pudesse adivinhar se era raiva, pena, desafio, resignação ou outro sentimento qualquer.

A imagem se desvaneceu. Por um instante apareceram algumas letras na tela e em seguida tudo terminou.

Durante vários minutos reinou um completo silêncio, exceto pelo sussurro das ondas sobre a areia. Os cientistas estavam aturdidos demais para falar. Aquela visão passageira da civilização da Terra havia produzido um efeito devastador sobre suas mentes. E então começaram a falar em pequenos grupos, comentando, inicialmente por murmúrios, em seguida em voz alta, à medida que parecia mais claro o significado do que acabavam de ver.

Em seguida, o Historiador reclamou novamente sua atenção:

- Pretendemos agora, - começou - iniciar um vasto programa de investigação para extrair desta gravação toda a informação possível. Já se deram conta dos problemas levantados; especialmente os psicólogos enfrentarão uma tarefa imensa. Mas não duvido de que teremos êxito. Dentro de outra geração, quem sabe o que teremos chegado a saber dessa maravilhosa raça? Antes de terminar, contemplemos novamente nossos remotos parentes, cuja sabedoria talvez tenha ultrapassado a nossa, mas dos quais tão poucas coisas sobraram.

Uma vez mais, apareceu sobre a tela a imagem final, imóvel desta vez, pois tinham detido o projetor. Com um sentimento semelhante ao respeito, os cientistas contemplaram aquela estática figura do passado, enquanto que por sua vez o pequeno bípede os contemplava com sua característica expressão de um mau gênio arrogante. Este seria para sempre o símbolo da raça humana.

Os psicólogos de Vênus analisariam suas ações e observariam todos seus movimentos, até que pudessem reconstruir sua mente. Seriam escritos, sobre ele, milhares de livros. Seriam levantadas complicadas filosofias para explicar seu comportamento.

Porém todo aquele trabalho, toda aquela investigação, seriam em vão.

Talvez aquela solitária e orgulhosa figura da tela sorrisse sardonicamente dos cientistas que começavam seu trabalho, interminável e inútil. Seu segredo estaria seguro enquanto durasse o universo, pois ninguém nunca conseguiria ler a perdida linguagem da Terra. Milhões de vezes, nos séculos por vir, resplandeceriam sobre a telas aquelas últimas palavras, e ninguém nunca adivinharia seu significado.:

"Uma Produção Walt Disney"

SUPERIORIDADE

Ao fazer esta declaração, - e a faço por vontade própria – desejo em primeiro lugar deixar perfeitamente claro que não quero ganhar simpatias, nem espero mitigação alguma de qualquer sentença que possa pronunciar o Tribunal. Escrevo isto para tentar refutar alguns dos mentirosos informes que têm aparecido na imprensa, os que me permitiram ver, e que se têm transmitido pelo rádio da prisão, os quais têm proporcionado uma ideia absolutamente falsa das verdadeiras causas da nossa derrota e, como chefe das forças armadas da minha raça, ao cessarem as hostilidades, considero meu dever protestar contra tais calúnias sobre aqueles que serviram sob meu comando. Espero também que esta declaração esclareça as razões da solicitação que por duas vezes dirigi ao Tribunal, e que o induza a conceder-me um favor, para a denegação da qual não creio possível que exista razão alguma.

A causa fundamental do nosso fracasso foi muito simples. Apesar de todas as afirmações em sentido contrário, não foi devido à falta de valor por parte dos nossos homens, nem a falta alguma da Frota. Fomos derrotados somente por uma coisa: pela ciência inferior dos nossos inimigos. Repito: pela ciência inferior dos nossos inimigos.

Quando a guerra começou, não tínhamos dúvida alguma acerca da nossa vitória final. As frotas combinadas dos nossos aliados excediam consideravelmente, em número e armamentos, as que o inimigo podia alinhar contra nós. E em quase todos os ramos da ciência militar éramos superiores a eles. Estávamos certos de poder manter a superioridade. Nossa crença foi, por desgracia, confirmada com excesso na prática.

Ao começar a guerra, nossas principais armas eram o torpedo automático de longo alcance, o raio esférico dirigível e diversas formas modificadas do raio de Klydon. Todas as unidades da Frota estavam equipadas com essas armas e, embora o inimigo possuísse outras semelhantes, suas instalações eram, em geral, de potência inferior. Além disto, estávamos respaldados por uma Organização de Investigação Militar muito mais importante. Com tal vantagem inicial não tínhamos possibilidade de perder.

A campanha aconteceu segundo o planejado até a Batalha dos Cinco Sois. Naturalmente a ganhamos, mas a oposição foi mais enérgica do que havíamos esperado. Compreendemos então que a vitória poderia ser mais difícil, e mais lenta, do que havíamos acreditado a princípio. Por tal razão, convocou-se uma conferência de comandantes supremos para discutir nossa futura estratégia.

Estava presente em nossas conferências de guerra, pela primeira vez o professor geral Norden, novo chefe do Pessoal de Investigação, que acabara de ser nomeado pra preencher o lugar vazio pela morte de Malvar, nosso cientista mais ilustre. A chefia de Malvar, mais do que nenhum outro fator por si só, havia sido o que havia determinado a eficiência e o poder do nosso armamento. Sua perda havia sido um rude

golpe, mas ninguém deixava de acreditar no brilhantismo do seu sucessor, embora muitos de nós houvésssemos duvidado se procedia nomear um cientista teórico para ocupar um cargo de importância tão vital. Mas não fizeram caso de nós.

Lembro muito bem a impressão que Norden produziu naquela conferência. Os conselheiros militares estavam preocupados e, como de costume, dirigiram-se aos cientistas em busca de assistência. Seria possível, perguntaram, melhorar nossas armas atuais a fim de aumentar ainda mais nossa presente vantagem?

A resposta de Norden foi completamente inesperada. Com frequência havia sido dirigida tal pergunta a Malvar e ele sempre havia feito o que tínhamos solicitado.

- Francamente, senhores, - disse Norden - duvido muito. Nossas armas atuais já chegaram praticamente à sua forma definitiva. Não queria criticar ao meu predecessor, ou o excelente trabalho efetuado pelo Pessoal de Investigação durante as últimas gerações, mas vocês se dão conta de que não houve mudança fundamental nos armamentos há mais de um século? Temo que isto seja devido a uma tradição que se tornou demasiado conservadora. O Pessoal de Investigação tem se dedicado tempo demais a aperfeiçoar velhas armas, em lugar de desenvolver outras novas. É uma sorte para nós que nosso inimigos tenham feito o mesmo, mas não devemos supor que sempre será assim.

As palavras de Norden deixaram um ambiente de mal estar, como havia sido sem dúvida, sua intenção. Rapidamente lançou seu ataque a fundo.

- O que nós precisamos é de novas armas, armas totalmente diferentes das que são utilizadas até hoje. Tais armas são possíveis. Necessitaremos de algum tempo, naturalmente, mas desde que tomei posse substituí alguns velhos cientistas por homens jovens e redirecionei a investigação para vários campos inexplorados que prometem muito. Creio de fato que muito breve seremos testemunhas de uma revolução nos armamentos.

Nós estávamos céticos. Havia um tom pedante na voz de Norden que nos fazia re-crear suas afirmações. Ainda não sabíamos que ele nunca prometia nada que já não estivesse quase aperfeiçoado no laboratório. No laboratório, esta era a frase chave.

Norden provou o que havia afirmado menos de um mês mais tarde, quando apresentou a Esfera da Aniquilação, que produzia a desintegração completa da matéria em um raio de várias centenas de metros. Ficamos entusiasmados com a potência da nova arma, e estávamos dispostos a prescindir de considerar seu defeito fundamental: o fato de que era uma esfera e, portanto, destruía seu relativamente complicado mecanismo de geração no instante da sua formação. Isso naturalmente significava que não poderia ser usada em naves de guerra, mas somente em projéteis dirigidos, pelo que se começou um grande programa para modificar todos os torpedos de direção automática a fim de que esses pudessem transportar a nova arma. A partir daquele momento, foram suspensas todas as ofensivas.

Somente depois nos demos conta de que aquele foi nosso primeiro erro. Creio ainda que foi um equívoco lógico, pois no momento nos pareceu que todos os armamentos existentes haviam ficado antiquados da noite para o dia e quase todos nós os considerávamos sobreviventes primitivos. Do que não demos conta então, foi da magnitude da tarefa que intentávamos e do tempo necessário para por em ação a super arma revolucionária.

Não havia ocorrido nada semelhante em cem anos e não tínhamos experiência prévia que nos servisse de guia. O problema da conversão era ainda mais difícil do que havíamos suposto. Era necessário desenhar uma nova classe de torpedo, pois o modelo corrente era muito pequeno. Isto, por sua vez, significava que somente as maiores naves poderiam lançar a arma, mas estávamos dispostos a aceitar o risco.

Ao cabo de seis meses estávamos equipando as unidades pesadas da Frota com a Esfera. Manobras de treinamento e simulações haviam demonstrado que funcionava satisfatoriamente e estávamos a ponto de fazê-la entrar em ação. Norden já estava sendo aclamado como o artífice da vitória e, além do mais, ele nos havia prometido novas armas ainda mais espetaculares.

Então ocorreram duas coisas. Uma das nossas naves de guerra desapareceu por completo durante um dos voos de treinamento e uma investigação demonstrou que, em determinadas condições, o radar de longo alcance da nave podia fazer a Esfera explodir tão logo fosse lançada. A modificação que se requeria para superar tal defeito era insignificante, mas provocou a demora de mais um mês, o que produziu muito ressentimento entre o pessoal naval e os cientistas.

Estávamos novamente a ponto de entrar em ação, quando Norden anunciou que o raio de eficácia da Esfera havia sido aumentado dez vezes, multiplicando assim por mil as probabilidades de destruir uma nave inimiga.

De modo que as modificações foram recomeçadas, enquanto todo mundo estava de acordo em que valia a pena. Porém, neste íterim, o inimigo ficou encorajado ante a ausência de novos ataques e havia realizado uma ofensiva inesperada. Nossas naves não tinham torpedos suficientes, pois já não eram produzidos nas fábricas e viram-se obrigados a se retirar. E foi assim que perdemos os sistemas de Kyrane e Florianus e a fortaleza planetária de Rhamsandron.

Foi um contratempo irritante, mas não era grave, pois os sistemas recapturados haviam sido pouco amistosos e difíceis de administrar. Não duvidávamos que poderíamos restabelecer a situação tão logo a nova arma entrasse em ação.

Tais esperanças se cumpriram somente pela metade. Quando retornamos à ofensiva, tivemos que fazê-lo com menos Esferas de Aniquilação do que havíamos projetado, o que foi uma das razões do nosso limitado êxito. A outra razão foi mais séria.

Enquanto nós havíamos estado equipando tantas naves quanto podíamos, com nossa arma irresistível, o inimigo tinha estado construindo febrilmente. Suas naves eram do velho modelo, com o antigo armamento, mas excediam as nossas em número. Quando entramos em ação, descobrimos que a quantidade de naves que se alinhavam contra nós eram às vezes cem por cento maior que o esperado, causando confusão de alvos entre as armas automáticas e causando mais baixas que as esperadas. As baixas do inimigo eram ainda maiores, pois quando uma Esfera alcançava seu objetivo, a destruição era certa, mas o equilíbrio não mudou tanto a nosso favor como havíamos confiado. Além disso, enquanto as frotas principais estavam combatendo, o inimigo lançou um audaz ataque contra os sistemas de Eriston, Duranun, Carmanidor e Fharanidon, que contavam com poucas forças, reconquistando-os todos. De modo que tivemos que enfrentar uma ameaça a somente cinquenta anos luz de nosso planetas mães.

Houve muitas recriminações durante a reunião seguinte dos comandantes supremos. A maior parte das queixas foram dirigidas contra Norden. O almirante Taxaris susteve que, graças à nossa evidentemente irresistível arma, agora estávamos muito pior que antes. Afirmou que deveríamos ter continuado construindo naves do tipo convencional, evitando assim a perda da nossa superioridade numérica.

Norden ficou igualmente enraivecido e qualificou o pessoal naval de desleixados e mal-agraçados. Porém pude notar que ele estava preocupado – para dizer a verdade, todos estávamos – com o novo rumo dos acontecimentos. Insinuou que poderia haver uma forma rápida de remediar a situação. Sabemos agora que a Investigação tinha estado trabalhando no Analisador de Combate durante muitos anos, mas naquela oportunidade nos surgiu como uma revelação e talvez tenhamos nos entusias-

mado com demasiada facilidade. Por outro lado, Norden era sedutoramente convincente. Que importava, disse ele, que o inimigo tivesse o dobro das nossas naves se a eficiência das nossas podia ser duplicada ou mesmo triplicada?

Durante décadas, o fator limite na guerra não tinha sido o mecânico, e sim o biológico. Estava ficando mais difícil para uma só mente, ou grupo de mentes, trabalhar com a complexidade rapidamente mutável da batalha no espaço tridimensional. Os matemáticos de Norden haviam analisado alguns das batalhas clássicas do passado e haviam demonstrado que mesmo quando havíamos saído vitoriosos, nossas unidades haviam operado a muito menos da metade da sua eficiência teórica.

O Analisador de Combate alteraria tal situação, substituindo o pessoal de operações por calculadoras eletrônicas. A ideia não era nova, em teoria, mas na época não era ainda senão um sonho. Mas, depois de haver seguido várias batalhas de manobra, nos convencemos. Decidiu-se instalar o Analisador em quatro de nossas naves mais pesadas, de modo que cada uma das frotas principais pudessem dispor de um deles. E foi aqui que começaram nossas dificuldades, se bem que não soubéssemos disto até ser muito tarde.

O Analisador continha pouco menos de um milhão de tubos de vácuo e requeria uma equipe de quinhentos técnicos para fazer a manutenção e para operá-lo. Era completamente impossível acomodar o pessoal extra a bordo da nave de guerra, de modo que foi preciso que cada uma das quatro unidades fossem acompanhadas de uma nave de passageiros convertida, a fim de transportar os técnicos que não estavam de serviço. A instalação também foi um assunto longo e pesado, mas graças a gigantescos esforços, pôde ser completada em seis meses.

E então, para nosso desencorajamento, tivemos que enfrentar outra crise. Haviam sido escolhidos quase cinco mil homens, de grande habilidade, para o serviço dos Analisadores, os quais foram submetidos a um curso intensivo na Escola de Educação Técnica. Ao término de sete meses, uns dez por cento deles havia sofrido colapsos nervosos e só quarenta por cento foram qualificados.

Uma vez mais, todo mundo começou a por a culpa nos demais. Como é natural, Norden disse que não era possível responsabilizar o Pessoal de Investigação, com o que incorreu na inimizade dos Comandos de Pessoal e Treinamento. Finalmente se decidiu que a única coisa que se poderia fazer era utilizar dois, em lugar de quatro Analisadores e fazer os outros dois entrarem em ação tão logo se houvesse treinado pessoal suficiente. Não havia muito tempo a perder, já que o inimigo ainda estava na ofensiva e seu moral estava alto.

Ordenou-se que a primeira frota com Analisador recapturasse o sistema de Eriston. No caminho, por um dos azares da guerra, a nave de passageiros que levava os técnicos foi atingida por uma mina errante. Uma nave de guerra teria sobrevivido, mas aquela nave, com seu carregamento insubstituível, foi totalmente destruída, de modo que teve que abandonar a operação. A outra expedição teve, a princípio, melhor êxito. Não havia dúvidas de que o Analisador cumpria a promessa dos seus desenhistas e o inimigo foi dolorosamente derrotado no primeiro combate. Retirou-se então, deixando-nos na posse de Safhran, Leucon e Hexanerax. Mas seu Pessoal de Observação deve ter observado a alteração da nossa tática, assim como a presença de uma nave de passageiros no coração da nossa frota de guerra. E também deve ter notado que nossa primeira frota tinha sido acompanhada de uma nave semelhante e que havia se retirado quando aquela havia sido destruída.

Durante o encontro seguinte, o inimigo utilizou sua superioridade numérica para desencadear um ataque avassalador sobre a nave do Analisador e sua inerme consorte. O ataque foi efetuado sem olhar a baixas – como é natural, ambas as naves

estavam bem protegidas – e teve êxito. O resultado foi a decapitação virtual da frota, pois era impossível voltar novamente, de modo eficaz, aos antigos métodos táticos. Nos retiramos sob fogo inimigo e assim perdemos o que havíamos ganho, e também os sistemas de Lorymia, Ismarnus, Beronis, Alfanidon e Sideneus. Neste ponto, o grande almirante Taxaris expressou sua desaprovação a Norden, suicidando-se. E eu assumi o comando supremo.

A situação agora era séria e enfurecedora. Com teimoso conservadorismo, e uma completa falta de imaginação, o inimigo continuava avançando com suas naves antiquadas e ineficientes, mas agora imensamente superiores em número. Era irritante admitir-se que se tivéssemos continuado construindo, sem tentar novas armas, poderíamos estar em uma posição muito mais vantajosa. Foram celebradas numerosas e amargas conferências, no curso das quais Norden defendia os cientistas, enquanto todos os demais os culpavam pelo que havia ocorrido.

E agora já não podíamos retroceder. Era preciso que se continuasse a busca por uma arma irresistível. No princípio tinha sido um luxo, para abreviar a guerra, mas agora era uma necessidade, se queríamos terminá-la vitoriosos.

Da mesma forma que Norden, estávamos na defensiva. Ele estava mais do que nunca decidido a restabelecer seu prestígio e o do Pessoal de Investigação. Mas nós fomos decepcionados duas vezes e não voltaríamos a cometer novamente o mesmo erro. Sem dúvida, os vinte mil cientistas de Norden produziram muitos armamentos novos, mas nós não íamos nos deixar impressionar.

Estávamos equivocados. A arma final era algo tão fantástico que mesmo agora parece difícil crer que chegou a existir. Seu nome inocente que não comprometia nada, – O Campo Exponencial – não dava ideia das suas potencialidades reais. Alguns dos matemáticos de Norden a haviam descoberto durante um trabalho de pesquisa bastante teórico sobre as propriedades do espaço. E para surpresa de todos, viu-se que era fisicamente realizável.

Parece muito difícil explicar a um leigo como funcionava o Campo. Segundo a descrição técnica «produz um estado exponencial do espaço, de modo que uma distância finita no espaço normal linear pode chegar a ser infinita no pseudo-espaço.» Norden fez uma analogia que a alguns de nós foi de alguma utilidade. É algo assim como se pegasse um disco plano de borracha – que representava uma região do espaço normal – e então se distendesse seu centro até o infinito. A circunferência do disco permaneceria invariável, mas o «diâmetro» seria infinito. Isso era mais ou menos o que o Campo fazia com o espaço ao seu redor. Assim, suponhamos que uma nave provida do tal gerador fosse rodeada por um cerco de máquinas hostis. Se o Campo fosse conectado, cada uma das naves inimigas veria que ela e as naves do outro lado do círculo seriam as mesmas de antes, mas a viagem ao centro teria duração infinita, pois, à medida que avançassem, as distâncias pareceriam ficar maiores, enquanto se modificava a «escala» do espaço.

Era como um pesadelo, mas muito útil. Nada poderia alcançar uma nave que levasse o Campo. Mesmo que ficasse englobada dentro de uma frota inimiga, permaneceria tão inacessível como se estivesse do outro lado do Universo. Por outro lado, e como é natural, também não poderia combater sem desconectar o Campo, entretanto ficávamos em posição vantajosa, não somente para a defesa, como também para a ofensiva, pois uma nave equipada com o Campo podia aproximar-se de uma frota inimiga sem ser pressentida e aparecer repentinamente no meio dela.

Desta vez parecia não haver falhas na nova arma. É desnecessário dizer que procuramos encontrar todas as objeções possíveis antes de nos comprometermos novamente. Afortunadamente, o equipamento era relativamente simples e não requeria

um pessoal muito numeroso para fazê-lo funcionar. Depois de discutirmos muito, decidimos pô-la em produção acelerada, pois desta vez nos demos conta de que o tempo passava rapidamente e que a guerra estava se desenrolando a favor do inimigo. Já havíamos perdido quase todas nossas conquistas iniciais e as forças inimigas haviam feito várias incursões no nosso próprio Sistema Solar.

Conseguimos conter o avanço do inimigo enquanto voltávamos a equipar a Frota e idealizávamos novas táticas de combate. Para utilizar o Campo na prática, era necessário localizarmos uma formação inimiga, traçar um rumo que a interceptasse e conectar o gerador por um tempo previamente calculado. Em seguida, o Campo seria desconectado e, se os cálculos estavam corretos, nos acharíamos no meio do inimigo e poderíamos fazer grandes estragos durante a confusão que se seguiria, retirando-nos, em seguida, pelo mesmo caminho, quando fosse necessário.

Nossas primeiras manobras de ensaio foram satisfatórias. O equipamento parecia ser seguro. Efetuaram-se números falsos ataques e as tripulações se acostumaram à nova técnica. Eu estive em um dos voos de treinamento e recordo vivamente a impressão que tive quando ligamos o Campo. Parecia como se as naves ao nosso redor diminuíssem, como se estivessem sobre a superfície de uma bolha que inchava e, após um instante, haviam desaparecido completamente. As estrelas também haviam desaparecido, mas pudemos perceber que a Galáxia ainda era visível em forma de uma franja luminosa ao redor da nave. O raio virtual do nosso pseudo-espaco não era realmente infinito, tinha umas centenas de milhares de anos-luz, de modo que a distância às estrelas mais distantes do nosso sistema não havia aumentado muito, embora as mais próximas haviam, como é lógico, desaparecido completamente.

Mas essas manobras de adestramento tiveram que ser suspensas antes que fosse possível completá-las, devido a uma série de pequenas dificuldades técnicas em diversas peças do equipamento, especialmente no circuito de comunicações. Tais dificuldades eram irritantes, mas não importantes. Achamos então que o melhor era regressar à Base para resolvê-las.

Naquele preciso momento, o inimigo lançou o que evidentemente pretendia que fosse um ataque decisivo contra o planeta fortaleza de Iton, nos limites do nosso Sistema Solar, e a frota teve que lançar-se ao combate antes que fosse possível efetuar os reparos.

O inimigo deve ter pensado que havíamos conseguido o segredo da invisibilidade, e em certo sentido assim era. Nossas naves apareceram repentinamente do nada e infligiram um dano tremendo por algum tempo.

E então ocorreu algo desconcertante e inexplicável.

Quando começaram as dificuldades, eu estava no comando da nave capitânia Hir-cânia Tínhamos estado operando como unidades independentes, cada uma contra objetivos previamente identificados. Nossos detectores observaram uma formação inimiga a uma distancia média, que os oficiais de navegação mediram com grande exatidão. Fixaram o rumo e conectamos o gerador. Desconectamos o Campo Exponencial no momento em que deveríamos estar passando no centro do grupo inimigo. Porém, com grande consternação da nossa parte, emergimos no espaço normal a uma distância de muitas centenas de quilômetros e quando detectamos o inimigo, ele também já havia nos detectado. Nos retiramos e tentamos novamente. Desta vez nos encontrávamos tão distantes do inimigo que foi ele quem nos detectou primeiro.

Evidentemente havia algum defeito sério. Rompemos o silêncio das comunicações e tentamos estabelecer contato com as outras naves da Frota, para ver se elas passavam também pela mesma dificuldade. Fracassamos mais uma vez. E desta vez o fracasso escapava completamente à razão, pois o equipamento de comunicações pa-

recia estar funcionando perfeitamente. Não podíamos senão supor, por fantástico que possa parecer, que todo o resto da frota havia sido destruído.

Não quero descrever as cenas que se produziram quando as unidades dispersas da Frota regressaram à Base. Na realidade, nossas baixas haviam sido insignificantes, mas as tripulações estavam completamente desmoralizadas. Quase todas haviam perdido o contato com as demais e haviam descoberto que seus equipamentos telemétricos apresentavam erros inexplicáveis. Era evidente que o Campo Exponencial era a causa das perturbações, apesar do fato de que somente se faziam aparentes quando era desconectado.

A explicação veio demasiado tarde para que nos servisse de alguma coisa e a derrota final de Norden foi pouco consolo pela perda virtual da guerra. Como eu já havia explicado, os geradores do Campo produzem uma distorção radial do espaço e as distâncias parecem tão maiores quanto mais alguém se aproxima do centro do pseudo-campo artificial. Quando se desconecta o Campo, as condições voltam ao normal. Mas não de todo. Nunca era possível reestabelecer exatamente o estado inicial. Conectar e desconectar o Campo equivalia a um alongamento e contração da nave que levava o gerador, mas havia um efeito de histerese, por assim dizer, e nunca se podia reproduzir de todo a condição inicial, devido a todas as milhares de mudanças elétricas e de movimentos de massas a bordo da nave, enquanto o Campo estava conectado. Essas assimetrias e distorções eram acumulativas e, embora raramente representasse mais que uma fração de um por cento, isso já era suficiente. Significava que os equipamentos telemétricos de precisão e os circuitos sintonizados aos aparelhos de comunicação perdiam por completo seu ajuste. Uma nave, por si só, nunca podia perceber a perturbação, somente quando a comparava com o equipamento de outra nave, ou quando tentava comunicar-se com ela, podia saber o que tinha ocorrido.

É impossível descrever o caos que se produziu. Não havia uma só peça de nave que se pudesse, com segurança, ser utilizada em outra. Nem mesmo os parafusos e porcas eram intercambiáveis e a situação de fornecimento ficou impossível. Se tivéssemos tido tempo, talvez tivéssemos podido superar essas dificuldades, mas as naves inimigas já estavam muito mais numerosas do que as que havíamos inventado. Nossa magnífica frota, mutilada por nossa própria ciência, lutou o melhor que pôde até que foi cercada e forçada a se render. As naves equipadas com o Campo ainda eram invulneráveis, mas como unidades de combate eram quase inúteis. Cada vez que conectavam seus geradores para escapar a um ataque inimigo, aumentavam a distorção das suas instalações. Em um mês tudo havia terminado.

* * *

Esta é a verdadeira história da nossa derrota, que entrego sem prejudicar minha defesa, ao Tribunal. Expus, como já disse, para combater as calúnias que estão circulando contra os homens que lutaram sob meu comando e para mostrar onde se encontra a verdadeira culpa das nossas desgraças.

Finalmente, faço minha solicitação, que, tal como o Tribunal já pôde apreciar, não apresento frivolamente, e que, portanto, confio que será concedida:

O Tribunal já foi informado que as condições em que estamos alojados e da vigilância a que nos submetem são muito perturbadoras. Mas não me queixo disto, nem me queixo do fato de que a falta de acomodação fez necessário alojar-nos aos pares.

Mas não poderei me considerar responsável dos meus futuros atos, se continuam me obrigando a compartilhar minha cela com o Professor Norden, ex Chefe do Pessoal de Investigação das nossas forças armadas.

NÊMESIS

As montanhas tremeram ao som do trovão que somente o homem pode produzir. Mas ali a guerra parecia estar muito distante, pois a lua cheia pendia sobre o eterno Himalaia e a fúria da batalha ainda estava escondida por trás da borda do mundo. Mas não permaneceria ali por muito mais tempo.

O Amo sabia que os últimos restos da sua frota estavam sendo varridos dos céus, enquanto o círculo mortal se estreitava ao redor do seu baluarte.

No máximo, após algumas horas, o Amo e seus sonhos de império haveriam se desvanecido no torvelinho do passado. As nações ainda amaldiçoariam seu nome, mas já não mais o temeriam. Mais tarde, mesmo o ódio desapareceria e já não significaria mais para o mundo que Hitler ou Napoleão ou Genghis Khan. Seria, como eles, uma figura apagada lá no distante corredor infinito do tempo, desvanecendo-se até o esquecimento. Por algum tempo seu nome viveria na região incerta compreendida entre a história e a lenda e, em seguida, o mundo já não pensaria mais nele. Teria se unido às legiões sem nome que tinham morrido para fazer sua vontade.

Ao longe, para os lados do sul, a borda de uma montanha se iluminou repentinamente de uma chama violácea. Séculos mais tarde, o balcão sobre o qual se achava o Amo, estremeceu ao impacto da onda terrestre transmitida pelas rochas do solo. E mais tarde ainda, o ar trouxe o eco da gigantesca comoção. Certamente eles não podiam estar tão perto! O Amo confiava em que não era senão um torpedo errante que havia passado através da linha de batalha, que ia se contraindo. Se não era, restava então menos tempo do que havia suposto.

O Chefe do Estado Maior saiu das sombras e se reuniu a ele junto à grade. As duras feições do Marechal – as mais odiadas do mundo, depois das do Amo – estavam marcadas de rugas e cobertas de suor. Fazia dias que não dormia e seu uniforme, outrora brilhante, agora caía desajeitadamente sobre ele. Mas seus olhos, embora indescritivelmente cansados, ainda pareciam resolutos mesmo na derrota. Permanecia em silêncio, esperando suas ordens. Já não lhe restava muito o que fazer.

A cinquenta quilômetros de distância, o eterno penacho do Everest mostrava-se vermelho escuro, refletindo o resplendor de algum colossal incêndio sob o horizonte. Mas o Amo nem se moveu nem fez gesto algum. Somente depois que passou uma descarga de torpedos sobre sua cabeça, com seu ruído demoníaco, foi que finalmente ele se virou e, depois de contemplar pela última vez o mundo que já não voltaria a ver, desceu para as profundezas.

O elevador desceu trezentos metros e o ruído da batalha desvaneceu-se. Ao sair do poço, o Amo se deteve um momento para comprimir um botão escondido. O Marechal sorriu quando ouviu-se o ruído das rochas que caíam lá em cima e compreendeu que tanto a perseguição quanto a fuga eram igualmente impossíveis. Como de

costume, o punhado de generais se levantou quando o Amo entrou na sala e passou uma vista ao redor da mesa. Estavam todos ali, nem mesmo no fim houve traidores. Dirigiu-se em silêncio ao seu lugar de costume, galvanizando-se para o último e mais difícil discurso que teria que fazer. Com a alma queimando, sentia os olhos dos homens que havia conduzido à ruína. Detrás deles, à distância, podia ver os esquadrões, as divisões, os exércitos, cujo sangue agora tinha nas mãos. E, mais terríveis ainda, eram os espectros das nações que agora já não mais poderiam nascer.

Finalmente começou a falar. A força hipnótica da sua voz era tão poderosa como sempre. Após algumas palavras converteu-se novamente na máquina perfeita e implacável, cujo objetivo era a destruição.

- Cavalheiros, esta é nossa última reunião. Não há novos planos a executar, nem mapas a estudar. Sobre nossas cabeças, a frota que formamos com tanto orgulho e cuidado está lutando até o fim. Dentro de poucos minutos não restará no céu nem uma só daqueles milhares de máquinas.

«Sei que para todos que aqui estamos, a ideia de rendição seria impensável, mesmo que fosse possível, de modo que logo terão que morrer aqui, nesta sala. Serviram bem à nossa causa e mereciam algo melhor, mas não pôde ser. Contudo, não queria que achassem que fracassamos totalmente. No passado, como hão visto tantas vezes, tinha sempre planos preparados para tudo que pudesse ocorrer, por improvável que parecesse. Assim então, nos os surpreenderá saber que também estava preparado para a derrota.

Sempre o mesmo soberbo orador, deteve-se para causar impressão, observando com satisfação a pequena onda de interesse refletida nos rostos cansados dos seus ouvintes.

- Meu segredo está seguro com vocês, - continuou – pois o inimigo não encontrará nunca este lugar. A entrada já está bloqueada por centenas de metros de rocha.

Tampouco agora houve movimento algum. Somente o Diretor de Propaganda empalideceu subitamente, porém recuperou-se com rapidez, mas não tão rapidamente que escapasse aos olhos do Amo. O Amo sorriu internamente ante esta tardia confirmação de uma antiga dúvida. Agora pouco importava: fieis ou falsos, todos morriam juntos. Todos menos um.

- Faz dois anos, - prosseguiu – quando perdemos a batalha da Antártica, soube que já não podíamos estar certos da vitória. De modo que me preparei para o dia de hoje. O inimigo havia jurado matar-me. Não podia permanecer escondido em nenhum lugar da Terra e, menos ainda, ter a esperança de reconstruir nosso destino. Porém ainda há outro caminho, embora seja desesperado.

«Há cinco anos, um dos nossos cientistas aperfeiçoou a técnica da animação suspensa. Descobriu que, por meios relativamente simples, todos os processos da vida podiam ser detidos durante um período indefinido. Vou utilizar aquela descoberta para escapar do presente para um futuro em que ma hajam esquecido. E então poderei começar novamente a luta, não sem a ajuda de certos artifícios que poderiam ainda fazer-nos ganhar a guerra se tivéssemos disposto de mais tempo.

«Adeus, cavalheiros. E, uma vez mais, obrigado por vossa ajuda. E sinceramente lamento vossa má sorte.

Saudou, girou sobre os calcanhares e desapareceu. A porta metálica retumbou decisivamente atrás dele.

Fez-se uma silêncio gelado. Em seguida o Diretor de Propaganda precipitou-se para a saída, somente para retroceder dando um grito. A porta de aço estava demasiadamente quente para poder ser tocada. Havia sido fixamente soldada à parede.

O Ministro da Guerra foi o primeiro que sacou sua pistola automática.

* * *

Agora, o Amo não tinha muita pressa. Ao sair da sala do conselho, havia comprimido o interruptor secreto do circuito soldador. A mesma ação havia aberto um painel na parede da caverna, revelando um pequeno corredor circular que se inclinava para cima e começou a caminhar lentamente ao longo dele.

A cada cem metros o corredor mudava abruptamente de direção, mas sempre continuava subindo. A cada esquina, o Amo se detia para manipular um interruptor e ouvia-se então um ruído atroador das rochas que caíam, ao afundar uma seção do corredor. O corredor mudou de direção cinco vezes, antes de terminar em uma sala esférica de paredes metálicas. Numerosas portas de aço se fecharam suavemente sobre os suportes emborrachados e a última seção do túnel afundou atrás. O Amo não seria perturbado; nem por seus inimigos nem por seus amigos.

Olhou rapidamente ao redor da sala para certificar-se de que estava tudo pronto e, em seguida, dirigiu-se a um simples tabuleiro de comandos e conectou uma série de interruptores particularmente maciços, um após o outro. Tinham que suportar pouca corrente, mas haviam sido construídos para que durassem. O mesmo se podia dizer de tudo o mais naquela estranha sala. Mesmo as paredes, haviam sido construídas com metais muito menos efêmeros que o aço.

As bombas começaram a zumbir, substituindo o oxigênio pelo estéril nitrogênio. Movendo-se agora mais rapidamente, o Amo dirigiu-se para a cama acolchoada e deitou-se. Achou que se sentia banhado pelos raios destruidores de baterias das lâmpadas que havia acima da sua cabeça, mas isto era, naturalmente, uma ilusão. Tirou uma agulha hipodérmica de um nicho sob a cama e injetou um fluido leitoso no braço. E então relaxou seus músculos e esperou.

Fazia muito frio. Logo os refrigerantes fariam descer a temperatura bem abaixo do ponto de congelamento e a manteriam ali durante muitas horas. Em seguida voltariam a subir à temperatura normal, mas nessa ocasião o processo já haveria sido completado, todas as baterias estariam mortas e o Amo poderia dormir, inalterado, para sempre.

Pretendia esperar cem anos. Não se atrevia a demorar mais, pois quando despertasse teria que aprender a dominar todas as mudanças que a passagem dos anos haveria introduzido na ciência e na sociedade. Mesmo um século poderia ter alterado a face da civilização além da sua compreensão, mas não tinha remédio, senão correr este risco. Menos de um século não seria prudente, pois o mundo ainda estaria cheio de amargas recordações.

Fechado a vácuo, sob a cama haviam três contadores eletrônicos operados por pares termelétricos dispostos a centenas de metros sobre a face oriental da montanha, onde a neve nunca poderia aderir. A cada manhã, o sol nascente os fazia funcionar e os contadores acrescentariam uma unidade à sua conta. Assim a chegada da aurora seria registrada na escuridão onde dormia o Amo. Quando algum dos contadores alcançasse o total de trinta e seis mil, uma chave seria fechada e o oxigênio voltaria a entrar na câmara. A temperatura se elevaria e a seringa hipodérmica, atada no braço do Amo, injetaria a quantidade calculado de fluido. Ele então despertaria e somente os contadores lhe indicariam que o século realmente havia passado. E então, não teria mais que fazer senão comprimir o botão que faria saltar o lado da montanha e que lhe proporcionaria livre saída ao mundo externo.

Tudo tinha sido levando em conta. Não podia fracassar. Toda a maquinaria havia sido triplicada e era o mais perfeito que a ciência tinha podido idealizar.

O último pensamento do Amo foi, ao abandonar-lhe a consciência, não da sua vida passada e sim da mãe, cujas esperanças ele havia traído. Sem que desejasse e para seu pesar, vieram-lhe à mente as palavras de um antigo poeta:

«Dormir, sonhar talvez»

Não, não sonharia. Não se atreveria a sonhar. Não faria mais nada além de dormir. Dormir... dormir...

* * *

A trinta quilômetros de distância a batalha estava chegando ao fim. Não restava nem uma duzia das naves do Amo, lutando desesperadamente sob um fogo avassalador. A ação teria terminado a mais tempo se não se tivesse ordenado aos atacantes não arriscar naves em aventuras desnecessárias. Havia-se deixado a tarefa para a artilharia de longo alcance. Assim, os grandes destroiers, os couraçados aéreos daquela época, estavam atrás de suas telas de combate junto à proteção das montanhas, lançando saraivada atrás de saraivada sobre as condenadas formações inimigas.

A bordo da nau capitânia, um jovem oficial artilheiro indu ajustou uns diais de vernier com infinita exatidão e comprimiu o pedal. Percebeu-se uma debilíssima vibração quando os torpedos deixaram seus suportes e lançaram-se contra o inimigo. O jovem indu permaneceu sentado, esperado, tenso, enquanto o cronômetro ia marcando os segundos. Achava que aquela era, provavelmente, a última salva que dispararia. Por alguma razão, não sentia nada da arrogância que havia esperado. Para dizer a verdade, sentiu-se surpreendido ao sentir uma espécie de simpatia impessoal por seus inimigos condenados, cujas vidas iam se encurtando a cada segundo que passava.

Ao longe, uma esfera de fogo violáceo floresceu sobre as montanhas, entre as manchas movediças que eram as naves inimigas. O artilheiro inclinou-se para a frente e contou ansioso. Um, dois, três, quatro, cinco vezes se produziu aquela explosão peculiar. E então o céu clareou. As manchas fugidias haviam desaparecido.

Em seu livro, o artilheiro anotou concisamente: «01:24h. Salva nº 12 disparada. Cinco torpedos explodiram entre naves inimigas, que foram totalmente destruídas. Um torpedo não explodiu.» Assinou a nota com um floreio e soltou a caneta. Durante um momento permaneceu sentado contemplando a familiar capa marrom do livro de bordo, com as queimaduras de cigarro nas bordas e os inevitáveis anéis ali onde haviam depositado, descuidadamente, copos e pratos. Folheou com negligência as páginas do livro, observando novamente a escrita dos seus muitos predecessores. E, tal como havia feito antes frequentemente, abriu em uma conhecida página onde um homem que foi seu amigo havia começado a assinar seu nome, mas não havia vivido o bastante para terminar. Suspirando, fechou o livro e trancou-o a chave. A guerra havia terminado.

Além, ao longe, entre as montanhas, o torpedo que não havia explodido continuava acelerando ao impulso dos seus foguetes. Era agora uma linha luminosa apenas visível, que se precipitava entre as paredes de um solitário vale. As neves que ha-

viam sido perturbadas pelo uivo da sua passagem, começaram uma trovoadas montanha abaixo. O vale não tinha saída. Estava bloqueado por uma abrupta parede de trezentos metros de altura. E então, o torpedo que havia errado seu alvo, encontrou outro maior: a tumba do Amo, que estava demasiado funda dentro da montanha e não seria nem ao menos abalada pela explosão. Mas as centenas de toneladas de coisas que se desprenderam, arrasaram três pequenos instrumentos e suas conexões. E um futuro que poderia ser, desapareceu com eles no esquecimento.

Os primeiros raios do sol nascente caíam ainda sobre a quebrantada face da montanha, mas os contadores que estavam esperando a trigésima sexta milésima aurora, ainda estavam esperando quando já não houvessem mais auroras nem mais ocasos. No silêncio da tumba, que não era de todo uma tumba, o Amo não sabia nada de tudo isto e suas feições pareciam tranquilas do que era justo. E assim passou o século, tal como havia planejado.

Não é provável que, apesar de todo seu gênio maligno e dos segredos que havia enterrado consigo, o Amo teria podido conquistar a civilização que havia florescido desde aquela batalha final sobre o teto do mundo. Ninguém poderia dizer, a menos que seja verdade, que o tempo tem muitas ramificações e que todos os universos imagináveis jazem um ao lado do outro, fundindo-se entre si. Talvez em algum daqueles outros mundo o Amo tivesse triunfado. Mas no universo que conhecemos, dormiu até que o século tivesse ficado muito para trás, verdadeiramente muito para trás.

Depois do que segundo certos padrões de medida havia parecido um curto tempo, a crosta da Terra decidiu que já havia suportado bastante o peso do Himalaia. Lentamente as montanhas caíram, inclinando até o céu as planícies do sul da Índia. E a planície do Ceilão chegou a ser o ponto mais alto da superfície do globo. O oceano, acima do Everest, tinha nove quilômetros de profundidade. Entretanto, o Amo continuava seu imperturbável sono livre de pesadelos.

Lenta e pacientemente, as terras de aluvião deslizaram através das elevadas alturas do oceano até as ruínas do Himalaia. A camada, que algum dia seria gesso, começou a espessar-se à razão de quatro a cinco centímetros por século. Se alguém houvesse voltado algum tempo depois, poderia ter notado que o leito do mar já não estava a nove quilômetros de profundidade, nem a sete, nem a cinco. Em seguida, a terra se inclinou novamente e uma grande cordilheira de montanhas de calcário alçou-se sobre onde antes estiveram os oceanos do Tibet. Mas o Amo não sabia nada disto, nem seu sono foi perturbado quando sucedeu outra vez – e outra vez – e outra vez mais.

E agora a chuva e os rios arrastavam o calcário, levando-o aos novos e estranhos oceanos e a superfície ia baixando até o esconderijo da tumba. Lentamente, os quilômetros de rocha foram se desgastando, até que no fim a esfera metálica que albergava o corpo do Amo retornou à luz do dia, de um dia muito mais longo, muito mais pálido do que havia sido quando o Amo fechou seus olhos.

* * *

Pouco soube o Amo, das raças que haviam florescido e morrido desde o amanhecer do mundo, quando submergiu em seu longo sono. Aquele amanhecer estava muito distante agora. As sombras se alongavam para o Leste. O sol estava morrendo e o mundo era muito velho. Mas os filhos de Adão ainda dominavam seus mares e

céus e enchiam de lágrimas e risos as planícies, os vales e os bosques, que eram mais velhos que as colinas.

O sonho sem visões do Amó já havia quase terminado, quando nasceu Trevindor o Filósofo, entre a queda da Nonagésima Sétima Dinastia e o nascimento do Quinto Império Galáctico. Nasceu em um mundo muito distante da Terra, pois poucos eram os homens que alguma vez punham os pés no antigo lar da sua raça, tão distante agora do palpitante coração do Universo.

Levaram Trevindor para a Terra quando a sua breve confrontação com o Império chegou ao seu inevitável fim. Foi ali onde foi julgado pelos homens cujos ideais havia desafiado, foi ali onde meditaram longamente sobre o destino que lhe correspondia. Aquele caso era único. A suave e filosófica cultura que agora governava a Galáxia nunca antes havia encontrado oposição, nem mesmo no plano da inteligência pura. Aquele conflito de vontades, cortês mas implacável, a haviam deixado muito abalada. Foi característico dos membros do Conselho que, sendo impossível tomar uma decisão, dirigiram-se ao próprio Trevindor solicitando sua ajuda.

Na branca e resplandecente Sala de Justiça, onde ninguém havia entrado há cerca de um milhão de anos, Trevindor levantou-se orgulhosamente frente aos homens que haviam demonstrado serem mais fortes que ele. Escutou sua solicitação em silêncio e fez uma pausa para refletir. Seus juizes esperaram pacientemente até que ele falou:

- Sugerem que lhes prometa não desafiá-los novamente, - começou - mas não farei promessa alguma que não possa cumprir. Nossas opiniões são demasiado divergentes e mais cedo ou mais tarde voltaremos a nos enfrentar.

«Houve um tempo em que vossa escolha teria sido fácil. Poderiam ter me desterrado ou matado. Mas hoje, onde, entre todos os mundos do Universo, há um só planeta em que possam esconder-me, se não me agrada ficar? Recordem que tenho muitos discípulos dispersos por toda a Galáxia.

«Resta outra alternativa. Não guardarei rancor se reviverem o velho costume da execução, para solucionar meu caso.

Um murmúrio de raiva correu entre os membros do Conselho e o presidente replicou secamente, ao mesmo tempo em que se ruborizava:

- Esta observação é de um gosto mais que duvidoso. Solicitamos sugestões sérias e não recorro (memo com intenção humorística) dos costumes bárbaros dos nossos remotos antepassados.

Trevindor aceitou a censura com uma inclinação.

- Não fiz nada mais que citar todas as possibilidades. Há outras duas que me ocorreram. Seria simples alterar a estrutura da minha mente ajustando-a à vossa maneira de pensar, do modo que não pudessem haver mais desavenças.

- Levamos isto em consideração, mas nos vimos forçados a rechaçar a ideia, por muito atrativa que pareça, pois a destruição da sua personalidade seria o equivalente a um assassinato. Há somente outras quinze inteligências no Universo que são mais poderosas que a tua e não temos direito a modificá-la. E qual tua sugestão final?

- Se não podem desterrar-me no espaço, há uma outra alternativa. O Rio do Tempo se estende em frente a nós, até tão distante quanto alcançam nossos pensamentos. Enviem-me ao longo deste rio, até uma idade em que estejam seguros de que esta civilização haverá passado. Sei que podem fazê-lo, graças ao campo de tempo de Roston.

Houve uma longa pausa, durante a qual os membros do Conselho transmitiam suas decisões à complexa máquina analítica que as pesaria, comparando-as e emitiria o veredito.

Finalmente o presidente falou:

- De acordo. O enviaremos a uma idade na qual o Sol ainda é suficientemente quente para que possa existir vida sobre a Terra, mas tão remota que não é provável que reste vestígio algum de civilização. Também o proveremos de tudo o que seja necessário para sua segurança e um razoável bem estar. E agora pode deixar-nos. Chamaremos quando tenhamos tomado todas nossas disposições.

Trevindor inclinou-se e abandonou a sala de mármore. Nenhum guarda o seguiu. Não havia lugar algum para onde pudesse fugir, mesmo se o tivesse desejado, naquele Universo em que as grandes naves galácticas podiam cruzar em apenas um dia.

Pela primeira e última vez, Trevindor encontrou-se de pé nas margens do que antes havia sido o Pacífico, escutando o sussurro do vento através das folhas do que antes haviam sido palmeiras. As poucas estrelas da quase vazia região do espaço pela qual passava agora o Sol, brilhavam com sua luz fixa através do ar seco do envelhecido mundo. Trevindor perguntou-se tristemente se ainda estariam brilhando quando voltasse a olhar o céu, em um futuro tão distante, que mesmo o Sol estaria deslizando para sua própria morte.

Ouviu-se um toque no pequeno comunicador que levava em sua mão. Havia chegado a hora.

Voltou suas costas ao oceano e avançou resolutamente ao encontro do seu destino. Antes que houvesse dado uma dezena de passos, o campo de tempo havia se apoderado dele e seus pensamentos gelaram em um instante que permaneceria inalterado enquanto os oceanos encolhiam e desapareciam, desvanecia-se o império galáctico e os grandes grupos de estrelas fundiam-se no nada. Porém, para Trevindor, não se passou tempo algum. Soube somente que, ao dar um passo, havia areia úmida sob seus pés e, ao dar o seguinte, rocha endurecida e desgastado pelo calor e pela seca. As palmeiras haviam desaparecido e o murmúrio do mar havia emudecido. Bastava uma olhada, para compreender que mesmo a recordação do mar havia se desvanecido ao mesmo tempo que aquele mundo seco e moribundo. Até o longínquo horizonte, estendia-se um grande deserto de arenito vermelho, nem interrompido nem mitigado por coisa alguma vivente. Por cima da sua cabeça, o disco alaranjado de um sol estranhamente alterado resplandecia em um céu tão negro que muitas estrelas eram claramente visíveis.

E contudo, parecia que ainda havia vida naquele velho mundo. Para o norte – se é que ainda era o norte – a sombria luz resplandecia sobre uma estrutura metálica. Estava a algumas centenas de metros e quando Trevindor começou a caminhar para ela, deu-se conta de uma curiosa ligeireza, como se mesmo a gravidade houvesse se debilitado.

Não havia avançado muito, quando viu que estava se acercando de um velho edifício metálico que mais parecia ter sido depositado na planície que construído sobre ela, pois formava um pequeno ângulo com a horizontal. Trevindor surpreendeu-se ante essa incrível sorte de encontrar tão facilmente a civilização. Outra dúzia de passos e notou que não era a casualidade, e sim o destino, que havia colocado ali, tão oportunamente, aquele edifício, que era tão estranho àquele mundo como ele mesmo. Não havia esperança alguma que alguém saísse ao seu encontro, enquanto se dirigia para ele, caminhando.

A placa metálica acima da porta acrescentou pouco ao que já havia suposto. Nova e ainda imaculada, como se acabada de gravar – e de certo modo assim era – aquelas letras lhe comunicavam uma mensagem de esperança e amargura ao mesmo tempo.

«A Trevindor, saudações do Conselho.

«Este edifício, que enviamos após você pelo campo do tempo, satisfará suas necessidades durante um período indefinido.

«Não sabemos se existirá ainda a civilização na época em que te encontras. O homem talvez tenha se extinguido, uma vez que o cromossomo K Estrela K terá se tornado dominante e a raça talvez tenha se tornado em algo que não seja humano. Tu logo o descobrirás. Estás agora no ocaso da Terra e nossa esperança é que não estejas só. Porém, se teu destino é ser a última criatura vivente sobre este mundo, outrora tão belo, recorda que foi escolha tua. Adeus»

Trevindor leu duas vezes a mensagem, reconhecendo com angústia as palavras finais, que somente podiam ter sido estritas por seu amigo o poeta Cintillarne. Uma sensação avassaladora de solidão e isolamento inundou sua alma. Sentou-se sobre uma rocha saliente e enterrou seu rosto entre as mãos.

Muito mais tarde, levantou-se para entrar no edifício. Sentiu-se mais que agradecido ao Conselho, há tanto tempo falecido, que o havia tratado tão cavalheirescamente. A proeza técnica de enviar todo um edifício através do tempo era tal, que teria acreditado estar além das possibilidades da sua época. Um repentino pensamento acudiu à sua mente e olhou novamente o letreiro gravado, observando novamente sua data. Era cinco mil anos posterior àquela em que havia se enfrentado com seus pares na Sala de Justiça. Havia passado cinquenta séculos antes que seus juízes pudessem cumprir sua promessa a um homem praticamente morto, quaisquer que fossem as faltas deste. O Conselho! Sua integridade era de uma ordem incompreensível para idades anteriores.

Passaram-se muitos dias antes que Trevindor voltasse a sair do edifício. Não haviam esquecido nada. Mesmo as preciosas gravações dos seus pensamentos ali se encontravam. Podia continuar estudando a natureza da realidade e construindo filosofias, até o fim do Universo, por estéril que fosse essa ocupação, se sua mente era a única que restava sobre a Terra. Havia pouco perigo, pensou com amargura, de que suas especulações sobre a razão da existência humana o enfrentassem novamente com a sociedade.

Antes que tivesse terminado de investigar cuidadosamente o edifício, Trevindor dirigiu novamente sua atenção ao mundo externo. O supremo problema era de estabelecer contato com a civilização, se é que ainda existia. Havia-lhe fornecido um potente receptor e, durante horas, procurou acima e abaixo do espectro, com a esperança de descobrir uma estação. Do aparelho saíram os distantes chiados da estática. Em uma ocasião ouviu algo que podia ter sido linguagem em um idioma que certamente não era humano. Mas nada mais recompensou sua busca. O éter, que havia sido o fiel servidor do homem durante tantos séculos, estava, por fim, silencioso. O pequeno voador automático era a única esperança que restava a Trevindor. Tinha pela frente o que restava da Eternidade e a Terra era um planeta pequeno. Ao cabo de uns quatro anos ou mais, poderia tê-la explorada toda.

E assim foram passando os meses. E o desterrado começou sua metódica exploração do mundo, regressando uma ou outra vez à sua casa no deserto de arenito vermelho. Encontrou por todos os lados a mesma imagem de desolação e ruína. Não podia nem adivinhar quanto tempo fazia que os mares haviam desaparecido, mas que ao morrer haviam deixado intermináveis desertos de sal que se incrustavam nas

planícies e as montanhas formando uma camada de cor cinza sujo. Trevindor alegrou-se de não ter nascido na Terra, e de não haver conhecido nunca o esplendor da sua juventude. Apesar de ser um estranho, a solidão e a desolação daquele mundo lhe gelaram o coração. Se houvesse vivido ali antes, aquela tristeza teria sido insuportável.

Passaram milhares de quilômetros quadrados de deserto sob a rápida nave de Trevindor, em sua exploração de polo a polo. Somente uma vez encontrou sinais indicando que a Terra havia conhecido a civilização. Em um vale profundo, perto do equador, descobriu as ruínas de uma pequena cidade de pedra branca e de estranha arquitetura. Os edifícios estavam perfeitamente conservados, se bem que meio enterrados pela areia que havia se amontoado. Por um instante, Trevindor sentiu uma onda de sombria alegria ao perceber que, depois de tudo, o homem havia deixado alguma pegada da sua presença no mundo que havia sido seu primeiro lar.

Aquela emoção durou pouco. Os edifícios eram ainda mais estranhos do que Trevindor havia acreditado, já que nenhum homem poderia ter nunca entrado neles. Pois as únicas aberturas eram largas fendas horizontais perto do solo; e não havia nenhum tipo de janelas. A mente de Trevindor girou em torvelinho ao tentar imaginar as criaturas que deveriam tê-los ocupado. Apesar da sua crescente solidão, alegrou-se porque os habitantes daquela inumana cidade tinham desaparecido há tanto tempo. Não se deteve ali, pois a amarga noite já estava quase em cima e aquele vale o enchia de uma depressão que não era racional.

E em uma ocasião, realmente descobriu vida. Circulava acima do leito de um dos perdidos oceanos, quando uma mancha de cor saltou-lhe à vista. Sobre uma duna que a areia movediça ainda não havia coberto, via-se uma pequena moita de erva rígida e clara. Isto era tudo, mas ao vê-la, seus olhos se encheram de lágrimas. Aterrizou e saiu do seu aparelho, pisando cuidadosamente para não destruir nem uma só daquelas tenazes folhas. Passou as mãos com ternura pelo tapete surrado que era toda a vida que a Terra conhecia agora. E, antes de partir, salpicou aquele lugar com tanta água quanto lhe sobrava. Era um gesto inútil, porém sentiu-se mais feliz por havê-lo feito.

Havia quase completado a busca. Já fazia tempo que Trevindor havia abandonado toda a esperança, mas seu espírito indomável ainda o impulsionava através da face da Terra. Não podia descansar até haver demonstrado o que até então somente temia. E assim foi que, por fim, chegou à tumba do Amo, que jazia refletindo com apagado brilho a luz do sol, da qual havia estado oculta por tanto tempo.

* * *

A mente do Amo despertou antes do seu corpo. Enquanto jazia impotente, incapaz mesmo de levantar suas pálpebras, a memória voltou a ele. Os cem anos haviam ficado, inermes, para trás. Sua jogada, a mais desesperada que homem algum jamais havia feito, havia saído bem. Foi assaltado por um imenso cansaço e, durante algum tempo, sua consciência o abandonou novamente.

Mas logo as névoas caíram novamente e se sentiu mais forte, embora ainda estivesse débil demais para mover-se. Continuou estendido na escuridão, acumulando forças. Que tipo de munto, se perguntava, encontraria quando saísse da ladeira da montanha para a luz do sol? Poderia por seus planos em...? Que era aquilo? Um espasmo de terror sacudiu os fundamentos da sua mente. Algo se movia ao seu lado,

aqui na tumba, onde nada mais deveria mover-se, senão ele mesmo.

E então, claro e tranquilo, um pensamento soou serenamente através da sua mente e acalmou em um instante os temores que haviam ameaçado perturbá-lo.

- Não se alarme. Vim ajudá-lo. Está a salvo e tudo sairá bem.

O Amo estava demasiado aturdido para dar alguma resposta, mas seu subconsciente deve ter feito algum tipo de contestação, pois o pensamento chegou novamente.

- Isto é bom. Sou Trevindor, como você, um desterrado neste mundo. Não se mova, mas diga-me como chegou aqui e qual sua raça, pois nunca vi nada semelhante.

E agora, medo e cautela se infiltraram novamente na mente do Amo. Que tipo de criatura era aquela que podia ler seus pensamentos e que fazia na sua esfera secreta? E novamente aquele pensamento claro e frio ressoou em seu cérebro, como o toque de uma campainha.

- Outra vez lhe digo que não tem nada a temer. Por que se alarma que eu possa ler sua mente? Sem dúvida, não há nisso nada de estranho.

- Nada estranho? - exclamou o Amo - Quem és, em nome de Deus?

- Um homem como você. Mas sua raça deve ser verdadeiramente primitiva, se desconhece a leitura do pensamento.

Uma terrível suspeita começou a despertar no cérebro do Amo. Recebeu a resposta antes mesmo de ter efetuado a pergunta.

- Dormiu infinitamente mais tempo que cem anos. O mundo que conheceu deixou de existir faz mais tempo do que possa imaginar.

O Amo já não ouviu mais. Novamente desceu sobre ele a escuridão e afundou em uma inconsciência bem aventurada.

Trevindor permaneceu em silêncio junto à cama sobre a qual jazia o Amo. Sentiu-se cheio e uma exultação que no momento superava qualquer decepção que pudessem sentir. Pelo menos já não teria que enfrentar só o seu futuro. Todo o terror, a solidão da Terra, que tanto pesava sobre sua alma, havia desaparecido em um instante.

- Já não estou só... já não estou só! Dominando-o todo, este pensamento martelava seu cérebro.

O Amo começava a mover-se novamente e à mente de Trevindor chegaram, desgarrados, fragmentos de pensamentos. Imagens do mundo que o Amo havia conhecido, começaram a formar-se na mente do observador. A princípio, Trevindor não podia compreender nada, mas em seguida, repentinamente, os confusos fragmentos assumiram seu posto e tudo apareceu com clareza. Uma onda de horror o invadiu ao contemplar a desoladora visão das nações batalhando entre si, das cidades que se destruíam ardendo, dos homens que morriam entre sofrimentos. Que tipo de mundo era aquele? Podia o homem ter descido tanto desde a idade pacífica que Trevindor havia conhecido? Havia lendas, de tempos incrivelmente remotos, sobre tais coisas nos primitivos tempos da história da Terra, mas o homem as havia abandonado com sua infância. Sem dúvida, não podiam ter voltado nunca!

Os rotos pensamentos eram agora mais vívidos e mesmo mais horríveis. A idade de onde tinha vindo este outro desterrado, era na verdade um pesadelo..., não era estranho que ele houvesse fugido dela.

E repentinamente começou a fazer-se a luz da verdade na mente de Trevindor, enquanto que, com o coração oprimido, contemplava como espantosas imagens passavam através da mente do Amo.

Ele não era um desterrado que buscava asilo, que fugia de uma idade de terror. Era o verdadeiro criador daquela idade, que havia embarcado no Rio do Tempo com um só objetivo: estender o contágio às idades vindouras.

Paixões que Trevindor nunca havia imaginado, começaram a desfilar ante seus olhos: ambição, ânsia de poder, crueldade, intolerância, ódio. Tratou de fechar sua mente, mas descobriu que havia perdido o poder de fazê-lo. Incontível, a perversa corrente seguiu fluindo, contaminando todos os níveis da sua consciência.

Dando um grito de angústia, Trevindor precipitou-se para o deserto e rompeu as cadeias que o atavam àquela perversa mente.

Era noite e reinava a calma por toda parte, pois a Terra agora já estava demasiado cansada para que os ventos soprassem. A escuridão ocultava tudo, mas Trevindor sabia que não podia ocultar os pensamentos daquela outra mente com a qual tinha agora que compartilhar o mundo. Antes havia estado só, e não tinha podido conceber nada mais espantoso. Mas agora sabia que haviam coisas ainda mais terríveis que a solidão.

A calma da noite e o esplendor das estrelas, que antes haviam sido suas amigas, levaram a paz à alma de Trevindor. Lentamente, voltou sobre seus passos, caminhando pesadamente, pois ia cometer um ato que um homem da sua classe nunca havia realizado.

O Amo estava de pé, quando Trevindor voltou a entrar na esfera. Talvez tivesse penetrado na sua mente alguma indicação do propósito do outro, pois estava muito pálido e tremia com uma debilidade que era mais que física. Resolutamente, Trevindor obrigou-se a contemplar uma vez mais o cérebro do Amo. Sua própria mente retrocedeu ante o caos de emoções em luta, mescladas agora com repugnantes relâmpagos de medo. Daquele torvelinho saiu, temeroso, um pensamento coerente.

- Que vai fazer? Por que me olha assim?

Trevindor não respondeu, mantendo sua mente isolada para não contaminar-se, enquanto concentrava sua resolução e sua força.

O tumulto na mente do Amo ia subindo até um crescendo. Por um instante, seus crescente horror levou ao espírito do doce Trevindor algo semelhante à piedade e sua vontade vacilou. Mas em seguida voltou a aparecer a imagem daquelas cidades incendiadas e em ruínas e sua indecisão desapareceu. Com todo o poder da sua inteligência sobre-humana, respaldada por milhares de séculos de evolução mental, atacou o homem que tinha à frente. Introduziu-se na mente do Amo, obliterando tudo o mais, afogando-a com o pensamento da morte.

Por um instante, o Amo permaneceu de pé, imóvel, com os olhos fora da órbita. Sua respiração congelou-se quando seus pulmões deixaram de funcionar. O sangue, que pulsava em suas veias, tanto tempo detido, foi agora congelado para sempre.

Sem ruído algum, o Amo tombou, caiu e permaneceu imóvel.

Muito lentamente, Trevindor voltou-se e, andando, adentrou a noite. O silêncio e a solidão do mundo desceram sobre ele como um sudário. A areia, tanto tempo contida, começou a penetrar através dos portais abertos da tumba do Amo.

ESCONDE-ESCONDE

Estávamos voltando pela floresta quando Kingman viu o esquilo cinzento. Nosso embornal de caça era pequeno mas variado: três galos selvagens, quatro coelhos (um deles, sinto dizer, uma criança de colo), um casal de pombos. E ao contrário de certos prognósticos sombrios, ambos os cachorros ainda estavam despertos.

O esquilo viu-nos ao mesmo tempo, Ele sabia que estava sentenciado à execução imediata: castigo pelo prejuízo que causara às árvores do estado; talvez já tivesse perdido os parentes mais chegados para o cano da espingarda de Kingman. Em três saltos alcançou a base da árvore mais próxima, sumindo atrás dela num tremular cinzento. Vimos outra vez o focinho, que apareceu instantaneamente em volta do seu escudo, numa altura de três a quatro metros do solo. Contudo embora esperássemos com as espingardas apontando esperançosas para diversos galhos, não o vimos de novo. Kingman ia muito pensativo em nossa caminhada pela relva, de volta à velha casa, magnífica. Não disse nada quando passamos as vítimas para nosso cozinheiro, que as recebeu sem muito entusiasmo, só deixando o pasmo de lado quando já estávamos sentados na sala para fumantes e ele recordou-se de seus deveres como anfitrião.

- Esse carinho de árvore - exclamou de repente (ele sempre os chamava "carinhas de árvore", pois vivia numa região em que as pessoas eram sentimentais demais para atirar nos pequenos esquilos) -, ele me faz lembrar de uma experiência muito especial que tive pouco tempo antes de me aposentar. Para falar a verdade, uma experiência realmente muito terrível.

- Era o que eu estava pensando - disse Carson friamente. Deitei-lhe um olhar de censura: ele estivera na Marinha e já ouvira as histórias de Kingman, mas para mim eram novidade.

- Evidentemente - Kingman advertiu um pouco irritado - se preferirem, não...

- Vá em frente - disse eu vivamente. - Você me deixou curioso. Não consigo imaginar que relação pode haver entre um esquilo cinzento e a Segunda Guerra Jupiteriana.

Kingman pareceu se ter acalmado.

- Acho que é melhor mudar alguns nomes - disse pensativo -, mas não vou alterar os locais. A história começa a cerca de um milhão de quilômetros do Sol de Marte...

K.15 era uma inteligência militar operativa. Causava-lhe mágoa profunda quando pessoas sem imaginação o chamavam de espião, mas naquele momento ele tinha motivos muito mais substanciais para se queixar. Já há alguns dias um rápido cruzador inimigo vinha avançando à sua ré e, embora fosse lisonjeiro ser o alvo

exclusivo da atenção de tão excelente nave e de tantos homens altamente treinados, tratava-se de uma honra a que de bom grado K.15 renunciaria.

O que tornava a situação duplamente delicada era o fato de que seus amigos se encontrariam com ele, longe de Marte, em cerca de doze horas (a bordo de uma nave positivamente capaz de enfrentar um mero cruzador, donde se pode deduzir que K.15 era pessoa de alguma importância). Infelizmente, os cálculos mais otimistas mostravam que os perseguidores entrariam no raio de uma acurada linha de tiro dentro de seis horas. Em aproximadamente seis horas e cinco minutos, por conseguinte, K.15 tinha probabilidade de ser objeto de ainda mais amplos e abrangentes movimentos no espaço.

Talvez ainda houvesse tempo de aterrissar em Marte, mas isso era uma das piores coisas que ele podia fazer. Certamente iria irritar os marcianos, - agressivamente neutros. As complicações políticas seriam terríveis. Além disso, se seus amigos tivessem de descer ao planeta para resgatá-lo, desperdiçariam mais de dez quilômetros por segundo em combustível - a maior parte de sua reserva operacional.

K.15 possuía somente uma vantagem, e muito duvidosa. O comandante do cruzador podia calcular que ele estava se dirigindo para um encontro, mas não sabia quando se daria o contato ou de que tamanho era a nave que estava se aproximando. Se conseguisse manter-se em atividade por doze horas, estaria salvo. Mas o "se" era uma condição nada desprezível.

K.15 olhou soturnamente para os seus mapas, perguntando se valeria a pena queimar o resto do combustível numa última investida. Mas investir para onde? Se errasse ficaria completamente sem recursos; a nave perseguidora podia ter os tanques ainda suficientemente cheios para pegá-lo depois que ele chispasse e, sem ter acertado o alvo, fosse caindo na escuridão vazia. Não haveria qualquer esperança de resgate; passaria a velocidade tão grande pelos amigos que iam ao seu encontro que estes nada poderiam fazer para salvá-lo.

Em algumas pessoas, quanto menor a possibilidade de sobrevivência, mais entorpecidos vão se tornando os processos mentais. Parecem hipnotizadas pela aproximação da morte, parecem de tal modo resignadas com o seu destino que nada fazem para evitá-lo. K.15, ao contrário, descobriu que sua mente trabalhava melhor numa emergência assim tão desesperada. E naquele momento, de fato, sua mente começou a trabalhar como poucas vezes fizera antes.

O Comandante Smith - pouco importa que não fosse este o nome - do cruzador ficou justificadamente surpreso quando K.15 começou a desacelerar. Estava quase certo de que o espião desceria em Marte, baseando-se no princípio de que mais vale um internamento que a aniquilação. Quando a seção de levantamento trouxe a notícia de que a pequena nave de observação estava se dirigindo para Phobos, ele ficou completamente desconcertado. O satélite marciano não passava de um amontoado de rochas, com uns vinte quilômetros de diâmetro. Mesmo os econômicos marcianos jamais tinham descoberto qualquer forma de aproveitá-lo. K.15 devia estar bastante desesperado se pensava que Phobos lhe seria de maior utilidade.

A minúscula nave de observação quase chegara a parar quando o operador de radar perdeu-a contra a massa de Phobos. Durante essa manobra crucial, K.15 desperdiçara muito da vantagem que mantinha, em termos de avanço, sobre o , agora a apenas alguns minutos de distância. Contudo, também o cruzador começava a desacelerar, temendo ultrapassar a espaçonave inimiga. O não estava a mais de três mil quilômetros de Phobos quando deu uma parada completa. Da nave de K.15 ainda não havia sinal. Era provável que estivesse no lado oposto da pequena lua,

pois senão os telescópios a veriam com facilidade.

K.15 só reapareceu alguns minutos mais tarde, arremetendo com força total, no curso que se afastava diametralmente do Sol. Estava acelerando a quase cinco gravidades e quebrara seu silêncio de rádio. Um anel de gravação irradiava sem cessar uma curiosa mensagem:

Fiz uma aterrissagem em Phobos e estou sendo atacado por um cruzador série Z. Creio que posso resistir até que vocês venham, mas venham depressa.

A mensagem nem estava em código, o que desorientou sensivelmente o Comandante Smith. A suposição de que K.15 ainda estava a bordo da nave, e de que tudo não passava de um mero artifício, era, sem dúvida, um tanto simples demais. Mas podia ser uma jogada dupla: evidentemente a mensagem fora transmitida em linguagem comum para que ele a recebesse e ficasse suficientemente confuso. Pois podia gastar inutilmente tempo e combustível para dar caça à nave de reconhecimento e K.15 ter realmente descido em Phobos. Por outro lado, a mensagem deixava claro que havia reforço a caminho e, se assim fosse, quanto mais depressa K.15 fugisse daquele momento de cerco melhor para ele. A frase "Creio que posso resistir até que vocês venham" podia ser uma informação diversionista, sem nenhum cabimento, ou podia significar que a ajuda estava de fato suficientemente perto para justificar uma permanência em Phobos.

Foi então que os jatos da nave de K.15 pararam de detonar. Obviamente, o combustível tinha se esgotado e ela seguia a pouco mais de seis quilômetros por segundo, na direção oposta à do Sol. K.15 devia ter descido, pois sua nave estava correndo irremediavelmente para fora do sistema solar. A mensagem que estava sendo irradiada preocupava o Comandante Smith. Ele achava que uma belonave de resgate a alguma distância indefinida estaria captando a transmissão, mas nada podia ser feito quanto a isso. O começou a mover-se na direção de Phobos, ansioso por não perder tempo.

O Comandante Smith parecia senhor da situação. Sua nave estava armada com uma dúzia de mísseis teleguiados de grosso calibre e duas torres de pistolas eletromagnéticas. Contra ele havia um homem numa roupa espacial, preso na armadilha de uma lua com apenas vinte quilômetros de diâmetro. Só depois que o Comandante Smith deu a primeira olhada verdadeiramente atenta em Phobos, de uma distância de menos de cem quilômetros, é que começou a desconfiar que, no fim das contas, K.15 podia ter algumas cartas escondidas na manga.

Dizer que Phobos tem um diâmetro de vinte quilômetros, como dizem invariavelmente os livros de astronomia, é extremamente enganoso. A palavra "diâmetro" implica um grau de simetria que com toda a certeza Phobos não possui. Como os outros fragmentos de lava cósmica, os asteroides, Phobos é uma massa disforme de rocha, flutuando no espaço sem qualquer sinal de atmosfera e praticamente sem gravidade. Gira sobre seu eixo uma vez em cada sete horas e trinta e nove minutos, mantendo sempre a mesma face para Marte (situação tão próxima que menos da metade de sua superfície pode ser vista do satélite, ficando os polos abaixo da curva do horizonte). Além disso, há muito pouco mais a dizer sobre Phobos.

K.15 não tinha tempo de desfrutar a beleza do mundo em forma de meia-lua que se estendia pelo céu acima dele. Havia se equipado de todos os apetrechos que podia carregar consigo, ajustado os controles e saltado para a superfície de Phobos. Contemplou a pequena nave se distanciar, chamejante, para as estrelas. Não teve ânimo para analisar suas sensações. Agora, todas as possibilidades de fuga tinham sido eliminadas. Só podia esperar que o couraçado, que se aproximava com seus

amigos, interceptasse a mensagem de rádio, quando a nave vazia passasse em disparada por eles, em direção ao nada. Havia ainda uma remota possibilidade de o cruzador inimigo ir em perseguição da espaçonave abandonada, mas isso seria esperar demais.

Virou-se para examinar o novo lar. A única luz vinha da ocre radiância de Marte, já que o Sol estava abaixo do horizonte. Mas era uma luminosidade mais do que suficiente para os seus objetivos, e ele podia ver muito bem. Achava-se no centro de um terreno irregular, com cerca de dois quilômetros de circunferência, cercado por colinas baixas, que podia transpor com relativa facilidade se assim o quisesse. Lembrou-se de uma história, lida há muito tempo, de um homem lançado no espaço devido a um salto casual num satélite: o que positivamente não era possível (embora a história se passasse em Deimos), porquanto a velocidade de escape era de cerca de dez metros por segundo. Mas a não ser que tomasse cuidado, podia facilmente ver-se a tamanha altura que levaria horas descendo até atingir de novo a superfície. Isso seria fatal! Contudo, o plano de K.15 era simples: devia permanecer o mais grudado possível à superfície de Phobos, numa posição diametralmente oposta à do cruzador. O então poderia atirar toda a munição contra os vinte quilômetros de rocha que ele nem sequer sentiria os abalos.

Para o leigo, ignorando tudo dos detalhes mais sutis da astronáutica, o plano pareceria completamente suicida. O estava armado com o que havia de mais moderno em armas ultra-científicas. Além disso, os vinte quilômetros que o separavam de sua presa representavam, em velocidade máxima, menos que um segundo de voo. Mas o Comandante Smith não era tolo e já estava se sentindo um tanto fracassado. Ele percebeu, e demasiado bem, que de todas as máquinas de transporte que o homem inventou até hoje, um cruzador espacial é a menos manobrável. Sem dúvida, K.15 podia circundar meia dúzia de vezes aquele pequeno mundo enquanto o comandante estivesse ativando o para realizar uma única circunvolução.

Não é necessário entrar em detalhes técnicos, mas os que ainda não estão convencidos deviam dar-se ao trabalho de considerar alguns fatos elementares. Obviamente, uma espaçonave com foguetes propulsores só pode acelerar ao longo de seu maior eixo, isto é, "para a frente". Qualquer desvio de um curso retilíneo exige uma volta física da nave para que os motores possam impulsionar em outra direção. Todo mundo sabe que isto é conseguido por estabilizadores giroscópicos internos ou jatos de empuxo tangencial, mas pouquíssimas pessoas entendem exatamente quanto tempo demora esta simples manobra. O cruzador médio, com carga máxima de combustível, tem uma massa de duas ou três mil toneladas que não se presta a deslocamentos rápidos. Mas o que torna as coisas ainda pior é que não é a massa, mas o momento de inércia o que importa aqui, e como um cruzador tem uma forma alongada e fina, seu momento de inércia é simples colossal. Permanece a triste verdade (raramente, aliás, mencionada pelos, engenheiros astronáuticos) de que se leva uns dez minutos para fazer uma espaçonave girar cento e oitenta graus, e isso com um giroscópio de tamanho razoável. Os jatos de controle não são muito mais rápidos e, de qualquer maneira, seu uso é limitado, já que a rotação que produzem é permanente: estão sujeitos a deixar a nave rodopiando, como um catavento girando devagar, para o incômodo de todos os que estiverem lá dentro.

De ordinário, essas desvantagens não são muito graves. Entre milhões de quilômetros e centenas de horas de viagem, não há lugar para preocupação com coisas menores, como uma mudança na orientação da nave. Era definitivamente

contra os regulamentos mover-se em círculos de dez quilômetros de raio. O comandante do sentia-se visivelmente melindrado: K.15 não estava jogando limpo.

Naquele exato momento, este engenhoso K.15 estava examinando cuidadosamente a situação, que podia muito bem ser pior,, Com três saltos alcançara as colinas, onde se sentiu menos a descoberto do que na planície aberta. Escondera a comida e os apetrechos que tirara da nave num local que esperava achar com facilidade (como seu traje podia mantê-lo vivo por mais de um dia, essa era a menor de suas preocupações). O pequeno pacote, que fora a causa de todo o contratempo, ainda estava com ele, num daqueles numerosos esconderijos, que uma roupa espacial bem desenhada proporciona.

Havia uma estimulante solidão em torno do seu ninho na montanha, mesmo que não estivesse realmente tão sozinho quanto seria aconselhável. Eternamente fixo no céu, Marte empalideceu acentuadamente quando Phobos passou a deslizar sobre o lado noturno do planeta. Ele só podia distinguir as luzes de algumas das cidades marcianas, pontos minúsculos, brilhantes, assinalando as junções de canais invisíveis sem a luz do Sol. Fora isso, havia estrelas, silêncio e uma cadeia de picos pontiagudos que pareciam muito próximos - era como se pudesse tocá-los. Do ainda não havia sinal. Provavelmente estavam fazendo um cuidadoso exame telescópico do lado de Phobos iluminado pelo Sol.

Marte era um relógio muito útil: quando estivesse cheio pela metade, o Sol se ergueria e, muito possivelmente, também o . Mas a espaçonave podia chegar de qualquer lado, de forma totalmente inesperada. Podia até mesmo - e este era o único perigo real - já ter feito descer uma turma de busca.

Essa foi a primeira possibilidade que ocorrera ao Comandante Smith quando viu exatamente que tipo de problema estava enfrentando. Compreendeu que a área da superfície de Phobos tinha mais de mil quilômetros quadrados e que só podia utilizar um máximo de dez homens da tripulação para dar uma busca naquele deserto rochoso. Além disso, certamente K.15 estaria armado.

Considerando as armas que o levava, essa última objeção podia parecer singularmente sem sentido. Mas estava muito longe de ser assim. Em circunstâncias habituais, armas à ilharga e outros armamentos portáteis possuem tanta utilidade para um cruzador espacial quanto sabres e bestas medievais. Era inteiramente por acaso (e contra todos os regulamentos) que o conduzia uma pistola automática e cem cartuchos de munição. Qualquer turma de busca, por conseguinte, consistiria em um grupo de homens desarmados, procurando um indivíduo bem escondido e muito violento, que os alvejaria na primeira oportunidade. K.15 estava novamente violando as normas.

O horizonte de Marte era agora uma linha exatamente perpendicular e quase no mesmo instante o Sol nasceu, antes com salva de bombas atômicas que com fulminação. K.15 ajustou os filtros do visor e decidiu mover-se. Era mais seguro manter-se fora da luz do Sol, não só porque era menos provável que o detectassem na sombra, mas também porque seus olhos sofreriam muito menos. Podia lançar mão apenas de um par de binóculos, enquanto o possuía um telescópio eletrônico de pelo menos vinte centímetros de abertura.

Seria melhor, K.15 decidiu, tentar localizar o cruzador. Talvez fosse arriscado, mas ele se sentiria muito melhor se soubesse exatamente onde estava a espaçonave e pudesse vigiar-lhe os movimentos. Podia manter-se logo abaixo do horizonte. O clarão dos foguetes por certo o alertaria para qualquer avanço iminente. Arremessando-se cautelosamente por uma trajetória quase horizontal, deu início à circunavegação de seu mundo.

A meia-lua declinante de Marte mergulhou no horizonte até transformar-se apenas numa vasta esteira, erguendo-se misteriosa frente às estrelas. K.15 começou a sentir-se preocupado: não havia sinal do cruzador. O que, sem dúvida, não era muito surpreendente, pois estaria enegrecido pela noite, talvez a uns cem quilômetros de distância, no espaço. Parou, perguntando a si mesmo se agia corretamente. Foi então que distinguiu alguma coisa comprida eclipsando as estrelas. Algo que se movia velozmente. Por um momento, seu coração parou de bater, mas depois recobrou ânimo e analisou a situação, procurando descobrir como cometera tão desastroso engano.

No entanto, como logo em seguida descobriu, a sombra negra movendo-se pelo céu não era o cruzador, mas algo quase igualmente mortífero. Era muito menor e estava muito mais perto do que inicialmente pensou, O cruzador mandara seus mísseis televisões-correio, teleguiados, para procurá-lo.

Este era o segundo perigo que temera, e não podia fazer nada, exceto permanecer o mais quieto possível. Naquele momento, o cruzador tinha inúmeros olhos buscando por ele, ainda que esses auxiliares tivessem limitações muito severas. Tinham sido construídos para procurar espaçonaves iluminadas pelo Sol contra um fundo de estrelas, não para tentar encontrar um homem escondido numa escura selva de rochas. Além disso, a definição de seus sistemas de televisão era baixa e os mísseis só podiam espiar numa única direção, sempre à frente.

Havia agora um número um tanto maior de homens no tabuleiro de xadrez, o jogo estava um pouco mais perigoso, mas ele ainda levava vantagem.

O torpedo desapareceu no céu escuro. Ao vê-lo ir-se embora, num curso mais ou menos reto naquele campo de baixa gravidade, K.15 esperou pelo que devia acontecer. Alguns minutos mais tarde ouviu um detonar de foguetes e calculou que o projétil estava voltando. Quase no mesmo instante viu outro clarão, bem ao longe, no quadrante oposto do céu. Tinha vontade de saber quantas dessas máquinas infernais estavam em ação. Pelas informações que possuía dos cruzadores classe Z (e ele sabia muito mais do que devia), existiam quatro canais controladores de mísseis e, provavelmente, todos estavam sendo utilizados.

De repente, porém, teve uma ideia tão brilhante que ficou absolutamente certo de que seria bem sucedido. O rádio em seu traje cobria uma faixa de frequência incrivelmente ampla, e em algum lugar não muito distante o cruzador estava acionando energia de mil megaciclos para cima. Ligou o receptor e começou a sondar.

Rapidamente entrou o guincho estridente de um transmissor não muito distante. Era provável que só estivesse pegando uma onda sub-harmônica, mas isso já lhe satisfazia. O rádio funcionava corretamente e pela primeira vez K.15 se permitiu fazer planos de longo alcance sobre o futuro. O tinha se traído: enquanto operasse os mísseis, K.15 saberia exatamente onde ele estava.

Moveu cautelosamente o aparelho de um lado para o outro. Para sua surpresa o sinal enfraqueceu, depois cresceu de novo agudamente. Isso o deixou confuso, mas por fim percebeu que devia estar numa área de difração. Sua amplitude podia dizer-lhe alguma coisa útil (se fosse um bom físico), mas ele não conseguia imaginar o quê.

O cruzador estava agora à espera, aproximadamente a cinco quilômetros sobre a superfície, em plena luz do Sol. Sua pintura "anti-reflexo" já devia ter sido renovada. K.15 podia vê-lo nitidamente do escuro onde se mantinha. A linha do horizonte ia se distanciando - considerou que estava bem seguro ali. Instalou-se numa posição cômoda, os olhos no cruzador, e esperou. Tinha certeza de que nenhum dos mísseis

teleguiados andaria tão perto da nave. A estas horas, calculava, o comandante do devia estar ficando um tanto doido. K.15 estava inteiramente certo. Uma hora depois, o cruzador começou a elevar-se, com todo o garbo de um hipopótamo atolado. K.15 imaginou o que estava acontecendo. O Comandante Smith ia dar uma olhada no lado oposto do satélite e estava se preparando para a trabalhosa jornada de cinquenta quilômetros. K.15 observou com cuidado a direção que a nave tomava... Respirou aliviado, vendo que o se afastava lateralmente, para longe dali. Com uma série de arrancos que não devem ter sido muito agradáveis para o pessoal a bordo, o cruzador começou a mergulhar horizonte. K.15 levantou-se e seguiu a espaçonave - se é que se pode dizer assim - num passo cômodo e descontraído, ponderando que tudo isso era uma proeza que pouquíssimas pessoas já tinham realizado. Foi particularmente cuidadoso em não lhe passar à frente, num de seus longos deslizamentos através de cada quilômetro, bem como em manter uma estreita vigilância sobre os mísseis, que poderiam surgir por trás.

O cruzador levou cerca de uma hora para cobrir os cinquenta quilômetros. Isto, K.15 divertiu-se calculando, representava consideravelmente menos do que um milésimo de sua velocidade normal. Em dado momento, o cruzador foi se afastando numa tangente para o espaço, mas preferiu disparar uma salva de obuses em vez de perder mais tempo girando sem parar para retomar o rumo (o que afinal, aliás, teve de fazer). K.15 instalou-se para continuar a vigília, encravado entre duas rochas de onde podia ver com nitidez o cruzador. Tinha certeza absoluta de que a ele a espaçonave não conseguiria ver. Ocorreu-lhe a ideia de que a estas horas o comandante Smith poderia ter graves dúvidas sobre se sua presa estava realmente em Phobos ou não. Teve vontade de disparar um sinal luminoso para tranquilizá-lo, mas resistiu à tentação.

Não haveria muito sentido em descrever os eventos das dez horas seguintes porque eles não diferiram em nenhum detalhe importante do que já acontecera. O cruzador fez três outros movimentos e K.15 o espreitou com o cuidado de um caçador de caça grossa, seguindo o rastro de um animal enorme. Certa vez, para não acompanhar a nave em campo aberto e em plena luz do Sol, deixou que ela mergulhasse no horizonte e ficou somente ouvindo seus sinais. Mas na maior parte do tempo ele a seguiu estreitamente com o olhar, em geral escondido atrás de alguma colina próxima.

Uma vez um torpedo explodiu a alguns quilômetros de distância. K.15 calculou que um operador irritado vira uma sombra que não agradou, ou que um técnico se esquecera de desativar a espoleta de aproximação. Não fosse isso, nada teria acontecido para dar vida à situação: sem dúvida, a coisa estava se tornando um pouco monótona. Ele acolhia quase feliz a visão de um eventual míssil teleguiado, indagadoramente à deriva sobre sua cabeça. Não acreditava que pudessem vê-lo se permanecesse imóvel e razoavelmente coberto. Se estivesse na parte de Phobos exatamente oposta ao cruzador, estaria a salvo até mesmo dessas excursões ocasionais, já que o rádio praticamente não tinha utilidade para sondar o lado oposto do satélite. Sempre que o cruzador se movia ele se lembrava de que não havia meio infalível de certificar-se de que continuava numa zona de segurança.

O fim veio de modo muito brusco. Houve uma súbita detonação de jatos, o principal sistema propulsor da nave irrompeu com toda a força e esplendor. Em segundos, o cruzador estava diminuindo de tamanho, retrocedendo no sentido do Sol, finalmente livre, grato por abandonar, mesmo derrotado, aquele miserável fragmento de rocha que tão irritantemente o desviara de sua legítima presa. K.15 percebeu o que se passava. Uma grande sensação de paz e relaxamento o envolveu.

Na sala de radar do cruzador, alguém vira um eco de desconcertante amplitude aproximando-se com rapidez incrível. K.15 tivera apenas de ligar seu radiofarol e esperar. Pôde até dar-se ao luxo de um cigarro.

- Uma história bem interessante - disse eu -, e vejo agora como tem relação com aquele esquilo. Mas ela deixa uma ou duas dúvidas em minha mente.

- Ah, sim? - disse gentilmente Rupert Kingman.

Gosto sempre de ir ao fundo das coisas e sabia que meu anfitrião cumprira uma missão na Guerra Jupiteriana da qual, aliás, falava muito raramente. Decidi arriscar um tiro no escuro.

- Posso perguntar como você ficou sabendo de tantos detalhes, envolvendo uma ação militar tão pouco convencional? Não é possível, não é mesmo, que K.15 fosse você?

Carson deixou escapar um estranho mugido abafado. Mas Kingman respondeu com absoluta calma:

- Não, não era eu.

Ele se pôs de pé e dirigiu-se para a sala de armas.

- Se me dão licença - disse - vou procurar aquele esquilinho. Talvez o apanhe dessa vez.

Carson olhou-me como a dizer: "Mais uma casa para a qual não nos convidarão de novo". E quando nosso anfitrião ficou fora do alcance da voz, observou de um modo friamente cínico:

- A culpa foi sua. Quem lhe mandou dizer aquilo?

- Bem, parecia uma adivinhação muito lógica. De outro modo, como ele podia saber de tanta coisa?

- Para dizer a verdade, acredito que ele tenha encontrado K.15 após a guerra: deve ter sido interessante a conversa dos dois. Pensei que você soubesse que Rupert foi afastado da Marinha apenas com o posto de capitão-de-corveta. A comissão de inquérito nunca conseguiu entender seu ponto de vista. Afinal, era inconcebível que o comandante da mais rápida espaçonave da esquadra não pudesse pegar um homem num traje espacial.

ENCONTRO NO AMANHECER

Foi nos últimos dias do Império. A minúscula espaçonave estava longe de casa e quase a cem anos-luz da grande nave-mãe. Continuava suas explorações por entre as estrelas desordenadamente amontoadas na orla da Via Látea. Mesmo aí, no entanto, não podia escapar da sombra que se estendia pela civilização. E sob a ameaça da sombra, parando de vez em quando o trabalho para pensar no que estava acontecendo nos lares distantes, os cientistas da Observação Galática prosseguiram em sua interminável tarefa.

A nave só comportava três ocupantes, mas que levavam consigo o conhecimento de muitas ciências e a experiência de metade de uma existência no espaço. Após uma longa noite interestelar, a estrela que viam à frente entusiasmava os seus espíritos à medida que iam mergulhando na direção dos raios. Um pouco mais dourada, algo mais brilhante que o sol, um sol que parecia agora lenda de infância. Sabiam, por experiência prévia, que a chance de existirem planetas naquela região era de mais de noventa por cento. Naqueles instantes, esqueciam-se às vezes de qualquer outra coisa na expectativa da descoberta.

Encontraram o primeiro planeta quando estavam descansando alguns minutos. Era gigantesco, de um tipo familiar, mas frio demais para a vida protoplasmática, além de, provavelmente, não possuir superfície estável. Depois prosseguiram a busca na direção do sol. Em pouco tempo foram recompensados.

Era um mundo que fez com que sentissem saudades de casa, um mundo onde tudo era obcecantemente familiar, embora nunca inteiramente idêntico. Duas grandes massas de terra flutuavam em mares verdes e azuis, coroados com gelo em ambos os polos. Havia algumas regiões desérticas, mas a maior parte do planeta era fértil. Mesmo dessa distância, os sinais de vegetação eram inequivocamente claros.

Contemplaram avidamente o vasto panorama quando penetraram na atmosfera, rumando para um meridiano subtropical. Por entre céus sem nuvem, a nave desceu verticalmente até um grande rio, breiou a queda com um surto silencioso de energia e acabou por descansar entre a relva, na beira d'água.

Ninguém se moveu: nada podiam fazer até que os instrumentos automáticos concluíssem seu trabalho. Depois um sino tocou suavemente, as luzes no painel de controle lampejaram numa configuração caótica. O Capitão Altman ficou em pé com um suspiro de alívio.

- Estamos com sorte - disse ele. - Podemos sair sem proteção, já que os testes patogênicos são satisfatórios. Que informações já conseguiu sobre o lugar, Bertrond?

- Geologicamente estável, sem vulcões ativos, pelo menos. Não vi nenhum sinal de cidades, mas isso nada prova. Se há uma civilização aqui, já pode ter ultrapassado esse estágio.

- Ou ainda nem o ter alcançado? Bertrond deu de ombros.
- Isso também é possível - disse ele. - Podemos levar algum tempo para descobri-lo, num planeta deste tamanho.

- Mais tempo do que podemos desperdiçar - observou Clindar, olhando de relance o painel de comunicações (painel que os unia à nave-mãe e, de lá, ao ameaçado coração da galáxia) Por um momento houve um silêncio sombrio. Depois Clindar caminhou até o painel de controle e, com habilidade automática, apertou uma combinação de teclas.

Rangendo ligeiramente, uma parte da fuselagem deslizou para o lado e um quarto membro da tripulação pôs os pés no novo planeta. Flexionava os braços e pernas de metal, adaptando seus servomecanismos a uma gravidade não habitual. Dentro da nave, reluzia um vídeo de tevê, revelando uma vista panorâmica da relva que ondulava, de algumas árvores a meia distância, de uma parte do grande rio. Clindar tocou num botão: a imagem girava prontamente na tela quando o robô virava a cabeça.

- Por onde devemos ir? - Clindar perguntou.

- Vamos dar uma olhada naquelas árvores - disse Altman - Se há alguma vida animal, talvez já possamos encontrá-la num dos galhos.

- Olhe! - gritou Bertrond. - Um pássaro!

Os dedos de Clindar voaram por sobre o teclado do painel: a imagem centrou-se no minúsculo ponto que aparecera de repente, à esquerda da tela. O pássaro foi rapidamente ampliado, quando as lentes telefotográficas do robô entraram em ação.

- Você tem razão - disse ele. - Penas, bico, uma espécie já bem desenvolvida. O lugar parece promissor. Vou mover a câmara.

Mesmo com o movimento da imagem oscilando enquanto o robô avançava, eles se mantinham atentos: há muito estavam acostumados com isso. Nunca, no entanto, se satisfaziam com essa exploração por procuração, pois seus impulsos clamavam que deixassem a nave, corressem no capim e sentissem o vento no rosto, Mas seria assumir um risco grande demais, mesmo num mundo que parecia tão belo. Havia sempre uma caveira detrás da mais sorridente face da natureza. Animais selvagens, répteis venenosos, areia movediças: a morte podia chegar sob mil disfarces para o explorador incauto. E, pior de tudo, havia os inimigos invisíveis, a bactéria e o vírus, contra os quais o único remédio poderia estar a mil anos-luz de distância.

Um robô podia rir-se de todos esses perigos e mesmo assim, como às vezes acontece, se arriscava a encontrar um animal suficientemente poderoso para destruí-lo (de qualquer modo, máquinas sempre podem ser substituídas).

Nada foi encontrado no caminho através da campina. Se pequenos animais foram perturbados pela passagem do robô, souberam se guardar fora de seu campo de visão. Clindar diminuía a velocidade da marcha quando ele se aproximava das árvores. Na espaçonave, os espectadores recuavam instintivamente ante os ramos que pareciam resvalar bem diante de seus olhos. A imagem se turvava por um momento antes que os controles se readaptassem à luminosidade mais fraca sob os galhos; depois voltava ao normal.

A floresta estava cheia de vida. A vida se movia furtivamente numa vegetação rasteira, subia por entre os galhos, voava no ar, fugia batendo as asas e chilrando através das árvores à medida que o robô avançava. Durante todo o tempo as câmaras automáticas registravam imagens que eram transmitidas para a tela, reunindo material para os biólogos analisarem quando a nave voltasse à base.

Clindar deu um suspiro de alívio quando, de repente, as árvores começaram, a rarear. Era um trabalho cansativo evitar que o robô se esborrachasse contra os

obstáculos que encontrava ao mover-se pela floresta. Em campo aberto, podia cuidar de si mesmo. Então a imagem tremeu como se atingida por uma martelada.

Houve um áspero som metálico. Todo o quadro virou vertiginosamente para o alto quando o robô baqueou e caiu.

- Que é isso? - gritou Altman. - Você se enganou nos controles?

- Não - respondeu Clindar carrancudo, os dedos voando sobre o painel. - Alguma coisa o atacou por trás. Espero que... ahn... retomei o controle.

Ele fez o robô sentar-se, girou-lhe a cabeça e não levou muito tempo para descobrir a causa do problema. A poucos metros de distância, chicoteando furiosamente a cauda, estava um grande quadrúpede, com uma arcada dentária extremamente feroz. Naquele momento, sem dúvida, estava procurando decidir se atacava outra vez ou não.

Lentamente o robô ficou de pé, o grande animal agachou-se para dar o bote. Um grande sorriso correu pelo rosto de Clindar: sabia o que fazer numa situação dessas. O polegar apalpou uma tecla de uso raro, rotulada "Sereia".

No floresta ecoou um horrendo grito ondulante, saído do alto-falante oculto no robô. A máquina avançou para enfrentar o adversário, os braços se agitando na frente. Mas o alarmado animal quase caiu de costas, no esforço para fugir. Em segundos, estava fora de vista.

- Creio que teremos de esperar algumas horas até que todos saiam de onde se esconderam - disse Bertrond com pesar.

- Não sei muita coisa sobre psicologia animal - interpôs Altman - mas eles costumam atacar algo completamente desconhecido?

- Alguns atacam qualquer coisa que se move, mas é raro. Normalmente só atacam para se alimentar, ou se já foram ameaçados. Onde você está pretendendo chegar? Está sugerindo que existem outros robôs no planeta?

- Certamente que não! Mas nossos amigos carnívoros podem ter tomado a máquina por um bípede mais comestível que outros. Você não acha que esta abertura na selva é um tanto artificial? Sem dúvida, podia ser uma trilha.

- Nesse caso - disse prontamente Clindar - vamos segui-la. Estava cansado de ficar esquivando o robô das árvores, mas espero que nada o assalte de novo em campo aberto: não me faz bem aos nervos.

- Tem razão, Altman - disse Bertrond, um pouco mais tarde. - É certamente uma trilha. Mas isso não significa que existam seres inteligentes: afinal, animais...

Parou no meio da frase e, no mesmo instante, Clindar deu uma súbita brecada no avanço do robô: a trilha se abria numa ampla clareira, quase inteiramente ocupada por uma aldeia de choças muito frágeis. Era cercada por uma paliçada de madeira, obviamente servindo de defesa contra um inimigo que, no momento, não ameaçava... pois os portões estavam largamente abertos e, do outro lado, os habitantes cumpriam pacificamente seus afazeres.

Durante um bom tempo, os três exploradores olharam em silêncio para a tela. Depois Clindar estremeceu um pouco e observou:

- É fantástico! Podia ser nosso planeta, cem mil anos atrás! Sinto-me como se tivesse retrocedido no tempo.

- Não há nada de surpreendente - disse o prático Altman. - Afinal, já descobrimos cerca de uma centena de planetas com um tipo de vida semelhante ao nosso.

- Sim - revidou Clindar. - Uma centena, em toda a galáxia! Ainda acho estranho que isso tenha acontecido a nós.

- Bem, isso tinha de acontecer a alguém - disse Bertrond, filosoficamente. - Mas temos agora de pensar numa forma de estabelecer contato. Se enviarmos o robô

para a aldeia, ele desencadeará o pânico.

- É uma dedução notável - disse Altman. - O que temos a fazer é pegar um nativo e provar-lhe que somos amigos. Esconda o robô, Clindar! Em algum lugar na floresta; de onde ele possa observar a aldeia sem ser notado. Temos à frente uma semana de trabalho de campo em antropologia!

Isso aconteceu três dias antes dos testes biológicos mostrarem que seria seguro deixar a nave. Bertrond insistiu em ir sozinho: sozinho, é claro, se ignorarmos a substancial companhia do robô... Com tal aliado, ele não tinha medo nem dos maiores animais do planeta. As defesas naturais de seu corpo cuidariam dos microrganismos... Assim pelo menos os analisadores lhe tinham assegurado, e considerando a complexidade dos problemas que esses analisadores enfrentavam, cometiam um número de enganos extraordinariamente insignificante.

Bertrond ficou uma hora do lado de fora regalando-se com cautela, enquanto seus companheiros o contemplavam com inveja. Só depois de três dias se poderia afirmar com absoluta certeza se era seguro seguir-lhe o exemplo. Seus dois colegas continuariam bastante ocupados observando a aldeia através das lentes do robô e registrando tudo com as câmaras. Durante a noite, tinham removido a espaçonave para que ela ficasse oculta nas profundezas da floresta. Não queriam ser descobertos até que estivessem realmente prontos para manter contato.

Durante todo o tempo, as notícias de casa vinham piores. E mesmo que o isolamento, naquele planeta na margem do universo, quebrasse um pouco o impacto dos informes, eles não deixavam de pesar em suas mentes. Às vezes, uma sensação de futilidade os oprimia. Sabiam que a qualquer momento viria a ordem de regresso, quando o Império gastasse por completo seus últimos recursos. Mas até que isso ocorresse, eles continuariam seu trabalho, como se o conhecimento puro fosse a única coisa importante.

Sete dias após a aterrissagem, estavam prontos para dar início à experiência de contato. Conheciam as trilhas que os aldeões usavam quando iam caçar. Bertrond escolheu um dos caminhos menos frequentados, fincou firmemente uma cadeira no meio da trilha e instalou-se para ler um livro.

Evidentemente isso não era assim tão simples quanto parecia: Bertrond tomara todas as precauções imagináveis. Escondido num matagal, a cinquenta metros de distância, o robô vigiava através de suas lentes telescópicas; na mão segurava uma bomba pequena, mas mortal. Controlando da espaçonave, os dedos suspensos sobre o teclado, Clindar faria o que fosse necessário.

Esse era o lado negativo do plano: o positivo era mais palpável. Aos pés de Bertrond, estava a carcaça de um animal pequeno, provido de chifres. Ele esperava que funcionasse como um aceitável presente para qualquer caçador que passasse por ali.

Duas horas mais tarde o rádio nos arreios de seu traje sussurrou uma advertência. Bem calmamente, embora o sangue lhe estivesse fervendo nas veias, Bertrond pôs o livro de lado e espreitou a trilha. O selvagem vinha caminhando bastante confiante, brandindo uma lança na mão direita. Deteve-se um instante ao ver Bertrond e avançou em seguida com mais prudência. O nativo pode ter julgado que nada havia a recear, pois o estrangeiro era de conformação frágil e, sem dúvida, estava desarmado.

Quando pouco mais de uns cinco metros os separavam, Bertrond deu um sorriso tranquilizador e levantou-se devagar. Curvou-se, pegou o cadáver do animal e

estendeu-o para a frente em oferecimento. O gesto teria sido compreendido por qualquer criatura em qualquer mundo, e foi compreendido ali. O selvagem avançou, apanhou o animal e jogou-o sem esforço sobre o ombro. Por um momento olhou dentro dos olhos de Bertrond com uma expressão enigmática; depois virou-se e iniciou a caminhada de volta para a aldeia. Três vezes ele olhou para os lados, vendo se Bertrond o estava seguindo. A cada vez Bertrond sorriu e acenou para tranquilizá-lo. Todo o episódio demorou menos que um minuto. Como primeiro contato entre duas raças, pode-se dizer que foi inteiramente despido de solenidade, embora não de dignidade.

Bertrond não se moveu até que o outro tivesse desaparecido de vista. Então relaxou e falou ao microfone de sua roupa.

- Foi um começo muito bom - disse com grande alegria. - Ele não estava nem um pouco assustado, nem mesmo desconfiado. Creio que voltará.

- Isso ainda parece bom demais para ser verdade - retrucou a voz de Altman em seus ouvidos. - Eu achava que ficaria amedrontado ou então hostil. Você teria aceito um generoso presente de um estrangeiro exótico com tão pouco espalhafato?

Bertrond ia caminhando lentamente de volta à nave. O robô saíra de seu esconderijo e mantinha guarda alguns passos atrás.

- Eu não aceitaria - respondeu - mas eu pertença a uma comunidade civilizada. Indivíduos completamente selvagens podem reagir de inúmeras outras maneiras a estrangeiros, sempre de acordo com sua experiência anterior. Suponha que esta tribo nunca tenha tido quaisquer inimigos. Isso é bem possível num planeta grande, mas esparsamente povoado. Assim podemos esperar curiosidade, mas de modo algum medo.

- Se esses povos não tiveram inimigos - ponderou Clindar menos preocupado com o controle do robô - por que têm uma paliçada em volta da aldeia?

- Quero dizer que não tiveram inimigos humanos - Bertrond argumentou. - Se isso for verdade, simplifica imensamente nossa tarefa.

- Você acha que ele voltará?

- Evidentemente. Se for tão humano quanto penso que é, a curiosidade e a cobiça farão com que retorne. Num dia ou dois seremos amigos do peito.

Encarando friamente as coisas, tudo não passava de incrível rotina. Toda manhã, o robô ia caçar sob a direção de Clindar, tornando-se o mais terrível matador da selva. Depois Bertrond esperaria até que Yaan (que foi o máximo que conseguiu pronunciar do nome do nativo) viesse marchando confiante pela trilha. Todo dia chegava à mesma hora e vinha sempre sozinho. Bertrond e seus companheiros se admiravam: desejaria Yaan guardar consigo sua grande descoberta e, assim, obter todo o crédito por tantos prodígios de caça? Nesse caso, demonstrava esperteza e uma visão inesperadamente ampla.

A princípio Yaan partia de imediato com sua presa, como se temesse que o doador de tão generosos presentes pudesse mudar de ideia. No entanto, como Bertrond previu, podia ser induzido a permanecer mais algum tempo por meio de simples truques de prestidigitação, de uma exibição de tecidos intensamente coloridos ou de colares, em que encontrava uma satisfação infantil. Por fim, Bertrond foi capaz de envolvê-lo em longas conversas, todas gravadas e filmadas através dos olhos do robô escondido.

Um dia talvez os filólogos conseguissem analisar este material: o melhor que Bertrond podia fazer era descobrir os significados de alguns verbos e substantivos. Isso se tornava mais difícil pelo fato de Yaan não só usar palavras diferentes para classificar a mesma coisa, mas também, às vezes, a mesma palavra para coisas

diferentes.

No intervalo entre estas entrevistas diárias, a nave viajava, inspecionava o planeta do ar, por vezes descia para exames mais detalhados. Embora vários outros povoamentos humanos fossem observados, Bertrond não tentou entrar em conta com eles, pois não era difícil perceber que todos estavam mais ou menos no mesmo nível cultural que o povo de Yaan.

Sem dúvida, Bertrond frequentemente meditava, era uma brincadeira de muito mau-gosto do destino que uma das mais atrasadas, e menos humanas, espécies de galáxia fosse descoberta nesse momento. Não há muito, teria sido um evento de suprema importância. Agora, no entanto, a civilização estava demasiado assediada por seus próprios problemas para interessar-se por esses primos selvagens que esperavam o amanhecer da história.

Só depois que Bertrond estava seguro de se ter tornado parte da vida cotidiana de Yaan, é que apresentou-lhe o robô. Estava mostrando a Yaan as composições de um caleidoscópio, quando Clindar trouxe a máquina, caminhando a passos largos pela relva, com sua última vítima pendendo num dos braços de metal. Pela primeira vez, Yaan demonstrou alguma coisa semelhante ao medo, mas logo relaxou sob as palavras suaves de Bertrond, embora continuasse a vigiar o avanço do monstro. O robô parou a alguma distância e Bertrond caminhou em sua direção. A máquina ergueu os braços e passou-lhe o animal morto. Ele o pegou solenemente e o levou para Yaan, que tremeu um pouco sob o peso inabitual da caça.

Bertrond daria a vida para saber exatamente o que Yaan pensava quando aceitou aquele presente. Estaria procurando decidir se o robô era senhor ou escravo? Talvez, no entanto, concepções como esta estivessem fora do alcance de sua compreensão: para ele, o robô podia ser meramente outro homem, um caçador amigo de Bertrond.

A voz de Clindar, ligeiramente mais alta do que de costume, veio do alto-falante do robô.

- É assombroso com que calma ele nos aceita. Será que nada o assusta?

- Você continua julgando por seus próprios padrões - respondeu Bertrond. - Lembre-se, sua psicologia é completamente diferente e muito mais simples. Agora que tem confiança em mim, tudo o que eu aceitar será também aceito por ele.

- Eu me pergunto se essa conclusão será válida para toda a sua raça - argumentou Altman. - Difícilmente seria seguro julgar por um único espécime. Quero ver o que acontece quando mandarmos o robô até a aldeia.

- Ora! - exclamou Bertrond. - Isso o surpreendeu. Ele nunca encontrou antes uma pessoa que pudesse falar com duas vozes.

- Você pensa que adivinhará a verdade quando nos encontrar?

- Não. Para ele, o robô é pura magia. Não é mais maravilhoso do que o fogo, o relâmpago e todas as outras forças que já deve encarar com naturalidade.

- Bem, qual é o próximo movimento? - perguntou Altman, um tanto impaciente. - Você vai trazê-lo para a nave ou entrará primeiro na aldeia?

Bertrond hesitou.

- Não quero fazer nada com afobação. Você conhece os acidentes que têm ocorrido com raças estranhas quando as coisas foram mal feitas. Vou deixá-lo refletir. Quando nos encontrarmos de novo, amanhã, tentarei persuadi-lo a levar o robô até a aldeia.

No interior da espaçonave escondida, Clindar reativou o robô, que começou a mover-se outra vez. Como Altman, ele estava ficando um tanto impaciente com o

excesso de precauções, mas Bertrond era o especialista para todos os assuntos relacionados com formas exóticas de vida. Eles tinham de obedecer a suas ordens.

Houve momentos em que quase desejou ser um robô, desprovido de sensações ou emoções, capaz de contemplar a queda de uma folha ou a agonia da morte de um mundo com a mesma indiferença...

O sol estava baixo quando Yaan ouviu a grande voz clamando da selva. Reconheceu-a de imediato, apesar de seu bárbaro volume: era a voz de seu amigo, ele o estava chamando.

A vida da aldeia parou num silêncio ecoante. Mesmo as crianças deixaram de brincar: o único som era o débil grito de choro de um bebê, atemorizado pelo silêncio repentino.

Todos os olhos acompanharam Yaan, quando ele caminhou velozmente para a sua choça e agarrou a lança que se achava junto da porta. A paliçada logo seria fechada contra os que erravam à noite, mas ele não vacilou em sair para as sombras que se alongavam. Estava atravessando os portões quando mais uma vez a poderosa voz o convocou. Agora ela prolongava uma nota de urgência, que lhe chegava nitidamente ao coração, transpondo todas as barreiras de linguagem e cultura.

O gigante brilhante, que falava com muitas vozes, encontrou-o a pouca distância da aldeia e acenou para que o seguisse. Não havia sinal de Bertrond. Caminharam quase uma milha antes que o vissem ao longe, próximo à margem do rio, contemplando através da escuridão as águas que se moviam lentamente.

Virou-se quando Yaan se aproximou, mas por alguns instantes pareceu inconsciente de sua presença. Depois fez um gesto que mandou embora o esplêndido companheiro, o gigante que se afastou e sumiu na distância.

Yaan esperou. Estava paciente e, embora nunca pudesse tê-lo expressado em palavras, contente. Quando via Bertrond, experimentava os primeiros apelos daquela devoção inteiramente irracional, desprendida de qualquer egoísmo, que sua raça ainda não atingira de forma integral.

Era um estranho quadro. Dois homens estavam de pé, ali, na margem do rio. Um deles vestia um uniforme muito justo, equipado com mecanismos minúsculos, complicados. O outro usava a pele de um animal e segurava uma lança de ponta muito afiada. Dez mil gerações se estendiam entre eles, dez mil gerações e um imensurável fosso de espaço. Contudo, ambos eram humanos. Como frequentemente acontecia através da Eternidade, a Natureza tinha repetido um de seus esquemas fundamentais:

Daí a pouco, Bertrond começou a falar, andando de um lado para o outro, em passos curtos, rápidos. Na voz, um traço de loucura:

- Está tudo acabado, Yaan. Eu contava que, com o nosso conhecimento, o livraríamos da barbárie numa dúzia de gerações, mas agora você terá de libertar-se sozinho da selva: o que pode custar-lhe um milhão de anos. Sinto muito. Há tanta coisa que podíamos fazer! Eu queria continuar aqui, mas Altman e Clindar falam do dever e creio que estão certos. Nosso mundo está chamando e não devemos abandoná-lo. Queria que você pudesse me compreender, Yaan. Queria que soubesse o que estou dizendo. Estou lhe deixando essas ferramentas... Você descobrirá como usar algumas, embora seja bastante provável que numa geração elas estejam perdidas, esquecidas. Veja como esta lâmina corta: transcorrerão várias eras antes que seu mundo possa fabricar lâminas como esta! E veja isso aqui: você aperta o botão... Olhe! Se a usar com economia, ela lhe proporcionará luz por anos a fio, embora mais cedo ou mais tarde vá se apagar. Quanto a estas outras coisas... Descubra que utilidade podem ter para vocês... Lá estão as primeiras estrelas, lá em

cima, no leste. Você já contemplou as estrelas, Yaan? Não sei quanto tempo passará antes que você descubra o que são as estrelas, e me pergunto o que nos terá acontecido nesse seu tempo. Aquelas estrelas são nossas casas, Yaan, e não podemos preservá-las. Muitas já morreram, em explosões tão vastas que não sou capaz de imaginá-las melhor que você. Em cem mil de seus anos, a luz dessas piras funerárias alcançará seu mundo, deixará seu povo maravilhado. Já então, talvez, sua espécie tenha chegado às estrelas. Queria poder preveni-lo contra os erros que cometemos, erros que agora nos custarão tudo o que conquistamos.

- É bom para o seu povo, Yaan, que seu mundo esteja aqui, na fronteira do universo. Vocês podem escapar da condenação que nos espera. Um dia suas naves sairão para sondar entre as estrelas, como nós fizemos. Talvez esbarrem nas ruínas de nossos mundos e tenham vontade de saber quem fomos. Mas nunca saberão que eu e você nos encontramos aqui, neste rio, no amanhecer da história de sua espécie. Lá vêm meus amigos; não me dariam mais tempo... Adeus, Yaan. Use bem as coisas que deixei com você. São os maiores tesouros de seu mundo.

Alguma coisa enorme, algo que cintilava à luz das estrelas, veio deslizando do céu. Não alcançou o solo, parou a pouca distância da superfície. Em silêncio absoluto, um retângulo de luz se abriu num de seus lados. O gigante brilhante saiu da escuridão e atravessou a porta dourada. Bertrond seguiu-o, parando um instante no umbral para um aceno de despedida a Yaan. Depois, a escuridão fechou-se na frente dele.

Não mais depressa do que o vento leva a fumaça da fogueira, a espaçonave se ergueu no ar e partiu. Quando estava tão pequena que Yaan teve a sensação de poder segurá-la com as mãos, pareceu enevoar-se numa longa linha de luz que se curvava para o alto, em direção aos astros. Do céu vazio ecoou um estrépido de trovão sobre a terra adormecida. E Yaan entendeu por fim que aí deuses tinham ido embora e jamais voltariam.

Durante muito tempo ele continuou perto das águas, que se moviam mansamente. Penetrou-lhe na alma uma sensação de perda, que nunca iria esquecer, nem compreender. Depois, cuidadosa e respeitosamente, juntou os presentes deixados por Bertrond.

Sob as estrelas, cruzando uma terra sem nome, seu vulto solitário caminhou de volta para casa. Atrás dele, o rio corria suavemente para o mar, serpenteando através das férteis planícies nas quais, mais de mil séculos à frente, os descendentes de Yaan construiriam a grande cidade que seria chamada Babilônia.

O IMPREVISTO

Do: Presidente.

Ao: Secretário, Conselho de Cientistas.

Fui informado do fato de que os habitantes da Terra conseguiram liberar a energia atômica e têm estado experimentando foguetes a propulsão. Isto é extremamente grave. Remeta-me imediatamente um informe completo. E desta vez seja breve.

K.R.I.V.

Do: Secretário, Conselho de Cientistas.

Ao: Presidente.

Os fatos são como segue: Faz alguns meses, nossos instrumentos registraram uma intensa emissão de nêutrons vinda da Terra, mas uma análise dos programas de rádio não proporcionou, então, explicação alguma. Há três dias produziu-se uma segunda emissão e pouco depois todas as transmissões de rádio da Terra anunciaram que estavam empregando bombas atômicas na presente guerra. Os tradutores não terminaram ainda sua interpretação, mas parece que as bombas são de considerável potência. Até agora utilizaram duas. Foram revelados alguns detalhes da sua construção, mas os elementos utilizados ainda não foram identificados.

Proporcionaremos um informe mais completo tão logo seja possível. No momento, tudo que se sabe com certeza é que os habitantes da Terra liberaram, efetivamente, potência atômica, até agora somente em forma explosiva.

Sabe-se muito pouco referente pesquisas sobre foguetes na Terra. Nossos astrônomos vêm observando cuidadosamente o planeta desde que se perceberam emissões de rádio, faz uma geração. É evidente que os foguetes de longo alcance de alguma espécie existem na Terra, pois em recentes transmissões militares tem havido numerosas referências a elas. Mas não foi verificado intenção séria alguma de alcançar o espaço interplanetário. Quando a guerra terminar, é de se esperar que os habitantes do planeta efetuem investigações nesta direção. Prestaremos cuidadosa atenção a suas emissões de rádio e se observará a vigilância astronômica.

Pelo que temos podido deduzir acerca da tecnologia do planeta, deverá transcorrer uns vinte anos para que a Terra possa desenvolver foguetes atômicos capazes e cruzar o espaço. Em vista disso, parece que é chegada a hora de estabelecer um base na Lua, a fim de poder observar de perto tais experimentos, quando começarem.

Trescon.

(Acréscitado em manuscrito)

Já terminou a guerra sobre a Terra, segundo parece, devido à intervenção da bomba atômica. Isto não afeta os argumentos anteriores, mas pode significar que os habitantes da Terra podem dedicar-se novamente à investigação pura, mais rapidamente do que era de se esperar. Algumas emissões de rádio já indicaram a aplicação da potência atômica à propulsão de foguetes

T.

Do: Presidente.

Ao: Chefe do Escritório de Segurança Extraplanetária(C.E.S.E.P.)

Já foi lida a minuta de Trescon. Equipe imediatamente uma expedição ao satélite da Terra. Deverão manter estrita vigilância sobre o planeta, e informar-nos imediatamente se estão acontecendo experimentos com foguetes. Deve-se ter o maior cuidado em manter secreta nossa presença na Lua. Você será pessoalmente responsável por isto. Informe-se a intervalos de um ano, ou menos, caso seja necessário

K. R. I. V.

Do: Presidente

Ao: C.E.S.E.P.

Onde está o informe sobre a Terra?

K. R. I. V.

Do: C.E.S.E.P.

Ao: Presidente.

Lamentamos o atraso, que foi devido a avaria na nave que trazia o informe.

Não houve sinais de experimentos com foguetes durante o ano passado, nem referência a eles nas emissões de rádio do planeta.

Ranthe

Do: C.E.S.E.P.

Ao: Presidente.

Você pôde ver meus informes anuais a seu respeitado pai sobre este assunto. Não ocorreu nada de interessante durante os quinze anos passados, mas agora acabamos de receber a seguinte mensagem da nossa base sobre a Lua:

«Projétil faquete, ao que parece a propulsão atômica, saiu através da atmosfera da

Terra, partindo da massa terrestre do norte e deslocou-se no espaço por um quarto do diâmetro do planeta antes de regressar, guiado».

Ranthe

Do: Presidente
Ao: Chefe de Estado
Peço que comente.

K. R. V.

Do: Chefe de Estado
Ao: Presidente.

Isto significa o fim da nossa política tradicional. A única esperança de segurança consiste em evitar que os terrestres realizem novos avanços nessa direção. Pelo que sabemos deles, tornar-se-ão uma ameaça avassaladora.

Como a elevada gravidade do planeta faz com que nos seja impossível aterrisar nele, nossa esfera de ação é restrita. O problema foi discutido a quase um século por Anvar e eu estou de acordo com suas conclusões. Temos que atuar imediatamente segundo aquelas diretrizes

F. K. S.

Do: Presidente
Ao: Secretário de Estado.

Informe ao Conselho que se convoca uma reunião de emergência para amanhã ao meio-dia.

K. R. V.

Do: Presidente
Ao: C.E.S.E.P.

Vinte navas de guerra serão suficientes para por em prática o plano de Anvar. Afortunadamente, ainda não é necessário armá-las. Informe-me semanalmente sobre o progresso da construção.

K. R. V.

Do: C.E.S.E.P.

Ao: Presidente.

Foram completadas dezenove naves. A vigésima ainda está atrasada devido a defeito no casco e não estará pronta senão dentro de um mês, pelo menos.

Ranthe.

Do: Presidente

Ao: C.E.S.E.P.

Bastarão dezenove. Amanhã repassarei com voce o plano de operações. Já está pronto o rascunho da nossa proclama?

K. R. V.

Do: C.E.S.E.P.

Ao: Presidente.

Incluímos o rascunho:

Povo da Terra!

Nós, os habitantes do planeta que vocês chamam Marte, vimos observando há anos vossos experimentos para resolver as viagens interplanetárias. Tais experimentos devem cessar. Nosso estudo da vossa raça nos convenceu do fato que vocês não devem sair do vosso planeta no presente estágio da vossa civilização. As naves que agora vêm flutuando sobre vossas cidades, são capazes de destruí-las por completo. E o farão, a menos que suspendam vossos intentos de cruzar o espaço.

Instalamos um observatório na vossa Lua, poderemos detectar imediatamente qualquer violação destas ordens. Se obedecerem, não voltaremos a interferir com vocês. Do contrário, destruiremos uma das vossas cidades cada vez que observarmos que um foguete saiu da atmosfera da Terra.

Por ordem do Presidente do Conselho de Marte.

Ranthe.

Do: Presidente

Ao: C.E.S.E.P.

Aprovado. Proceda-se a tradução.

Depois de tudo, não zarparei com a frota. Informe-me detalhadamente quando do seu regresso.

K. R. V.

Do: C.E.S.E.P.

Ao: Presidente.

Tenho a honra de informá-lo do completo êxito da nossa missão. A viagem à Terra transcorreu sem incidentes; as mensagens de radio do planeta indicaram que fomos detectados a uma distância considerável, e que se produziu uma grande agitação ante nossa chegada. Se dispersou a frota, de acordo com o planejado e eu irradiei o ultimátum. Partimos imediatamente e não fomos hostilizados de forma alguma.

Informarei detalhadamente dentro de dois dias.

Ranthe.

Do Secretario, Conselho de Cientistas

Ao: Presidente.

Os psicólogos completaram eu informe, que incluímos:

Como era de se esperar, a princípio nossas demandas enfureceram a essa raça exaltada e teimosa. O golpe no seu orgulho deve ter sido considerável, pois acreditavam ser os únicos seres inteligentes do Universo. Contudo, ao cabo de poucas semanas se produziu uma mudança inesperada no tom das suas manifestações. Haviam começado a dar-se conta que interceptávamos todas suas emissões de radio e nos dirigiram, diretamente, algumas mensagens. Dizem que estão de acordo em proibir todo tipo de experimentos com foguetes, de acordo com nossos desejos. Isto é tão inesperado como satisfatório. Mesmo se estão tentando nos enganar, estamos perfeitamente a salvo, agora que estabelecemos nossa segunda estação fora da atmosfera. Não podem, de modo algum, desenvolverem naves espaciais sem que as vejamos ou percebamos sua radiação .

De acordo com as instruções, se continuará vigiando a Terra estritamente.

Trescon.

Do: C.E.S.E.P.

Ao: Presidente.

Sim. É correto que não tem havido mais experimentos com foguetes durante os últimos dez anos. Certamente que não esperávamos que a Terra capitulasse tão facilmente.!

Estou de acordo em que a existência desta raça constitui agora uma ameaça permanente para nossa civilização e estamos verificando experimentos segundo as diretrizes que sugere. O Problema é difícil, devido ao grande tamanho do planeta. Os explosivos seriam totalmente inadequados e parece que nossa melhor probabilidade de êxito seria alguma forma de veneno radioativo.

Afortunadamente, agora temos tempo indefinido para contemplar esta investigação.

Lhe informarei regularmente

Ranthe.

(Fim do documento)

Do: Comandante Henry Forbes, Serviço de Informação, Corpo Especial do Espaço.

Ao: Professor S. Maxton, Departamento Filológico, Universidade de Oxford.

Rota: Retransmissor II (via Shenectady). Os papéis que antecedem, junto com outros, foram achados nas ruínas do que se crê foi a principal cidade marciana. (Rede de Marte KL302895). O uso frequente do ideógrafo de «Terra» sugere que podem ser de especial interesse e se confia que possam ser traduzidos. Outros documentos se seguirão em breve.

H. Forbes. Cte.

(Acréscitado em manuscrito)

Querido Max:

Sinto não haver tido tempo de entrar antes em contato contigo. Te verei tão logo regresse à Terra.

Marte está um desastre! Nossas coordenadas eram absolutamente exatas e as bombas se materializaram justamente sobre suas cidades, tal como haviam previsto os garotos de Monte Wilson. Enviamos muito material por meio das duas pequenas máquinas, mas, até que se materialize o grande transmissor, estamos um pouco res-
tritos e, como é natural, nenhum de nós pode voltar. De modo que já podem apres-
sar-se!

Me alegra que possamos a voltar a trabalhar com os foguetes. Talvez seja antiqua-
do, mas, na verdade, é que isto de ser espremido através do espaço à velocidade da
luz, não me agrada.

Atenciosamente, e apressado,

Henry.

HERANÇA

Talvez David tenha razão ao dizer que quando alguém cai sobre a África de uma altura de duzentos e cinquenta quilômetros, uma fratura no tornozelo é coisa de pouca importância. Talvez, mas nem por isto deixa de doer.

Mas alegou que o que mais o havia molestado tinha sido a maneira como nos havíamos precipitado para o deserto para ver o que havia ocorrido ao A.20, e não nos havíamos aproximado dele até horas depois.

- Sê lógico, David. - havia protestado Jimmy Langford – Sabíamos que estavas bem porque o helicóptero da base passou um rádio ao recolher-te. Mas o A.20 podia ter-se perdido por completo.

- Só há um A.20, - disse tentando consertar as coisas – mas pilotos de provas de foguetes, bem, se não forem às dúzias, tampouco estão tão escassos.

David nos lançou uma furiosa olhada, franzindo sua espessas sobrancelhas e disse algo em galês.

- A maldição do Druida. - me disse Jimmy – Agora, a qualquer momento, te transformarás em um alho ou em um modelo plástico de Stonehenge.

Como se pode ver, ainda estávamos um pouco tontos, e se não fosse o caso de nos pormos sérios por um momento, mesmo os nervos de ferro de David deveriam ter sofrido um golpe terrível, mas ele não obstante, parecia o mais tranquilo de todos nós. Não pude compreendê-lo no momento.

O A.20 tinha caído a cinquenta quilômetros do ponto do seu lançamento. Havíamos seguido, com o radar, toda sua trajetória de modo que conhecíamos sua posição com uma aproximação de poucos metros, mas então não sabíamos que David havia aterrizado dez quilômetros mais a Leste.

A primeira indicação do desastre havia chegado setenta segundos depois do lançamento. O A.20 tinha alcançado cinquenta quilômetros e continuava seguindo a trajetória corrente, com uma aproximação de uns cinco por cento. Pelo que se podia ver a olho nu, o traço luminoso sobre a tela do radar apenas havia se desviado do caminho calculado. O «David» viajava a dois quilômetros por segundo; não muito, mas tudo quanto o homem jamais havia conseguido até aquele momento. E o «Golias» estava a ponto de desprender-se.

O A.20 era um foguete de dois estágios. Tinha que ser, pois utilizava combustíveis químicos. O componente superior, com sua pequena cabine, suas asas aéreas dobradas e suas aletas, pesava pouco menos de vinte toneladas quando estava carregado de combustível. Tinha que ser elevado por um propulsor inferior de duzentas toneladas, que devia levá-lo até cinquenta quilômetros de altura, depois do que o outro prosseguia tranquilamente por seus próprios meios. A maior parte tinha então que cair na Terra com paraquedas; não pesaria muito, uma vez que já teria queimado

seu combustível. Entretanto, a parte superior teria acelerado o suficiente para alcançar o nível dos seiscentos quilômetros, antes de cair em um voo planejado que poderia levar David a dar meia volta ao mundo, se assim o desejasse. Não recordo quem chamou os dois foguetes de «David» e «Golias», mas os nomes foram imediatamente aceitos. Isso de ter ali dois Davids, causava muita confusão, e nem toda ela era acidental.

Pois bem, era esta a teoria, mas quando observamos que a pequena mancha verde da tela se afastava do curso previamente calculado, compreendemos que algo havia saído mal. E adivinhamos o que era.

Aos cinquenta quilômetros, a mancha devia ter se dividido em duas. O eco mais brilhante deveria ter continuado elevando-se como um projétil livre e, em seguida, deveria cair sobre a Terra. Mas o outro deveria continuar acelerando, afastando-se rapidamente do propulsor descartado. E não tinha havido a separação. O vazio «Golias» havia se recusado a liberar-se e arrastava «David» para a Terra, sem remédio, pois os motores de «David» não podiam ser utilizados. Os escapamentos estavam bloqueados pela máquina inferior. Vimos tudo isto em dez segundos. Esperamos somente o tempo suficiente para calcular a nova trajetória, subimos em um dos helicópteros e partimos para a área alvo.

Como é natural, tudo que esperávamos encontrar era um monte de magnésio com traços de haver sido atropelado por um rolo compressor. Sabíamos que «Golias» não podia expelir seus paraquedas enquanto «David» estivesse em cima, nem «David» podia utilizar seus motores enquanto «Golias» estivesse agarrado a ele por baixo. Recordo que eu me perguntava como ia se dizer a Mavis, até que me dei conta que ela devia ter estado escutando o rádio e saberia no mesmo momento que os demais.

Só pudemos acreditar nos nossos olhos quando encontramos os dois foguetes ainda juntos, jazendo quase intactos sob o grande para-quedas. Não havia sinal algum de David, porém poucos minutos depois, a Base nos chamou para dizer que ele havia sido encontrado. Os marcadores da Estação Número Dois haviam captado o pequeno eco do seu para-quedas, e haviam enviado um helicóptero à sua procura. Vinte minutos mais tarde, estava no hospital, mas nós ficamos no deserto durante algumas horas revisando as máquinas e tomando providências para que as recolhessem. Quando finalmente regressamos à Base, tivemos o prazer de ver nossos mais cordialmente odiados repórteres científicos entre a multidão que estava sendo contida. Nos fizemos de desentendidos dos seus protestos e seguimos para a sala do hospital.

O golpe e, em seguida, o alívio, nos havia deixado sentindo um pouco irresponsáveis e talvez infantis. Somente David parecia não ter sido afetado; o fato de que acabara de viver uma das escapadas mais milagrosas da toda a história humana, não o havia perturbado minimamente. Ali esta ele, sentado na cama, fingindo estar irritado com nossas brincadeiras, até que nos acalmamos.

- E então, - disse finalmente Jimmy - o que foi que falhou?

- Isso, vocês é que têm que descobrir. - replicou David. - «Golias» andou como um sonho até o momento de cortar o combustível. Esperei então a pausa de cinco segundos antes que os parafusos explosivos detonassem e as molas se soltassem, mas nada sucedeu. Portanto, bati no desbloqueador de emergência. As luzes baixaram, mas a sacudidela que esperava não aconteceu. Tentei um par de vezes mas eu já sabia que era inútil. Adivinhei que havia acontecido um curto-circuito no detonador e que a potência tinha caído por terra.

«Bem, fiz alguns cálculos rápidos, baseando-me nos mapas de voo e nas tabelas da cabine. À minha atual velocidade, continuaria subindo outros duzentos quilômetros e alcançaria o apogeu da minha trajetória em uns três minutos. E então começa-

ria minha queda de duzentos e cinquenta quilômetros e quatro minutos mais tarde haveria uma grande buraco no deserto. No total, parecia que me restavam uns bons sete minutos de vida, não levando em conta a resistência do ar, segundo vossa frase favorita. Isso poderia acrescentar um par de minutos a mais à minha possível vida.

«Sabia que não podia liberar o grande para-quedas e as asas de «David» seriam inúteis com as quarenta toneladas de «Golias» atadas na sua cauda. Havia gasto dois dos meus sete minutos antes de decidir o que deveria fazer.

«Foi uma grande coisa o que vocês fizeram, alargar aquela eclusa de ar. Mesmo assim tive que me espremer para passar através dela no meu traje espacial. Amarrei o extremo da corda de segurança a uma alavanca de bloqueio e me arrastei ao longo do casco até que cheguei à união das duas partes.

«O compartimento do para-quedas não podia ser aberto do exterior, mas eu havia levado comigo o machado de emergência da cabine do piloto. Não demorei muito em atravessar o casco de magnésio. Uma vez perfurado, quase podia rasgá-lo com as mãos. Uns segundos mais tarde, eu havia soltado o para-quedas. A seda flutuou ao meu redor sem objetivo algum. Àquela velocidade, eu havia esperado encontrar algum vestígio de resistência do ar, mas não era assim em absoluto. O dossel caía onde era deixado. Já estava sem esperanças que quando voltássemos a entrar na atmosfera o para-quedas se abrisse sem enredar-se com o foguete.

«Me pareceu que tinha bastantes probabilidades de sair com vida. O peso adicional do «David» aumentaria a carga do para-quedas em menos de uns vinte por cento, mas podia acontecer dos tirantes roçarem conta o metal e se desgastassem quando se abrisse, devido ao comprimento desigual das cordas, mas não havia nada que eu pudesse fazer para evitá-lo.

«Quando eu terminei, olhei ao meu redor pela primeira vez. Não podia ver muito bem, pois o suor havia embaçado o vidro do meu capacete. (Seria conveniente que alguém se ocupe desse problema, pode ser perigoso). Ainda estava subindo, embora agora fosse mais lentamente. No Noroeste, podia ver toda a Sicília e alguma coisa da terra da Itália. Mais ao Sul, podia seguir a costa da Líbia até Bengazi. Sob mim estava todo o país sobre o qual Alexander, Montgomery e Rommel haviam lutado quando eu era criança. Parecia estranho que se tivesse feito tanto barulho por aquilo.

«Não fiquei muito tempo, pois em três minutos estaria entrando na atmosfera. Dei uma última olhada ao flácido para-quedas, estirei alguns dos tirantes e voltei a entrar na cabine. Em seguida me livreí do combustível de «David», primeiro o oxigênio e, em seguida, tão logo ele teve tempo de dispersar-se, o álcool.

«Aqueles três minutos pareceram terrivelmente longos. Estava um pouco acima de vinte e cinco quilômetros quando ouvi o primeiro som. Era um silvo muito agudo, tão débil que mal se podia ouvir. Ao olhar através das vigias, vi que os tirantes do para-quedas estavam se tensionando e o dossel começava a encher-se acima de mim. Ao mesmo tempo, senti que meu peso voltava e compreendi que o projétil começava a desacelerar.

«O cálculo não era muito animador. Havia caído livremente mais de duzentos quilômetros e se quisesse parar a tempo, necessitava de uma desaceleração média de dez gravidades. No pico, poderiam ser o dobro disso, mas era coisa sem importância, eu já havia suportado quinze "g". De modo que dei em mim mesmo uma injeção de dinocaína e armei os suportes do meu assento. Recordo de ter pensado se devia soltar as pequenas asas de «David», mas decidi de que de nada serviriam. Ademais, eu iria perder o sentidos.

«Quando me recobrei novamente, fazia muito calor e eu já tinha peso normal. Me sentia rígido e dolorido e, para complicar as coisas, a cabine estava oscilando de-

mais. Olhei a bombordo e vi que o deserto estava perigosamente perto. O grande paraquedas havia cumprido sua missão, mas imaginei que o impacto ia ser violento demais para que fosse agradável. E foi então que saltei.

«Pelo que me disseram, teria feito melhor ficando na nave. Mas suponho que não posso me queixar.

Ficamos sentados por um tempo, em silêncio. Em seguida Jimmy observou cuidadosamente:

- O acelerômetro indica que chegaste às vinte e uma gravidades na descida, embora tenha sido somente durante três segundos. A maior parte do tempo foi entre doze e quinze.

David pareceu não entender e, após um momento, eu disse:

- Bem, não podemos deixar os repórteres esperarem muito mais. Tens vontade de vê-los?

David Vacilou.

- Não. - respondeu – Agora não.

Leu nas nossas feições e moveu a cabeça violentamente.

- Não, - disse enfaticamente – não é isto, muito menos isto. Estaria disposto a partir novamente agora mesmo. Mas preciso descansar e pensar um pouco.

Sua voz baixou um pouco e, quando falou novamente, foi para revelar o verdadeiro David sob a perpétua máscara de extrovertido.

- Vocês devem achar que não tenho nervos, - disse – e que me arrisco sem pensar nas consequências. Pois bem, isto não é correto, e queria que soubessem porque. Nunca tinha dito a ninguém antes, nem sequer a Mavis.

«Já sabem que não sou supersticioso, - começou, como se desculpando – mas a maioria dos materialistas fazem certas exceções, mesmo não admitindo.

«Há muitos anos, tive um sonho particularmente vívido. Por si só não significou muito, porém mais tarde descobri que outros dois homens haviam descrito experiências semelhantes. Uma delas vocês devem ter lido, pois foi a de J. W. Dunne.

«No seu primeiro livro, Uma Experiência com o Tempo, Dunne descreveu como uma vez havia sonhado que estava sentado no comando de uma curiosa máquina voadora de asas dobradas para trás. Anos depois aquela percepção se tornou realidade, quando estava treinando no seu avião de estabilidade inerente. Recordando meu próprio sonho, que havia tido antes de ler o livro de Dunne, fiquei consideravelmente impressionado. Porém o segundo incidente me pareceu mais notável ainda.

«Já ouviram falar de Igor Sikorsky. Ele desenhou alguns dos primeiros hidroplanos comerciais para longa distância que se chamavam «Clipers». Em sua autobiografia, a história do S Voador, ele nos conta como teve um sonho muito semelhante ao de Dunne.

«Caminhava através de um corredor com portas que se abriam nos dois lados e com luzes elétricas no alto. Sob seus pés sentia uma leve vibração e, fosse pelo que fosse, não se deu conta de que estava em uma máquina voadora. E contudo, naquela época não havia hidroplanos no mundo, e poucas pessoas acreditavam que jamais haveria.

«O sonho de Sikorsky, como também o de Dunne, se realizaram muitos anos mais tarde. Estava no voo inaugural do seu primeiro Cliper quando se encontrou caminhando ao longo daquele conhecido corredor.

David riu-se com timidez.

- Já puderam imaginar do que se tratava meu sonho. - continuou – E lembrem que eu não teria ficado com uma impressão permanente se não tivesse me ocorrido um caso análogo àqueles.

«Eu me encontrava em uma pequena sala nua, sem janelas. Havia comigo dois homens e todos estávamos usando o que na época se conhecia como trajes de luxo. Havia na minha frente um curioso painel de comandos que tinha uma tela circular incorporada. Naquela tela havia uma imagem, mas não significou nada para mim. E agora não consigo recordar dela, embora tenha tentado muitas vezes desde então. Tudo o que me lembro é que me voltei para os outros dois homens e disse: «Faltam cinco minutos, rapazes», embora não esteja certo de que foram essas as palavras exatas. E então, naturalmente, acordei.

«Aquele sonho vem me perseguindo desde que me tornei piloto de provas. Não, perseguindo não é a palavra exata; o sonho me tem dado a confiança de que no fim tudo correrá bem, pelo menos até que eu me encontre naquela cabine com aqueles dois homens. O que acontece depois, não sei. Mas agora já podem compreender porque me senti a salvo quando desci no A.20 e quando aterrissei de uma vez com o A.15 junto à Pastelaria.

«De forma que agora já sabem. Podem rir se quiserem; às vezes até mesmo eu rio. Mas mesmo se for apenas uma ilusão, aquele sonho vem dando uma segurança ao meu subconsciente e me tem sido útil.

Rimos. E, ao cabo de um instante, Jimmy disse:

- Aqueles outros dois homens. Não os reconheceste?

David pareceu duvidar.

- Nunca consegui decidir-me. - contestou - Lembrem que usavam trajes espaciais e que eu não podia ver bem os seus rostos. Mas um deles se parecia bastante contigo, embora parecesse maior do que és agora. E sinto dizer, mas tu estavas ale também, Arthur.

- Me alegro em saber. - disse - Como já te disse antes, tenho que ficar para explicar o que vai mal. Me contento em esperar até que comece o serviço de passageiros.

Jimmy se levantou.

- Bem, David. - disse - Vou ocupar-me com os que estão lá fora. Agora dorme um pouco, com ou sem sonhos. E enquanto isso o A.20 estará novamente no ponto dentro de uma semana. Creio que será o último dos foguetes químicos. Dizem que a propulsão atômica está quase pronta para nós.

* * *

Não voltamos mais a falar do sonho de David, mas acredito que ele permaneceu presente em nossas mentes. Três meses mais tarde o A.20 chegou a seiscentos e oitenta quilômetros, um recorde que nunca será batido por máquinas daquele tipo, uma vez que ninguém voltará mais a construir um foguete químico. A aterrizagem sem incidentes de David, no Vale do Nilo, marcou o fim de uma época.

Passaram-se três anos, antes que o A.21 estivesse pronto. Parecia muito pequeno, comparado aos seus gigantescos predecessores e era difícil acreditar que era o mais próximo de uma nave espacial que o homem jamais havia construído.

Desta vez o lançamento era ao nível do mar. E as Montanhas Atlas, que haviam presenciado o começo dos nossos primeiros lançamentos, não eram agora senão uma distante tela de fundo da nossa cena.

Naquele tempo, Jimmy e eu havíamos chegado a compartilhar a confiança de David no seu próprio destino. Recordo das últimas palavras de Jimmy quando foi fechada a eclusa de ar:

- Agora não demoraremos muito, David, a construir aquela nave para três homens. E eu sabia que ele estava apenas brincando um pouco.

Vimos como o A.21 subia lentamente para o céu, descrevendo círculos de largura crescente, de forma diferente de todos os foguetes que o mundo havia conhecido até então. Não havia necessidade de se preocupar pela perda gravitacional, agora que tínhamos uma fonte de fornecimento de combustível incorporada na máquina. E David não tinha pressa. A máquina se movia ainda com bastante lentidão quando a perdi de vista e me dirigi à sala de observação.

Cheguei ali justamente quando o sinal estava desaparecendo e a detonação chegou aos meus ouvidos um pouco mais tarde. E aquele foi o fim de David e dos seus sonhos.

Outra coisa que recordo daquele período, é ter voado ao longo do Vale de Conway no helicóptero de Jimmy, com o Snowden que resplandecia à distância e à nossa direita. Nunca tínhamos estado na casa de David e a visita não nos animava muito. Mas era o mínimo que poderíamos fazer.

Enquanto as montanhas deslizavam sob nós, falávamos sobre o futuro repentinamente obscurecido e nos perguntávamos o que iríamos fazer a seguir. Além do sentimento pessoal da perda, começávamos a nos dar conta do ponto a que havíamos chegado compartilhando a confiança de David. E agora aquela confiança havia sido destruída.

Nos perguntávamos que faria Mavis e discutíamos o futuro do garoto. Devia agora ter quinze anos, mas eu não o havia visto há muitos anos e Jimmy não o conhecia. Segundo seu pai, seria um arquiteto e prometia muito.

Mavis estava tranquila e senhora de si, embora tenha me parecido muito mais velha, desde a última vez que a vi. Durante um momento falamos de alguns assuntos e do arranjo dos bens de David, embora eu nunca tivesse sido um executor.

Havíamos justamente começado a discutir sobre o rapaz, quando ouvimos que a porta da frente se abria e que ele entrava em casa. Mavis chamou-o e seus passos soaram lentamente ao longo do corredor. Compreendemos que não tinha vontade de nos ver e seus olhos ainda estavam avermelhados quando entrou na sala.

Eu havia me esquecido o muito que ele se parecia ao seu pai.

- Olá David – eu disse.

Mas ele não me olhou. Estava contemplando Jimmy, com a expressão perplexa da pessoa que já tinha visto alguém antes, mas que não podia lembrar de onde.

E repentinamente eu soube que o jovem David nunca seria um arquiteto.

A SENTINELA

Da próxima vez: que vir a lua cheia, bem alta no quadrante sul, observe cuidadosamente sua borda direita. Deixe os olhos viajarem pela curva do disco. Por volta das duas horas, você notará uma mancha oval, pequena e escura: qualquer pessoa com visão normal pode encontrá-la com muita facilidade. É uma grande planície rodeada de penhasco, uma das mais admiráveis da Lua, conhecida como *Mare Crisium* - o Mar das Crises. Com trezentas milhas de diâmetro, quase completamente cercado por um anel de montanhas magníficas, nunca fora explorado até o final do verão de 1996, quando nele pisamos pela primeira vez.

Nossa expedição era grande. Possuíamos duas possantes naves cargueiras, que nos trouxeram suprimentos e equipamentos da principal base lunar, a quinhentas milhas de distância, no *Mare Serenitatis*. Havia ainda três pequenos foguetes, planejados para o transporte de curto alcance, utilizados em regiões que nossos veículos de superfície não podiam atravessar. Felizmente, a maior parte do *Mare Crisium* é muito plana. Não há nenhuma das grandes fendas, tão comuns e perigosas, que existem em muitos outros pontos. Há pouquíssimas crateras e não existem rochedos. Tínhamos certeza de que nossos poderosos tratores de lagartas não teriam dificuldades em nos levar aonde quiséssemos ir.

Sou um geólogo - ou selenólogo, se você quer ser pedante - encarregado do grupo que explora a região sul do mar. Cortamos cem milhas do seu terreno numa semana. Fomos contornando os contrafortes das montanhas, seguindo a costa do que, outrora, foi o antigo mar, cerca de mil milhões de anos atrás. Quando a vida estava começando na Terra, ele já agonizava, ali, na Lua. As águas foram recuando, descendo pelos flancos dos estupendos penhascos, recuando para o seio sem vida da superfície lunar. Antigamente, sobre o solo que estávamos cruzando, aquele oceano sem marés tivera meia milha de profundidade. Agora; o único traço de umidade era a geada que às vezes podíamos encontrar em grutas onde a abrasadora luz do sol nunca penetrou.

Começamos nossa jornada logo no início do lento amanhecer lunar. Ainda tínhamos, porém, quase uma semana de tempo terrestre antes do pôr-do-sol. Meia dúzia de vezes por dia abandonávamos nossos veículos, saíamos em trajes espaciais. Procurávamos minerais que pudessem interessar ou fixávamos marcos para a orientação de futuros viajantes. Era uma rotina monótona. Nada há de imprevisto, nem mesmo de particularmente empolgante numa exploração lunar. Podemos viver confortavelmente por um mês em nossos tratores pressurizados e, se tivermos problemas, sempre é possível pedir auxílio pelo rádio, e ficarmos firme, até que uma das espaçonaves venha para o resgate.

Acabei de dizer que nada há de empolgante numa exploração lunar, mas, no fim

das contas, isso não é verdade. Jamais nos cansaríamos de apreciar aquelas montanhas incríveis, muitíssimo mais acidentadas do que as suaves colinas da Terra. Além disso, enquanto rodeávamos os cabos e promontórios do mar extinto, nunca sabíamos que novos esplendores a paisagem nos revelaria. Toda a curva sulina do *Mare Crisium* é um vasto delta, onde antigamente inúmeros rios encontravam seu caminho para o oceano, alimentados, talvez, pela água torrencial das chuvas que devem ter açoitado os penhascos na breve era vulcânica, quando a Lua era jovem. Cada um dos antigos vales era um convite, desafiando-nos a galgar aquelas desconhecidas regiões montanhosas. Mas tínhamos de cobrir ainda cem milhas; só podíamos fixar os olhos ávidos nos cumes que outros deverão escalar.

A bordo do trator, nos orientávamos pelo tempo terrestre. Precisamente às vinte e duas horas, a mensagem final de rádio seria enviada para a base, e daríamos as atividades do dia por encerradas. Do lado de fora as rochas continuariam queimando sob o sol quase a prumo, mas para nós seria noite, até que, oito horas mais tarde, despertássemos de novo. Então, um de nós prepararia o café da manhã, haveria muito zumbido de barbeadores elétricos e alguém sintonizaria o rádio de ondas curtas com a Terra. Na verdade, quando o cheiro de linguças fritas começava a se espalhar pela cabine, era difícil acreditar que não estávamos de volta ao nosso mundo. Tudo era normal e familiar, a não ser a sensação de menos peso e a insólita lentidão com que os objetos caíam.

Era a minha vez de preparar o café da manhã, num canto que servia de cozinha na cabine central. Mesmo depois de tantos anos, posso me recordar bem nitidamente desse momento, pois o rádio tocara uma de minhas músicas preferidas, a velha melodia de Gales: David of the White Rock. Nosso motorista já estava do lado de fora em seu traje espacial; inspecionava as correias de lagartas. Meu assistente, Louis Garnett, ocupara seu posto e fazia algumas anotações atrasadas no diário de bordo, com a data da véspera.

Enquanto me mantinha perto da frigideira, como uma terrestre dona-de-casa, esperando que as linguças fritassem, deixei os olhos perambularem preguiçosamente pelos paredões das montanhas, escarpas que cobriam a totalidade do horizonte sulino, só saindo de vista para leste e oeste, abaixo de curva da superfície lunar. Pareciam estar apenas a uma ou duas milhas do trator, mas eu sabia que a mais próxima ficava a vinte milhas de distância. Evidentemente, sobre a Lua, não há perda de detalhe com a distância, nada daquela nebulosidade quase imperceptível que atenua e, às vezes, transfigura todas as coisas vistas de grande distância na Terra.

Aquelas montanhas tinham mais de três mil metros de altura e se elevavam a pique dos sopés na planície. Parecia que, eras atrás, alguma erupção subterrânea as tinha fendido, lançando-as violentamente para o alto, arremessando-as em crostas abrasadas. Mesmo a base da mais próxima ficava oculta pela curvatura escarpada da superfície da planície, pois a Lua é um mundo muito pequeno e, de onde eu estava, o horizonte ficava apenas a duas milhas de distância.

Ergui os olhos para os picos que homem algum havia escalado. Antes do surgimento da vida na Terra, esses cumes viram os oceanos recuarem, submergirem lentamente em seus túmulos, nos entalhes das rochas. Levavam com eles a esperança, a promessa matinal de um mundo. A luz do sol batia nessas muralhas com um clarão que feria os olhos, ainda que logo acima, inabaláveis, as estrelas brilhassem num céu mais negro que uma meia-noite de inverno na Terra.

Ia desviando o olhar quando captei um brilho metálico. Vinha de uma elevada aresta do grande promontório que mergulhava no mar, trinta milhas a oeste. Era um

ponto de luz, não possuía dimensões precisas. Era como se uma estrela tivesse sido tirada do céu pelo pico afiado. Imaginei também que alguma superfície plana de rocha estivesse atraindo fortemente a luz do sol e heliografando-a em cheio para os meus olhos. Esse tipo de coisa não era incomum. Quando a lua está no quarto-minguante, mesmo um observador na Terra pode, às vezes, ver as grandes cordilheiras, no *Oceanus Procellarum*, queimarem com uma iridescência azul e branca, quando a luz do Sol faísca de suas encostas e se lança de mundo a mundo. Mas estava curioso por saber que espécie de rocha estaria reluzindo tão brilhantemente lá em cima. Subi à torre de observação e girei para oeste nosso telescópio de quatro polegadas.

Não consegui ver grande coisa. Nítidos e agudos no campo de visão, os picos das montanhas pareciam somente a meia milha de distância, mas o que quer que estivesse captando a luz do Sol se mostrava pequeno demais para ser identificado. Parecia, contudo, ter uma indefinível simetria, e se achava sobre um cume singularmente plano. Observei o enigma brilhante durante um longo tempo. Estirei os olhos para o espaço até que o cheiro de queimado, na cozinha, me informou que as linguças de nosso desjejum tinham feito sua viagem de um quarto de milhão de milhas em vão.

Discutimos o ponto luminoso durante toda a manhã em nosso caminho pelo *Mare Crisium*, enquanto as montanhas do oeste se erguiam mais alto no céu. Mesmo quando estávamos do lado de fora, fazendo sondagens com roupas espaciais, a discussão continuou pelo rádio. Era absolutamente certo, meus companheiros argumentavam, que nunca houvera qualquer forma de vida inteligente na Lua. As únicas coisas vivas que já existiram ali foram algumas plantas primitivas e seus ancestrais vegetais, ligeiramente menos degenerados. Eu sabia disso tão bem quanto qualquer um, mas há momentos em que os cientistas não devem ter medo de fazer papel de tolos.

- Escutem - disse eu por fim -, vou lá em cima, nem que seja para tirar o peso da consciência. Essa montanha tem pouco mais de três mil e quinhentos metros de altura, o que representa apenas uns seiscentos metros em termos de gravidade terrestre. Posso fazer a viagem em vinte horas no máximo. Além disso, sempre quis subir naqueles rochedos. Isso me deu um excelente pretexto.

- Se não quebrar o pescoço... - disse Garnett -, você vai ser o pato da expedição, quando voltarmos à base. Provavelmente, passarão a chamar aquela montanha de "Asneira de Wilson".

- Não vou quebrar meu pescoço - disse com firmeza. - Quem foi o primeiro homem a escalar *Pico* e *Hélicon*?

- Será que você não era um pouco mais jovem naquele tempo? - perguntou Louis com brandura.

Respondi com muito brio:

- Essa é uma boa razão para ir, para voltar a escalar! Fomos cedo para a cama naquela noite, após ter guiado o trator por meia milha do promontório. Garnett saiu comigo de manhã; era um bom alpinista e já em muitas outras ocasiões me fizera companhia em proezas desse tipo. Nosso motorista ficou bastante alegre por ter de ficar em seu posto, cuidando da máquina.

À primeira vista, aqueles penhascos pareciam completamente inabordáveis, mas para alguém com boa cabeça para as alturas não é difícil escalar na Lua, onde todos os pesos têm somente um sexto do valor normal. No montanhismo lunar, o verdadeiro perigo está na super confiança. Uma queda de duzentos metros pode matar, exatamente como acontece numa queda de trinta metros na Terra.

Demos nossa primeira parada numa ampla saliência de rocha, a cerca de mil e trezentos metros sobre a planície. Subir não fora muito difícil; meus braços estavam entorpecidos com o esforço não habitual, mas de resto eu estava satisfeito. Ainda podíamos ver o trator, um minúsculo inseto de metal lá longe, nos pés do rochedo. Informamos nosso progresso ao motorista, antes de recomeçar a subida.

Dentro de nossos trajes estava confortavelmente fresco, pois as unidades de refrigeração iam repelindo o sol violento e evitando que o corpo esquentasse com os exercícios. Raramente falávamos um com o outro, exceto para transmitir instruções sobre a escalada e discutir os melhores planos de ascenso. Não sei o que Garnett estava pensando... Provavelmente, que isto era a caçada mais maluca de que já participara. Eu concordaria quase por completo com ele, mas o prazer de conquistar o penhasco, a sensação de que nenhum homem jamais seguira aquele caminho antes e a empolgação do amplo panorama davam-me toda a recompensa de que eu precisava.

Não creio que tenha sentido grande entusiasmo quando vi pela frente o muro de rocha, que inspecionei de trinta milhas de distância ao telescópio. Cerca de quinze metros acima de nós havia um platô nivelado e, nele, a coisa que me atraía para essa vastidão estéril. Certamente, nada mais era do que um penedo lascado, há centenas de séculos, por um meteoro. Suas superfícies planas e laminadas ainda estariam brilhantes neste silêncio invariável, inalterável.

Não havia fendas na rocha e tivemos de usar uma âncora. Meus braços fatigados pareceram ganhar nova energia quando brandi aquela âncora de três pontas em volta de minha cabeça, fazendo-a zarpar na direção das estrelas. Da primeira vez soltou-se e veio caindo lentamente quando puxei a corda. Na terceira tentativa, as pontas agarraram com firmeza e nossos pesos combinados não puderam deslocá-la.

Garnett olhou-me ansioso. Podia jurar que ele queria ir na frente, mas lhe sorri através do visor do capacete e fiz que não com a cabeça. Lentamente, tomando a dianteira, comecei a subida final.

Mesmo com o traje espacial, pesava somente dezoito quilos ali. Subi apenas com as mãos, sem me dar ao trabalho de usar os pés. Na beirada, fiz uma pausa e acenei para o companheiro. Depois me levantei apoiando as mãos na orla do penhasco; fiquei de pé, olhando à frente.

Você deve entender que até este exato momento eu estivera quase inteiramente convencido de que nada podia haver de estranho ou incomum naquela rocha. Fora apenas uma dúvida obcecante que me levava até lá. Agora, no entanto, já não era mais uma dúvida e a obsessão apenas começava.

Eu estava de pé num platô de talvez trinta metros de extensão. Antigamente fora muito suave - suave demais para ser natural - mas a queda de meteoros, através de períodos de tempo incomensuravelmente longos, tinha esburacado e marcado sua superfície. O platô fora nivelado para suportar uma estrutura piramidal, áspera e brilhante, com duas vezes a altura de um homem. Essa pirâmide estava fixada na rocha, como uma gigantesca joia de inúmeras faces.

É provável que, naquele instante inicial, eu não tivesse sentido nenhuma emoção. Depois, no entanto, meu coração passou a bater acelerado e experimentei uma alegria estranha, inexprimível. Pois eu amava a Lua e sabia agora que os abjetos musgos de *Aristarchus* e *Eratosthenes* não eram a única vida que ela engendrara em sua juventude. O velho e desacreditado sonho dos primeiros exploradores era verdadeiro. Afinal, houve uma civilização lunar. E fui o primeiro a descobri-la. Que tivesse vindo com um atraso de talvez cem milhões de anos era coisa que não me afligia; foi absolutamente suficiente ter vindo.

Minha mente estava voltando a funcionar de modo normal capaz de analisar e formular questões. Era aquilo um prédio, uma habitação, um santuário? Ou alguma coisa para a qual minha linguagem não tinha palavras? Se fosse um prédio para habitação, por que o tinham construído num ponto tão incrivelmente inacessível? Mas poderia ser um templo. Imaginei os adeptos de alguma crença estranha, invocando seus deuses para que os poupassem, já que a vida refluiu na Lua com os oceanos agonizantes. Chamaram seus deuses em vão!

Dei alguns passos à frente para examinar a coisa mais de perto. No entanto, um certo senso de prudência fez com que eu não me aproximasse demais. Entendia um pouco de arqueologia e tentei uma estimativa do nível cultural daquela civilização, da civilização que teria aplainado a montanha e erguido superfícies brilhantes como espelhos, que ainda me ofuscavam os olhos.

Os egípcios podiam ter feito um trabalho desses, pensei, se seus trabalhadores possuísem os estranhos materiais que aqueles arquitetos lunares, muito mais antigos, tinham utilizado. Devido ao pequeno tamanho da coisa, não me ocorreu que pudesse estar contemplando a obra de uma espécie mais avançada que a minha. A ideia de que a Lua tinha abrigado vida inteligente já era uma hipótese quase excessivamente arrojada. Meu orgulho não me permitia dar um mergulho final, humilhante e decisivo no passado, para admitir a existência de uma civilização mais evoluída.

Foi então que notei uma coisa de me arrepiar os cabelos; uma coisa tão banal e tão inocente que muitos nem mesmo chegariam a perceber. Disse que o platô foi marcado por meteoros; ele foi também profundamente coberto de poeira cósmica, que está sempre se infiltrando na superfície de qualquer mundo onde não existem ventos para espalhá-la. Contudo, as marcas da poeira e dos meteoros terminavam abruptamente em volta de um amplo círculo que rodeava a pequena pirâmide. Era como se um muro invisível a estivesse protegendo da devastação do tempo e do lento mas incessante bombardeio do espaço.

Havia alguém gritando nos meus fones de ouvido e percebi que Garnett, já há algum tempo, estava me chamando. Caminhei sem muita firmeza para a beira do penhasco e lhe fiz sinal para que se juntasse a mim - não confiava que conseguisse falar... Depois voltei para o círculo na poeira. Peguei um fragmento de rocha estilhaçada e o atirei devagar, na direção do reluzente enigma. Se a pedra tivesse mergulhado naquela estranha barreira nada haveria de surpreendente, mas ela parecia ter batido numa superfície suave, hemisférica, pois resvalou suavemente para o solo.

Compreendi então que não estava frente a nada que tivesse paralelo na antiguidade de minha própria espécie. Não era uma construção, mas uma máquina, protegendo-se a si mesma com forças que desafiaram a Eternidade. Essas forças, o que quer que fossem, ainda estavam operantes e talvez eu já tivesse chegado perto demais. Pensei em todas as irradiações que o homem enfrentara no século passado. Entendi que podia estar tão irrevogavelmente condenado como se tivesse penetrado na aura silenciosa e mortal de uma pilha atômica sem blindagem.

Lembro de me ter virado para Garnett, que estava agora imóvel a meu lado. Parecia completamente absorto e não o perturbei. Caminhei para a beira do penhasco, procurando colocar meus pensamentos em ordem. Lá embaixo se achava o *Mare Crisium* - Mar das Crises, certamente - estranho e misterioso para a maioria dos homens, mas tranquilizadamente familiar para mim. Ergui os olhos para a Terra em meia-lua jazendo em seu berço de estrelas. Perguntei a mim mesmo o que nossas nuvens cobriam quando os desconhecidos construtores lunares acabavam seu

trabalho. A Terra ainda seria a fumegante selva dos carboníferos, já teria as praias desoladas onde os primeiros anfíbios se arrastavam, seria ainda a vasta solidão de antes do início da vida?

Não me pergunte por que não descobri a verdade mais cedo, a verdade que, agora, parece tão evidente. Na empolgação inicial, considerei fora de dúvida que a cristalina aparição fora construída por alguma espécie pertencente ao passado remoto da Lua, mas, de repente, com força esmagadora, fiquei certo de que aquilo era tão alheio ao satélite quanto eu mesmo.

Em vinte anos, nenhum traço de vida fora encontrado, a não ser algumas plantas degeneradas. Nenhuma civilização lunar, qualquer que fosse o seu destino, deixaria apenas um único indício de sua existência.

Contemplei novamente a pirâmide brilhante. Parecia cada vez mais estranha a tudo o que se relacionava com a Lua. De súbito, fui sacudido por um riso absurdo, histérico, causado pela empolgação e pela fadiga excessiva: pois imaginara que a pequena pirâmide estava falando comigo, e eu dizia "Sinto muito, mas também não sou daqui."

Levamos vinte anos para romper a invisível blindagem e alcançar a máquina encerrada naquele muro de cristal. O que não pudemos compreender, acabamos por quebrar com a força selvagem da energia atômica. Hoje vi os fragmentos da máquina brilhante, fascinante, que encontrei no alto da montanha.

Eles não fazem sentido. Os mecanismos (se na verdade são mecanismos) da pirâmide pertencem a uma tecnologia que jaz muito além de nosso horizonte, talvez a uma tecnologia de forças parafísicas.

O mistério assombra-nos a todos, ainda mais agora, quando os outros planetas foram alcançados e sabemos que somente a Terra tem sido o lar da vida inteligente em nosso universo. Nenhuma civilização perdida de nosso próprio mundo poderia ter construído aquela máquina, pois a densidade da poeira meteórica do platô nos permitiu calcular sua idade. Foi colocada sobre a montanha antes que a vida emergisse dos mares da Terra.

Quando nosso mundo estava na metade da era atual, alguma coisa vinda das estrelas, correndo pelo sistema solar, deixou esta marca de sua passagem e seguiu outra vez seu caminho. Até a destruímos, aquela máquina estava cumprindo os objetivos de seus construtores; e quanto a esses objetivos, aqui está minha hipótese:

Aproximadamente cem mil milhões de estrelas estão girando no âmbito da Via Láctea. Há muito tempo, outras espécies, nos mundos de outros sóis, devem ter alcançado e ultrapassado os limites que atingimos. Pensemos em tais civilizações, a grande distância no passado, na aurora gradual da Criação, senhoras de um universo tão jovem que a vida só conseguira abarcar um punhado de mundos. Essas civilizações estariam numa solidão inimaginável, solidão de deuses olhando através do infinito e não encontrando ninguém para compartilhar seus pensamentos.

Devem ter sondado os exames de estrelas, como nós sondamos os planetas. Em todo lugar havia mundos, mas estavam vazios ou povoados de coisas abjetas, irracionais. Assim estava também a Terra, os céus manchados pela fumaça dos grandes vulcões, quando aquela primeira nave dos povos do amanhecer veio deslizando pelos abismos que se estendem para lá de Plutão. Não se detiveram rios planetas congelados, conscientes de que a vida não poderia ter nenhum papel em seus destinos. Pararam entre os planetas interiores, aquecendo-se a si mesmos em

volta do fogo do Sol, esperando que aqueles astros comesçassem suas histórias.

Esses viajantes devem ter lançado os olhos sobre a Terra, circulando em segurança na estreita zona entre fogo e gelo. Devem ter calculado que o planeta era o favorito dentre os filhos do Sol. Aqui, num futuro distante, haveria inteligência. Contudo, tinham incontáveis estrelas pela frente e talvez jamais cruzassem de novo este caminho.

Por isso deixaram uma sentinela, uma dentre os milhões que espalharam pelo universo, montando guarda em todos os mundos com promessas de vida. Era radiofarol, que pacientemente, através das idades, assinalou que ninguém o descobrira.

Talvez você compreenda agora por que aquela pirâmide de cristal estava colocada sobre a Lua e não na Terra. Seus construtores não estavam interessados em espécies que ainda lutavam para sair da selvageria. Só teriam interesse em nossa civilização se provássemos uma aptidão para sobreviver: cruzando o espaço, escapando dos limites da Terra, nosso berço. E o desafio que, mais cedo ou mais tarde, todas as espécies inteligentes têm de enfrentar. É um duplo desafio, pois depende da conquista da energia atômica e da escolha decisiva entre a vida e a morte.

Uma vez que já superamos essa crise, encontrar a pirâmide, e conseguir abri-la, era só questão de tempo. Agora seus sinais cessaram. Os que estavam na escuta certamente voltaram suas mentes para a Terra. Talvez desejam auxiliar nossa jovem civilização. Devem, no entanto, ser muito, muito velhos e, frequentemente, os velhos têm uma inveja insana dos moços.

Atualmente nunca consigo olhar para a Via Látea sem me perguntar de que ponto, entre aquelas amontoadas nuvens de estrelas, os emissários vieram. Mas se você descarta tamanho lugar-comum com um sorriso, desligamos o alarme. Nada mais faremos além de esperar.

Não creio que tenhamos de esperar por muito tempo.